

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA E UNIMED BH APRESENTAM



PATROCÍNIO



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

COELHO, C. T. A.; MARÇAL, M. L. M.L.; BEDÊ, D. T. (Orgs.). Circunstância Mostra Tudo: 10 anos em revista.

1ª Edição. Belo Horizonte: Companhia Circunstância, 2015.

Créditos

Capa e diagramação: Fabiano Lana

Ilustração capa: Tita Marçal

Companhia Circunstância – Todos os direitos reservados.



DEDICATÓRIA

Dedicamos este registro a todas aquelas pessoas que já tiveram vontade de fugir com o circo, que já se imaginaram no lugar do palhaço recebendo os aplausos do público, ganhando, perdendo, levando uma torta na cara e fazendo todo mundo rir!

Ao amigo e poeta Daniel Uirapuru, pássaro livre e cantador, cujas inspirações nutriram as primeiras sementes desta publicação e que hoje nos lê com os olhos diluídos no infinito, rindo-se de nossa brincadeira de viver. Amor é onipresença, saudade é reaprender a sentir.

AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer a todo público que tenha nos assistido, pois esse simples olhar foi responsável por quase tudo o que aprendemos. A todas as pessoas que se dedicam a fazer o outro sorrir neste mundo louco em que vivemos. A todo artista popular que sai de casa em busca de encontros pelo simples prazer de brindar a vida. A todos os Pedros Malasartes que conhecemos nos caminhos percorridos. Aos mestres e mestras que nos ensinaram a grandeza da arte do circo, do teatro e da palhaçaria.

Boa leitura!

Cia Circunstância

Como usar essa revista

- Abra a revista (o que provavelmente você já fez)
- Verifique se o seu dedo indicador está limpo
 - Lamba o indicador
- Vira a página pela pontinha com o indicador
- Comece a ler a página virada até o fim, quando chegar ao final, repita o processo do indicador
 - Leia a outra página
- Repita esse processo até acabar a revista

Recomendamos o uso durante aquelas reinadas, sabe...

Sumário

COMPANHIA CIRCUNSTÂNCIA: MEMÓRIAS	E	Dobradinha temporã.....53
HISTÓRIAS DE DEZ ANOS DE EXISTÊNCIA..... 10		Ocupando, resistindo e construindo.....55
Grupo Strada.....13		De volta à terrinha... Álvaro Lages em... .. 57
Experimento em 2 Estados.....14		Vivendo e aprendendo a jogar.....57
A Vila dos Sonhos na Praça do Papa, BH/MG.....16		Através do tempo..... 59
A criação da Companhia Circunstância.....17		Nem só de palco vive o palhaço – Oficinas da Mostra Tudo... 59
A entrada do Evandro na Cia: o faxineiro chiliquento...18		Palhaçarias..... 60
Parque Municipal, berço do Coletivo de Palhaços.....20		O Palhaço Tradicional..... 62
Trabalhos cruzados: Os Plantas e o Fuscazul rumo ao Nordeste.....21		Gestão Cultural: Um faz tudo da Cultura..... 64
O espetáculo Antes Solo do que Malacompanhado...25		Cocalhaço..... 65
A entrada do Miguel.....26		O Jogo do Palhaço 66
A Casa/Família: Espaço Trampulim Cultural.....27		Corpo cômico, quedas, cascatas e tropeços..... 66
O espetáculo Palhaços à Vista.....28		Rodas de conversa – Notas e observações sobre um contexto experimentado.....68
Os espetáculos de dupla: De Mudança e Pequeno Grande Encontro.....30		A clássica realidade do tradicional palhaço contemporâneo. O palhaço contemporâneo..... 68
Prêmio da Funarte Artes Cênicas nas Ruas: Cia Circunstância - 5 anos em boa companhia..... 32		O comum nas políticas públicas na cultura: Davi e Golias..... 69
A entrada da Dag: a energia feminina transformada em riso.....32		Vai ter que rebolar... Encontros e Festivais..... 72
Encontros, Festivais e Coletivos.....35		Atividades Extras..... 75
Criação e montagem do espetáculo De Mala às Artes...37		Cabaré Mostra Tudo..... 76
Prêmio Myrian Muniz: Circunstância rumo ao Norte....40		RESPEITÁVEL PÚBLICO, COM VOCÊS... CINCO BIOGRAFIAS EM CONSTRUÇÃO 78
Outras notas sobre os 10 anos de caminhada.....42		Diogo Dias, o palhaço Alegria Também..... 80
		Luciano Antinarelli, o palhaço Guimba 82
A SABOROSA FESTA DE 10 ANOS: CIA. CIRCUNSTÂNCIA MOSTRA TUDO EM BOA COMPANHIA.....46		Evandro Heringer, o palhaço Repimboca..... 84
Pelo Direito à Arte e à Cidade.....47		Miguel Safe, o palhaço Bambulino..... 87
Côcortejo de Abertura.....48		Dagmar Bedê, a palhaça Tica Tica do Fubá..... 89
Geleia Geral - palco aberto e horizontal.....49		
Que som é esse?.....50		PARA CONCLUIR...“EU VOU ALI E VOLTO JÁ...”92
Um Elogio à Solicitudude.....51		V. REFERÊNCIAS.....94
Espectáculo 1, 2, 3... Testando!.....52		Nota sobre as organizadoras:.....95

Apresentação

É com muita alegria e frio na barriga que apresentamos a todos a revista Circunstância Mostra Tudo – 10 anos em revista, publicação idealizada e produzida pela Companhia Circunstância, por meio do projeto Mostra Tudo - 10 anos da Cia Circunstância. Durante 41 dias de muita arte e comunhão a companhia promoveu uma mostra em celebração aos seus dez anos de existência e dedicação ao circo e a arte de rua. A revista é parte das ações promovidas pelo projeto, tendo como finalidade contar um pouco da história dessa trupe, fundada em 2004, com sede na capital mineira, que se aventura nos palcos da vida, ocupando praças, ruas e espaços alternativos, fazendo jus à máxima que diz: “o artista vai onde o público está”.

A Cia. Circunstância é composta por Diogo Dias, Luciano Antinarelli, Evandro Heringer, Miguel Safe e Dagmar Bedê – artistas de Belo Horizonte que têm em comum a entrega à arte do palhaço; a pesquisa nas linguagens circenses e teatrais; e, as relações entre o circo e o teatro de rua. Sua filosofia é pautada na premissa da palhaçaria: o riso – para além do seu significado literal, mas compreendido como um gesto que agrega emoções e sentidos. Sejam tímidos, como aqueles dados com o canto da boca ou extravagantes como uma gargalhada forte, ruidosa e prolongada. Sobretudo, o riso que nos provoca a refletir e a reconhecer a nossa humanidade de forma igualitária independente das diferenças.

A história da palhaçaria remonta a história das sociedades. Desde que o mundo é mundo, onde havia uma causa pela qual se lutar, uma questão política qualquer em que se fizesse necessário veicular conhecimento,

na maioria das vezes, para desestabilizar as relações de poder por meio de micro ações de conscientização, lá estava ele, o palhaço – com sua mala cheia de esperança e brincadeira, destilando verbo, crescendo em gesto, botando a boca no mundo para gerar afetos.

Afeto que é afeto, não se preocupa com a qualidade do efeito que gera. Ocupa-se unicamente em afetar, estabelecer o contato que gera efeito. A qualidade deste efeito é algo que vai muito além das intenções do artista. A ele cabe simplesmente, munir-se de seu mais honesto interesse para catalisar boas ações no mundo. E aceitar o fato de que na hora do “vamos ver”, no exato momento em que sua arte encontra o mundo, o modo com que sua graça reage no interior inconsciente das pessoas, é algo cujo controle sempre lhe escapará.

Assim mesmo ele segue, com a sua boa intenção no peito e sua ingênua coragem para mudar o mundo. O palhaço é agente de transformações sociais. E assim faz, quando age consciente dessa proeza. Dotado de uma habilidade ímpar proporcional ao tamanho do seu talento: sabe abrir-se, mostrar-se em todos os ângulos possíveis, não só se despe das aparências, como sabe virar-se ao avesso, a mostrar ao mundo o que tem por dentro, para além da pele onde a vista não alcança.

A quem o vê ele serve como espelho: reflete-nos em sua humanidade. Diante de um verdadeiro palhaço reconhecemos e nos envaidecemos das nossas virtudes, assim como, também nos deparamos com tudo o que em nós há de ridículo, frágil, de torpe e egoísta, estúpido e incoerente. Vemo-nos refletidos nas virtudes e fraquezas do palhaço. A diferença é que passamos a vida a esconder, por trás de uma cortina de aparências aquilo que nos envergonha e que nosso padrão social tende a recriminar. O palhaço ao contrário, vive de saber ser, sem escolhas e julgamentos, simplesmente é o que é em sua graciosa imperfeição humana. E diante dele confessamos, silenciosamente, a nossa debilidade e num sorriso nos perdoamos.

Encontrar a linguagem capaz de gerar afeto e comunicação efetiva em um determinado contexto significa estar atento para observar sem ânsias e julgamentos a fluência dos fenômenos que nos cercam; e ser sensível para discernir as conexões cabíveis entre estas manifestações e campo simbólico com o qual se deseja trabalhar artisticamente. Dessa maneira, a Companhia Circunstância compreende, pela experiência que tem cultivado durante seus dez anos, que não é outro lugar senão a rua, o contexto originário de suas inspirações. Foi neste meio onde a trupe nasceu e é nele que ela encontra o terreno mais fértil pra lançar suas sementes. Difícil é saber quem veio primeiro, “se o ovo ou a galinha”. Assim

também fica difícil entender se a trupe escolheu a rua, ou se foi a rua quem escolheu a presença do palhaço.

Os figurinos mambembes, a literatura de cordel, a musicalidade do coco, do samba de roda e outros ritmos regionais são, entre outros, elementos comuns ao trabalho dessa trupe e revelam os matizes com as quais ela busca colorir e dar sentido ao seu trabalho. Ao se falar de cultura popular, para cultura popular, por meio de números clichês da palhaçaria clássica, ressuscitando personagens tradicionais como é o caso dos espetáculos: Palhaços à Vista e De Mala às Artes em que transitam entre elementos do imaginário popular, a partir da noção de que nenhum clichê chega a ser recorrente por mero acaso. Torna-se assim porque funciona, porque tem abrangência universal, possui potencial para atravessar as barreiras culturais e comunicar além, no nível das sensações, ecoando e encontrando sentido no interior de cada pessoa, no que ela tem de mais humano.

Sempre em frente, na missão de comunicar e gerar transformações, expressar a toda gente o que a arte tem a dizer, sem presunção, a Companhia Circunstância traz à cena recortes da própria rua, em toda sua diversidade, percorrendo as sutilezas que marcam esta efervescente trama de afetos. Percursos corriqueiros, que todo mundo segue, todo mundo vê, todos conhecem, e que são tão comuns, mas tão comuns, que quando vira teatro, todo mundo aplaude.

Abraços!

Clícia Coelho e Tita Marçal – Organizadoras



“No fim, tudo é uma piada.”

Charles Chaplin

COMPANHIA CIRCUNSTÂNCIA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE DEZ ANOS DE EXISTÊNCIA

Em qualquer lugar do mundo pessoas buscam pessoas no simples intuito de reconhecer afinidades entre elas. Soma-se a isto o desejo inexplicável do acaso que coloca, por azar ou sorte, certas pessoas no mesmo espaço ao mesmo tempo. Assim nascem os encontros, estes terrenos férteis, promotores de circunstâncias inimagináveis, ou não. Fazendo jus à celebre frase de Jerzy Grotowski, que diz: “a essência do teatro é o encontro”, no seu sentido mais amplo foi assim que a Companhia Circunstância começou e tem construído a sua história, fundada na força da coletividade e da experiência estética.

A partir das narrativas contadas pelos circunstancios e por seus parceiros de experiências, construímos uma teia de memórias que têm como preâmbulo o ano de 2001, nos encontros no Grupo Strada.

Grupo Strada

O ano era 2001 e o espaço, a casa onde morava Cris Siman (Palhaço Mussarela, na época), e Leonardo Silva (Palhaço Salsicha). Tudo palhaço, farinha do mesmo saco. Saco/casa, que no caso situava-se à Rua Nanci Vasconcelos, no bairro Sagrada Família, em BH, sempre aberta ao trânsito dos amigos e artistas perambulantes, onde se reuniam para treinar malabares e outras peripécias circenses, oficinas de tudo que é tipo e apresentações artísticas sem restrições poéticas.

Assim como rememora o artista Álvaro Lages (2015) em entrevista: “a programação acontecia aos finais de semana a partir das 17 horas e durava até a vizinhança chamar a polícia. Foi nessa época que fortalecemos a amizade com o Diogo Dias, que sempre se apresentava lá, junto com a galera do MU (Movimento Urbano)”.

Intensas eram as tardes de domingo naquele antro da



Espectáculo Dendaroça, Grupo Dendalei no Grupo Strada, 2000. Arquivo: Companhia Circunstância

simples criação, como não poderia deixar de ser o lar de músicos como Makely Ka, Sílvia Gommes, Janaína Moreno, Rafael Martini, Nego Véio, Carioca Batera, Mateus Bahiense com o Conexão Tribal, Lenis Rino e Dani Ramos, Grupo Caventoré, Sagarana do saudoso percussionista Tião do Tambor de Língua. Processos artísticos em profusão, experimentação e erro; artistas descobrindo-se pessoas, pessoas descobrindo-se artistas, amigos cada vez mais chegados, sonhos diversos desenhando uma história em comum.

Lugar de trocas e confabulações em favor do desenvolvimento de linguagens e liberdades, coletivas e individuais. Entre os muitos tons dessa verdadeira miscelânea criativa, aquela galera foi ficando cada vez mais próxima. Assim era conhecido aquele ajuntamento pessoas apaixonadas pela arte e pela vida, autores e atores deste quadro que remonta um importante momento na trajetória da Cia. Circunstância, antes mesmo do seu nascimento em 2004. Isso, pois foi ali, no meio de muita diversão, que

Diogo, Evandro e Luciano estreitaram e fortaleceram os vínculos de amizade, bebendo e se embriagando de boa música, teatro, circo, poesia e tudo mais que compunha a atmosfera desta zona autônoma temporária.

A partir daí, eles, já contagiados pela magia da palhaçaria, passaram a incorporá-la de forma amadora em suas ações artísticas. O desejo de conhecer melhor essa arte fez com que eles se aproximassem ainda mais nas oficinas sobre palhaçaria ocorridas quase no mesmo período, uma ministrada pelo Rodrigo Robleño, no Grupo Strada, e a outra por Advane Néia, na cidade de Diamantina/MG, nas quais tiveram a oportunidade de conhecer o trabalho um do outro e tomar consciência sobre a importância da nobre arte do palhaço. Nesses estudos, Luciano redesenhou as características do Guimba, Evandro passou a entender melhor as necessidades do Repimboca e Diogo descobriu o codinome Gumercindo de personalidade caipira como mais uma faceta do Alegria Também.

E por falar em caipira, é importante falar do trabalho musical inspirado no universo rural: o Dendaroça, que os integrantes do Dendalei começaram a fazer a partir dessa oficina. O Dendaroça nada mais era do que o Dendalei em sua versão caipira, formado pelos codinomes Ludovico (Luciano), o Alvimar (Álvaro), seu Cuca (Cris) e o Evaristo (Evandro), onde tocavam músicas da roça e as canções do Caquinho BigDog (músico e comediante mineiro), enquanto secavam um litro de cachaça ao vivo nas apresentações. As aventuras da banda foram muitas e intensas, mas terminaram depois da segunda viagem que o grupo fez para



Ilustração: Mestre Jonas

Trancoso/BA, com outros acontecimentos que fizeram cada um seguir o seu caminho levando consigo a experiência e as lembranças de um tempo marcante.

Evandro e Álvaro, prestes a “ganhar neném”, começaram a investir pesado no projeto dos Poetas Trouxas e juntos circularam por todas as universidades de BH recitando poesias performáticas. Com família para sustentar, os dois criavam várias formas de trabalho para ganhar dinheiro. Entre uma função e outra, chegaram a vender comida indiana nos eventos do bar Sambatório Geral e ensaiavam com o Rafael Sol (ator e produtor cultural) em uma banda musical recém-criada, chamada Os Queridinhos do Palhaço Pelanca, a mesma banda de mascarados que mesclava música e teatro de bonecos em que o artista Miguel atuava. Na mesma dinâmica de parceria artística, Luciano também desenvolveu outros trabalhos com o Rafael Sol. Depois, com a criação da Cia. Circunstância, as ações ainda continuaram principalmente no projeto Tamanduá Sem Bandeira.

O fato de o Dendalei ter acabado promoveu outro momento importante para a história da Circunstância, o início do projeto intitulado: Experimento em 2 Estados, fortalecendo a ideia do espírito aventureiro comum entre os artistas que vivenciam as experiências mambembes da palhaçaria e do circo.

Experimento em 2 Estados

Fim do ano de 2001, início do ano de 2002, Trancoso, Bahia. O antigo Teatro Estação Canjerê era um local de efervescência cultural. Artistas de todos os cantos do Brasil e de outros países encontravam lá um pouso em troca de apresentações nas noites de função do teatro. O Dendalei havia se separado e Diogo Dias acabara seus estudos no T.U. (Teatro Universitário/UFGM) e na SPASSO (Escola Popular de Circo/MG). Nesse cenário, surge um convite de dois artistas de São Paulo: Odécio Antônio, o palhaço Cabeça de Espantalho, e Rodrigo Viana, o palhaço Abelardo –

para viajarem pela Região Nordeste do Brasil fazendo palhaçadas e passando o chapéu. Luciano e Diogo aceitaram prontamente e para lá se foram. Diogo lembra que foi em um verão que eles “montaram no lombo” do mundo à procura de aventuras, a fim de experimentar o sonho mambembe, em busca da liberdade, com uma mochila nas costas, um carrinho cheio de traquitanas, habilidades e peripécias. Estava formada a “Cia Circo-cênica Experimento em Dois Estados”, uma viagem sem programação certa que ia acontecendo de acordo com as demandas do momento.

Circularam pelo Nordeste durante seis meses, sendo que moraram durante 4 meses em Aracaju, onde, através de uma parceria com o artista e produtor local Fabio Azevedo, vulgo Janjão, ministraram uma série de oficinas na capital e interior de Sergipe. Passavam chapéu para pagar as despesas e juntavam o dinheiro das oficinas, com o qual compraram uma Kombi como parte do sonho de continuar com a vida nômade. Essa viagem bem que poderia ser tema de um outro livro e quase virou um documentário do cineasta Igor Barradas (RJ), o qual jura que um dia vai levar esse projeto adiante.

Em 2003, Luciano foi morar no Rio de Janeiro, onde continuou sua parceria com o Odécio e integrou a banda musical

Festival Nacional de Curta-metragem será realizado em Sergipe



“EXPERIMENTO” em 2 Estados fez espetáculo nas ruas

ARACAJU

Curso de Palhaçaria prossegue até dia 8

O grupo de palhaços de rua Experimento em Dois Estados está em Aracaju até o próximo fim de semana, realizando oficinas de Palhaçaria. Depois de quatro dias de oficinas ministradas no Centro de Cidadania, que reúne uma grande sala para os participantes saírem pela cidade, promovendo um show de palhaçaria, teatro, circo e música.



Hoje nas Colunas Nota exagerada

Emenda garante a presidente da Assembleia mandato de 9 meses

Deputado Bosco Costa estará apto para assumir o cargo se governador e vice se afastarem



BALAIÇOS se apresentam em Aracaju em 2ª edição. Grupo montou no espaço teatro, circo e palhaçaria

Ensinando a sorrir

Um grupo de palhaços vai ensinar a sorrir para quem quiser. O grupo montou no espaço teatro, circo e palhaçaria em Aracaju em 2ª edição.

Onde está o seu palhaço?

Companhia teatral ministra oficina de circo e apresenta-se nas ruas de Aracaju



Companhia Experimento faz apresentações em Aracaju

Atualmente não existem mais oficinas de palhaçaria em Aracaju. O grupo de palhaços de rua Experimento em Dois Estados está em Aracaju até o próximo fim de semana, realizando oficinas de Palhaçaria. Depois de quatro dias de oficinas ministradas no Centro de Cidadania, que reúne uma grande sala para os participantes saírem pela cidade, promovendo um show de palhaçaria, teatro, circo e música.

PIADAS ENGAJADAS

O grupo ainda que a variedade e o número de palhaços, o grupo de palhaços de rua Experimento em Dois Estados está em Aracaju até o próximo fim de semana, realizando oficinas de Palhaçaria. Depois de quatro dias de oficinas ministradas no Centro de Cidadania, que reúne uma grande sala para os participantes saírem pela cidade, promovendo um show de palhaçaria, teatro, circo e música.

Grupo Strada). Com ela e mais dois amigos músicos, o Mestre Jonas e Nêgo Véio (Frederico Lazarini), embarcou em uma linda jornada musical, circense e poética pelo Sul do Brasil a bordo do bom e velho “Fuscazul” – Codinome dado ao carro que ele tem até hoje, presente que recebeu do seu pai.

No final do ano de 2004, de volta a BH, o Diogo foi convidado para trabalhar em um evento empresarial com duração de quinze dias, onde a sua função era ficar passeando pelo espaço exercendo o que ele já sabia fazer – ser palhaço. Naquela ocasião, Luciano acabara de voltar do Rio de Janeiro e Diogo conseguiu uma vaga na função para Guimba também. Lá, eles decidiram retomar sua parceria, constituindo assim um novo grupo, uma dupla. Mais uma semente plantada. Começaram a montar números de palhaço e experimentar rotinas de roda durante a ação. O resultado foi o que podemos chamar de embrião da Cia. Circunstância

A Vila dos Sonhos na Praça do Papa, BH/MG

A Praça Israel Pinheiro, mais conhecida como a Praça do Papa, localizada no bairro Mangabeiras, Belo Horizonte/MG, sempre foi palco de muitas atividades artísticas alternativas ou de patrocínio público e privado.

No ano de 2004, aconteceu a primeira edição de um evento de natal chamado Vila dos Sonhos, que marcou o início da história da Cia. Circunstância. Durante 15 dias do mês de dezembro, o evento promovia diversas atrações teatrais e musicais em comemoração às festas natalinas. Lá, os palhaços Alegria Também e Guimba faziam parte da equipe de artistas “Coringas” junto a outros artistas como Rodrigo Robleño (palhaço Viralata), Mister Euller, Sol Zofiro e Rafa Rafa, que com suas traquitanas eram responsáveis por entreter o público entre uma atração e outra, “tapando os buracos” que porventura viessem a acontecer. No início, era um movimento tímido, que foi se fortalecendo na

medida em que artistas e público iam interagindo. Passados os primeiros dias, eles já entendiam o funcionamento do evento e aos poucos os palhaços “coringas” que ocupavam ali um lugar desfavorecido, se comparado com o prestígio dado a outras atrações, foram conquistando espaço, na garra e na coragem. Sua função inicial era de animadores dos entreatos dos espetáculos de destaque, mas muitas vezes “roubavam a cena” e deixavam aquele gostinho de quero mais. Essa experiência rendeu encontros e amigos e possibilitou incríveis experiências estéticas e de interação com o público, tudo isso tomado como um grande aprendizado. O clima amistoso e de admiração que se condensava naquele espaço pode ser compreendido na fala do artista George Rubadel, que diz:



“Minha “parceria” com a Cia. Circunstância começou em dezembro de 2005, quando nos conhecemos durante o evento “Vila dos Sonhos”, na Praça do Papa. Dali nasceu um encanto mútuo. Um mágico que queria aprender a fazer “palhaçadas”, e alguns palhaços que queriam aprender “truques de mágica”. Num intercâmbio desprezioso, nasceu uma amizade livre de maiores interesses, a arte já nos unia por si só! Acredito que a admiração era recíproca. No início, conheci o Guimba, um palhaço com veia Rock ‘n roll e uma malícia meiga que cativava as mulheres. O Alegria, um palhaço multifacetado, com o dom de entreter em todos os sentidos, habilidades múltiplas para um palhaço (Entrevista, 2015, grifos do autor).”

O Luciano e o Diogo utilizavam a energia positiva da Praça do Papa para encenar/treinar pequenas esquetes, desenvolver alguns números e madurar ideias, antecipando o que no final do ano de 2004 e início de 2005 viriam a se consolidar nas primeiras ações da Circunstância após o seu nascimento e ainda mais adiante foi terreno de pesquisa para a criação do espetáculo “Antes Solo do que Malacompanhado” e outros experimentos, já com o Evandro

integrando a trupe.

A criação da Companhia Circunstância

Dezembro de 2004, Santo Antônio do Leite, Minas Gerais. O dia não se sabe ao certo, mas sabe-se que foi no limbo entre o natal e o réveillon que o Diogo e o Luciano foram passar uns dias na casa da Janete Jobim e Miguel Ruiz, grandes amigos de velhos tempos. Lá, relembavam suas viagens pelo nordeste brasileiro e já sabiam que a palhaçaria era uma sina em seus caminhos, tendo em vista a continuidade da experiência desenvolvida durante a viagem pelo Nordeste do Brasil, suas experiências individuais depois desta viagem e depois no trabalho de dupla que retomaram na Praça do Papa.

Contagiados pelo desejo de concretizar o sonho, no meio de uma conversa muito descontraída, eles começaram fazer planos, anotações e a partir daí surgiram rabiscos, brainstorms, ideias e mais ideias. Dos rabiscos surgiu uma logomarca, e do brainstorm surgiu o nome: Cia Circunstância. Com nome, logomarca e muita disposição em qualquer situação, estava fundada a “Companhia Circunstância de Circo-teatro”, projeto que começara a ganhar corpo e consistência da mesma forma que a palhaçaria ia se tornando o projeto de vida dos dois artistas.

Planejamentos à parte, o trabalho era árduo, desenvolvido nas praças experimentando números; nos restaurantes fazendo intervenções curtas que misturavam a comicidade com a poesia, tudo isso passando o chapéu para recolher as contribuições do público. Mas queriam mais. Continuaram com



Alegria Também e Guimba na Vila dos Sonhos na Praça do Papa, BH/MG, 2004. Arquivo: Companhia Circunstância.



Mostra de cinema de Tiradentes/MG, 2005. Arquivo: Companhia Circunstância.

aquele trabalho de quinze dias em dezembro, realizados na Praça do Papa por alguns anos. Lá, tiveram a oportunidade de testar “ao vivo” os números do trabalho da dupla intitulada: “Nóis é Jeca, mais é Jóia”, que depois, com a entrada do Evandro na trupe, foi se materializando no espetáculo Palhaços à Vista.

Diogo recorda que no início eles não pensavam muito no que estavam fazendo e reforça o pensamento dizendo:

“Essa coisa de ser palhaço era



Primeira Logo Cia Circunstância

muito confusa e talvez ainda seja. Né?! Querer estar em cena, encontrar o nosso ridículo, perceber a respiração do público, a nossa própria respiração, criar e compreender as diferentes lógicas possíveis do mundo ao nosso redor, enfim, a gente não pensava muito nessas coisas (Entrevista, 2015).

Eles tinham as ideias e iam para a rua experimentar com público, e assim, no calor da cena foram construindo o repertório. O improviso sempre esteve presente no trabalho, mas com o tempo algumas ações foram sendo construídas, lapidadas e as possibilidades de roteiros foram se configurando, de modo que a cada apresentação escreviam um roteiro, de acordo com a “circunstância” encontrada, fazendo jus à filosofia da trupe, até então formada por dois palhaços, situação que durou pouco tempo com a entrada mister Repimboca, que tinha ido morar em Florianópolis/SC e quando retornou a BH precisava de um emprego. Então, a Cia. arrumou para ele um serviço de “faxineiro” no seu cirquinho de rua ambulante. Eis que o Evandro Heringer, velho amigo da época do Dendalei e de outras andanças, aceitou o trabalho e a dupla se transformou em um trio, a família cresceu e as



primeiras ideias de um novo espetáculo começaram a se concretizar.

A entrada do Evandro: Repimboca faxineiro chiliquento

Resgatando as memórias dos anos de 2003 e 2004, dos movimentos da vida que segue tomando percursos diferentes e redesenhando cartografias, o Evandro, estimulado pelas circunstâncias que se apresentavam viajou para o Estado de São Paulo para experimentar novos ares e fazer uma oficina de palhaço no Solar da Mímica & Cia¹, ministrada por Alberto Gaus (ator, mímico, cenógrafo, diretor e autor teatral). Depois, raspou a cabeça em Sampa e vendeu o cabelão para comprar a passagem de volta para BH. O curso que fez com o Gaus deu-lhe muita coragem para seguir a vida artística, mas sentia que BH era pouco para ele, queria se aventurar pelo mundo afora.

1. Endereço eletrônico: <<http://www.solardamimica.com.br/>>.

Mister Repimboca, espetáculo Palhaços à Vista no 3º Encontro Internacional de Palhaços, Mariana/MG, 2010. Foto: Lincon Zartietti.

No início de 2004 se formou na faculdade de Letras e decidiu partir novamente. Começou a trabalhar sozinho com o trampo dos Poetas Trouxas a fim de conseguir dinheiro para viajar para Florianópolis, numa aventura de pegar carona de

Sampa até lá ao lado do seu grande parceiro Álvaro.

Quando o Evandro voltou de Floripa, no final de 2004, foi à Praça do Papa acompanhado de Álvaro e dos filhos de colo, para prestigiar as rodas de palhaços que aconteciam no evento anual de natal daquele lugar. Lá, assistiram a uma roda feita pelo Diogo e por Luciano.

Depois disso, voltou para Floripa para continuar a sua fantástica aventura de artista andante. Mas, apesar de ter tido a oportunidade de viver importantes experiências nessa viagem, começou a se sentir muito sozinho e decidiu voltar novamente para BH. Regressou em março de 2005 e, sem a companhia do Álvaro, sentia-se perdido, boiando e vagando na existência do seu eu-mesmo, como expressa na fala a seguir:

“Num dei conta porque gosto de trabalhar em grupo. Contatei o Lu, liguei pra ele dizendo: Ô Lu, me arranja uma vaga aí no seu grupo que eu tô desempregado. Ele concordou, então fizemos uma reunião na casa do Diogo, que nessa época era casado com a Silvia Gommès. Já nessa reunião

decidimos como seria o nosso espetáculo. Aquela apresentação que eles apresentaram na Praça do Papa, no natal da Coca Cola, uma única vez, passou a se chamar “Nóis é Jeca, mas é Jóia”, na qual o Rafa Rafa² era o estagiário (entrevista, 2015, grifos do autor).

Na reunião, fizeram uma lista de números que podiam apresentar, buscando uma amarração naquilo tudo. Ele lembra que começou a viajar demais no roteiro, bolando mil histórias nas quais ele poderia fazer o papel de mímico para a abertura do espetáculo, mas Diogo lhe acordou dizendo: “Péra aí, maluco, o que a gente tem é isso, num viaja!” Então, ele entendeu a sua posição na nova sociedade e refletiu: “Bem... Devo começar de baixo... Se o Rafa Rafa, que era um excelente malabarista, mais virtuoso que o Diogo, estava trabalhando de estagiário...” Em tom de brincadeira sugeriu a ideia de ser o faxineiro da Cia. Circunstância. Essa posição que lhe deu a oportunidade de encenar a gag do balde de confetes (influência do espetáculo do Mussarela e Salsicha, do antigo Grupo Strada). Assim conseguiu a sua entrada no grupo: limpando as coisas com um espanador muito colorido, o que começava a se transformar no processo de criação do espetáculo Palhaços à Vista.

O Evandro, “fresquinho” na mímica nessa época, criou um número com uma música “Palhaço” do Egberto Gismonti; o Diogo, muito versátil, realizava vários números e o Luciano fazia uns números imitando malabares com escovas de dente, o clássico truque de magia de fazer os dedos que passam de uma mão para outra sumirem, ensaiava a magia do jornal e começava a sua trajetória de “palhágico”, a mistura de palhaço e mágico. Tudo isso, acompanhado de um selecionado

2. Refere-se ao artista mineiro Rafael Silva que atua como arte/educador nas organizações Fábrica de Cultura/SP (Catavento Cultural e Educacional).

Diogo sempre foi o mais empreendedor entre eles, era quem fazia os contatos para vender os trabalhos. Ele e Luciano chegaram a fazer um plano de negócios no instituto Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Faziam reuniões de produção casa do Diogo para organizar as demandas da recém-formada Companhia a partir de um repertório de esquetes de palhaços baseadas em números circenses com a utilização de monociclo, bolinhas de malabares, as Ecoclaves Alegria (claves de malabares que o Diogo produzia) e um cenário de bambu feito pelo amigo e também artista Itamar Bambaia, coberto por uma colcha de retalhos, presente de Dona Maria, mãe de Silvia. Assim, iam definindo os cronogramas de treino, ensaios de roteiros e fazendo as suas primeiras apresentações em trio, constituindo um ideal que antes parecia distante, mas que com o tempo foi se tornando possível, pois a “nave” Circunstância começava a alçar novos e maiores voos.

Parque Municipal, berço do Coletivo de Palhaços

Parque Municipal Américo Renné Giannetti, lugar turístico bastante frequentado, situado no Centro de Belo Horizonte/MG. É um espaço de encontro de pessoas que se reúnem em um recorte do mundo natural preservado, onde a energia do meio ambiente possibilita significativas experiências estéticas. Lá, nos anos da década de 2000, um movimento artístico começou a se fazer cada vez mais presente, ocupando o lugar com rodas de palhaços e outras atividades fundadas nas artes circenses. Os artistas iam lá para brincar, treinar e o mais importante, passar o chapéu, mas, sobretudo, reuniam-se para mergulhar no fascinante mundo da palhaçaria. Queriam trocar experiências e naquele espaço, assistindo uns aos outros e exercitando a palhaçaria,

todo mundo ensinava, todo mundo aprendia. No início passar o chapéu ainda era um tabu junto à gerência do parque, aos poucos, com diálogo e afeto o movimento foi ganhando este espaço e contribuiu com essa mudança nas normas de utilização do parque. O primeiro artista a promover esses encontros de palhaços foi o Rodrigo Robleño (palhaço Viralata do Brasil), por volta do ano 2001. Deste movimento nasceu o Coletivo de Palhaços, uma rede de artistas que buscava atuar de forma horizontal promovendo encontros, intercâmbios e muito riso. Por ali passaram muitos artistas e muitos grupos se formaram. Cristiano Pena (Tchano), Cícero Silva (Titetê), Thiago Araújo (Pindaíba), Pierre (Malandreco), Frei Chico, Ju Pautilla, Mariana Rabello (Teca), Marisa Riso (Floris), Rafael Marques (Zuleico), Diego Gamarra (Cloro), Marcelo Castillo (Mercúrio), Lis Nobre (Nanica), Ivani Gomes (Jiquiri), Bruno Tonelli (Arco Íris) e tantos outros artistas circenses, atores, palhaços, educadores e produtores culturais. Dentre tantas peripécias plantadas pelos artistas deste Coletivo de Palhaços, frutificaram projetos que marcaram a história recente da palhaçaria mineira, como a Semana Interplanetária de Palhaços, que teve sua primeira edição em 2005 e foi até a sexta edição, e também o projeto Quaquaraquaquá, que ocupou diversas praças da capital e interior de Minas.

Aos finais de semana dos meses de fevereiro e março de 2005, a Cia Circunstância fez uma temporada no Parque Municipal, a fim de laborar seu repertório e de quebra levantar um troco. Evandro relembra esse período no Parque Municipal e diz:

“A gente se reunia pra arrumar as coisas e no mesmo dia era decidido o roteiro, a partir do que já sabíamos fazer. O Diogo era malabarista, eu e Lu, músicos. E todos muito bestas, com uma vontade enorme de ser palhaço (Entrevista, 2015)”.

Simultaneamente aos trabalhos na Cia. Circunstância,



Guimba, Alegria Também e Repimboca, Parque Municipal, BH/MG, 2006. Arquivo: Companhia Circunstância.

Diogo continuava com o projeto Fuscazul, Luciano tocava em barzinhos e fazia parceria com outras bandas musicais, e Evandro voltou a ensaiar com o grupo Os Queridinhos do Palhaço Pelanca, que estava a todo vapor. O Rafael Sol havia incrementado o grupo com seus colegas de faculdade (UEMG), e nessa nova formação estavam Gabriela da Costa, Miguel Safe, Pablo Barcelos e Thais Montanari. Os ensaios eram realizados na casa de Gabriela, que era vizinha de Evandro, portanto tudo confluiu para esse encontro, em que ele pôde estreitar os laços com o Miguel, que havia conhecido na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH/UFMG) nos últimos anos que cursou a licenciatura em Letras. Depois a banda

se desfez, mas alguns membros formaram um novo projeto musical que se chamava Os Plantas.

Trabalhos cruzados: Os Plantas e o Fuscazul rumo ao Nordeste

O grupo musical Os Plantas surgiu no meio da natureza, no Parque das Mangabeiras/MG, após um banho de cachoeira. Os amigos, deitados nas pedras, expostos ao sol, entre uma brincadeira e outra, disseram que estavam fazendo a fotossíntese junto com as plantas. No meio dessa viagem

decidiram transformar os encontros amadores que faziam para tocar, compor e ensaiar um repertório musical em algo mais profissional.

O coletivo, que antes era composto por cinco artistas multi-instrumentistas, fortaleceu-se ainda mais com a entrada de Luciano Antinarelli, companheiro de outros projetos. Muitas festas aconteceram na casa onde Os Plantas ensaiavam, chamada carinhosamente de Centro Cultural e Albergue da Juventude Gabi da Silva. Em uma dessas reuniões, o Evandro e o Miguel tomaram a decisão de tentar entrar no curso do Teatro Universitário/UFMG-, no qual acabaram sendo colegas

de classe. Nesse momento, a magia do encontro o fez virtuoso, aproximando os circunstâncias daquele que mais tarde, viria a se tornar o quarto integrante da companhia, o artista Miguel Safe.

O Evandro recorda do período e comenta:

“ De 2006 a 2008, eu estava fazendo a escola de teatro, tinha uma banda fabulosa que era Os Plantas, estava apresentando cada vez mais com o Circunstância em festivais, escolas e em todo buraco onde a gente fosse convidado. Em 2007, fizemos uma viagem maravilhosa para Bahia a bordo do fusca azul do Diogo. Outra aventura inesquecível de grande aprendizado sobre como se virar passando o chapéu (Entrevista, 2015).

No verão de 2007, o Diogo, o Luciano e o Evandro decidiram fazer uma turnê pelo Estado da Bahia. Juntaram a stralhas, cenário, figurinos, amplificador de som, etc., colocaram tudo no fuscazul

e partiram para mais uma ousada viagem que eles intitularam de Fuscazul rumo ao Nordeste. Era um projeto amador e mambembe, sem patrocínio nem financiamento, mantido apenas pela força de trabalho deles.

Na ida, custou-lhes sair de BH e acabaram pegando a estrada à noite chegando a Conceição da Barra/ES por volta das dez horas da manhã. Lá foram recebidos pelos amigos da Estandarte Cia. de Teatro, grupo parceiro de muitos trabalhos e memoráveis aventuras, fundado pelos artistas Benedicto Camillo (Didito), Marcelino Ramos (Xibil) e Gustavo Pacheco, com sede em Ouro Preto/MG.

Diogo recorda com emoção que naquele dia a função tinha sido linda. Fizeram duas seções do espetáculo porque o Didito tinha pedido para o padre divulgar que a apresentação iria acontecer após a missa, mas como ainda não havia terminado e a praça já estava cheia de crianças, apresentaram a primeira vez e repetiram quando a turma saiu para assistir. Nesse ar descontraído e amistoso, ficaram mais uns dias em Conceição da Barra, depois seguiram viagem. Entre uma cidade e outra iam parando, acampando em barracas e se virando com as passadas de chapéu.

Dentre tantas as peripécias vividas, uma história muito significativa aconteceu em Prado/BA. Lá, eles fizeram todo um trabalho de divulgação e captação de apoio no comércio local. Passaram nas pizzarias, sorveterias, tapiocarias, etc., propondo parcerias nas quais os comerciantes ofereciam-lhes a refeição do dia e um brinde para ser sorteado ou presenteado ao público durante o espetáculo.

Na primeira noite de função fizeram uma bela apresentação. Na hora de passar o chapéu, o Diogo, muito emocionado com toda aquela gente bonita ali presente, sem pensar muito, acabou falando para a plateia que no dia seguinte eles iriam apresentar novamente, naquele mesmo lugar, no mesmo horário, na mesma praça, mas

com um espetáculo completamente diferente. Nessa hora os palhaços Guimba e o Repimboca olharam-no com a expressão de quem não estava entendendo nada, mas ele continuou falando:

“ — É isso mesmo, chamem os amigos, a família, traga o cachorro, o papagaio e o periquito, pois amanhã o espetáculo será completamente diferente” (Entrevista, 2015).

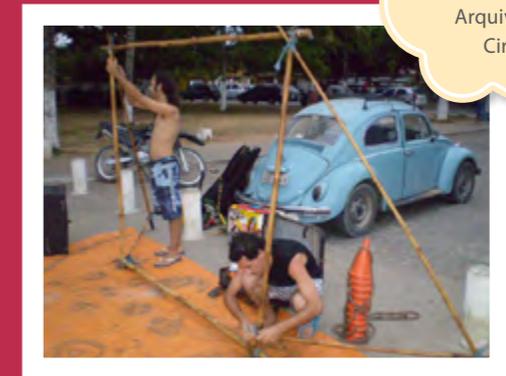
Após o ocorrido, Evandro e Luciano resmungaram um pouco, mas passaram o dia seguinte junto com o Diogo elaborando um novo roteiro, com novos números e repetindo o mínimo possível do plano base. E assim, passaram uma semana trabalhando. Foram criando relação com a cidade, às pessoas ficavam na expectativa do que os palhaços iriam aprontar a cada apresentação. Até que no sétimo dia, não sabiam mais o que fazer, então tiveram a ideia de jogar o Match de Improvisação (jogo de cenas improvisadas entre duas equipes que tiveram a oportunidade de exercitar em uma oficina com a Mariana Muniz³), solução que deu certo e fez com que o desafio proposto no início dos trabalhos fosse um sucesso, tanto na relação com público quanto no desdobramento criativo dos artistas que puderam experimentar muitos números na pesquisa do processo de criação do espetáculo do Palhaços à Vista, que já existia, mas ainda estava meio desorientado.

Ainda em Prado/BA, antes de ir para a praça, eles costumavam fazer intervenções poéticas/performativas nos bares e restaurantes como estratégia de formar público e passar o chapéu, é claro. Em uma dessas ações, como um laço do destino, estava o prefeito e o secretário de turismo da cidade. A interação foi tão boa que eles convidaram a Cia. Circunstância para uma conversa de trabalho na prefeitura, a qual acabou rendendo um

3. Atriz, jogadora e árbitro de Impro, pesquisadora teatral e professora da Universidade Federal de Minas Gerais.



Apresentação em Prado/BA, 2007. Arquivo: Companhia Circunstância.



pequeno patrocínio para fazerem o que eles já faziam de qualquer forma, umas boas palhaçadas. Essa viagem rendeu a produção de um diário de bordo eletrônico, um blog intitulado: Circunstância na Estrada⁴, no qual eles iam publicando fotos e registrando notas sobre as paradas pelas cidades por onde circulavam.

O Fuscazul aguentou firme a viagem toda. Começando pelas cidades de Minas Gerais rumo a Conceição da Barra/ES, passando por Prado, Cumuruxatiba, Tranconso, até chegar a Caraíva na Bahia. Tantos lugares, tantas histórias, parcerias, amizades e muitos perrengues também, mas a falta de conforto, de dinheiro e a saudade da família eram

4. Endereço eletrônico: < <http://circunstanciaaestrada.blogspot.com.br/> > .

recompensadas por toda aquela experiência vivida. Bem... Melhor dizendo, quase toda viagem, pois na volta, no final do mês de fevereiro, quando faltavam uns 100 km para chegar a BH o fusca quebrou.

Eles pararam em um posto na estrada onde passaram a “noite em claro”. Foi uma noite memorável e marcante na história do grupo. O Diogo, com sua mania de mecânico ficou mexendo no motor e tentando uma solução. O Evandro ficava por perto fazendo umas piadas a fim de distrair e o Luciano não saía de dentro do carro e reclamava todo o tempo. Até que aconteceu o inevitável. Estourou uma briga daquelas sem agressão física, mas uma discussão que nunca tiveram em outras situações. No dia seguinte, pela manhã, encontraram um mecânico “mágico” que conseguiu com seus “poderes” fazer o Zul funcionar com apenas três pistões para seguir viagem. Enfim, conseguiram chegar à casa do Diogo, ele estacionou o carro na garagem e ali o deixou parado por seis meses até conseguir levantar recursos para consertá-lo.

O resultado dessa briga foi quase o fim do grupo. O Evandro que estava no terceiro ano do TU aproveitou o momento, pois o grupo entrou em “hibernação” e ele teve tempo e tranquilidade para se dedicar a conclusão do curso. O Diogo, revoltado com o prejuízo do carro começou a planejar e a trabalhar no seu tão desejado projeto solo que foi batizado de Antes solo do que Malacompanhado, nome que representa a epopeia da briga. Naquele momento ele não queria saber da Companhia Circunstância.

A briga havia desgastado um pouco as relações e eles compreenderam que precisavam dar um tempo. O projeto Os Plantas, mais amadurecido, passou a ser prioridade para o Evandro e o Luciano, pois a musicalidade conquistada desde os tempos do Dendalei sempre esteve atravessada nas suas vidas de forma avassaladora. Começaram a fazer mais shows com a banda e os trabalhos da palhaçaria que antes ficaram meio de lado.

Depois de uns seis meses, desde a briga, o Diogo conseguiu consertar o carro, o seu trabalho solo já estava caminhando e aos pouco foram retomando as relações de amizade, mas ainda sem trabalhar juntos efetivamente. No entanto, a Cia Circunstância já havia feito história, o seu nome associado àquele coletivo formado por três palhaços já era conhecido e requisitado. Então, uma vez ou outra, a produção feita pelo Diogo, precisava reunir as duplas ou o trio para os trabalhos ofertados. Assim, maneira meio “torta”, os ânimos foram se tranquilizando e a parceria entre os circunstâncias foi aos pouco se reestabelecendo.

O ano de 2008 foi terminando e eles foram passar as festas de ano novo na fazenda da família do Miguel Safe, que nessa época já era companheiro de muitos momentos. No meio de muita festança, os circunstâncias que já estavam motivados a retomar de fato os trabalhos da Companhia, decidiram convidar o Miguel para compor o grupo. Esse momento, iluminado pelas estrelas do céu da cidade Conceição do Mato Dentro, MG, marcou uma nova jornada nas suas vidas. Os espetáculos: Palhaços à Vista e o Antes Solo do que Malacompanhado precisaram se reestruturar para a retomada dos trabalhos da Cia. para a entrada do Miguel.

O espetáculo Antes Solo do que Malacompanhado

No final de 2006, antes da viagem para a Bahia, Diogo havia feito uma oficina com o palhaço argentino Chacovachi, que era como uma receita de bolo para montar um espetáculo solo. Chaco dizia que “um espetáculo solo era como um jogo de xadrez, onde o artista representa as peças brancas e o público as pretas, os peões são piadas rápidas, tipo ‘se colar colou’, as torres, bispos e cavalos seriam seus números fortes, aqueles que você sabe que funcionam, a rainha representa sua personalidade, com ela podemos mudar o jogo de direção e surpreender o ‘adversário’ a qualquer momento e, por fim, o rei seria sua dignidade, essa não se pode perder”. Assim o artista dá um primeiro lance e espera a reação da plateia, e seu próximo lance vai depender desta reação, e assim sucessivamente. Com esses elementos teremos sempre um espetáculo diferente do outro, um jogo espetacular.

Após essa oficina, o Alegria Também pôde exercitar esse contexto durante 15 dias na Vila dos Sonhos onde trabalhava e saiu de lá com um rascunho bastante funcional do que viria a ser seu espetáculo solo. Durante a viagem para a Bahia, chegou a brincar com seu solo em algumas poucas oportunidades, mas, na volta a BH, o afastamento das relações com os dois amigos serviu de mote para ele se dedicar ao planejamento do seu novo trabalho.

Ao chegar da Bahia, com o motor do fusca fundido, sem dinheiro, Diogo se viu carregando seu material num carrinho de bagagem para a praça da liberdade numa manhã de domingo, e lá,



Espectáculo Antes Solo do que Malacompanhado no Para Gostar de Teatro, Ouro Preto/MG, 2012. Arquivo: Companhia Circunstância.

(Leia cantando)

Fuscauuu -
uuuuulll

Você tá é um
bagaçooo!

Tá caindo aos
pedaço!

Mas te amo pra
daná!



Estreia do Miguel Safe na Companhia Circunstância, Conceição do Mato Dentro, MG, 2009. Arquivo: Companhia Circunstância.

bastante, riu muito quando ouviu do palhaço a seguinte frase: "Pessoal, muito obrigado pela atenção de todos, eu trago comigo algumas bolinhas de malabarismo, mas como todos sabem, em praça pública não podemos vender nada, pois precisamos pagar impostos, dar nota fiscal etc... mas eu não quero vender nada para ninguém, mas, se alguém quiser, posso trocar por dinheiro!". Assim finalizou a função e o fiscal fez vista grossa, feliz com as risadas que compartilhou, e a partir deste dia nasceu o espetáculo "Antes solo do que Malacompanhado".

A entrada do Miguel: a melhor aquisição da Cia. depois dos microfones, do som e da Kombi.

No início de 2009, o artista Miguel Safe, o palhaço, o Bambulino passou a integrar de fato a Circunstância. Essa nova fase possibilitou mais um momento de significativo crescimento da Cia. em todos os sentidos, pois o camarada trazia para "engrossar o caldo" uma energia grandiosa. Ele foi batizado pelos companheiros de "monstrinho", que precisavam domar, por conta da força e motivação que ele possuía – característica marcante na sua personalidade.

O Luciano relata essa proeza em forma de brincadeira: "Miguel e Bambu, maiores "aquisições" da Cia. Circunstância... Depois dos microfones auriculares e do som próprio.... Pronto! A dupla que se tornou um trio, agora, se torna um quarteto!" (Entrevista, 2015). Brincadeira à parte, junto com a entrada do Miguel, a Cia. teve outra grande conquista: a primeira sede. Eles passaram a dividir o Espaço Trampulim Cultural (ET), chamado afetuosamente de Família – expressão usada para caracterizar esse espaço de convivência profissional, sobretudo, amistosa.

De maneira bem irreverente o artista Miguel e o seu palhaço Bambulino nos contam como tudo aconteceu:

Miguel: — *Para o momento, remoço*

lembranças ao voltar no tempo e viver o doce convite de adentrar na Cia. Circunstância. Minha entrada no grupo aconteceu na terra dos meus ancestrais, na Praça Ubaldina, em Conceição do Mato Dentro, MG, na passagem de ano de 2008 para 2009. Esse ano foi pra mim, o momento de assumir...

Bambulino: — *Ui! A mona saiu do armário!*

Miguel: — *Bambulino! Não atrapalha! Essa narrativa é minha, seu... Palhaço! Como eu estava dizendo, foi o ano de assumir uma sede junto a outros artistas e de assumir o ofício de palhaço de uma vez por todas.*

Bambulino: — *Assumiu?! Agora segura o rojão!*

Miguel: — *Pssiu! Aff! Então... Foi um ano de muitas transformações...*

Bambulino: — *Aí ele virou palhaço transformista!*

Miguel: — *Aff... Bambulino! Ó parei de brigar com você, agora nós dois somos um só e vamos construir esse texto juntos, topas?!*

Bambulino: — *Tipo que topo dimaisi zim!*

Miguel: — *Então lá vai... "Cão-tinuando"... Em abril de 2009, nossa amada Cia abriu uma saleta "dentudu" E.T. (Espaço Trampulim) e junto desses sagazes paspalhos realizamos proezas e "estupideuses" dentro desse maravilhoso templo da palhaçaria e da música.*

Assumir uma sede nos possibilitou criar, brincar, treinar, escrever e realizar projetos juntos. Na época, éramos os "quatro paiaçus do após-calipsu: Diogo diDias, Luci-ânus Titinarelli, Ervandru Heringerr e nozes... o sesc simbol, Meiguel Safe-adinho" (Depoimento escrito, 2015, grifos nosso).

A profissionalização fez com que eles dessem seus pulos, tanto no picadeiro quanto fora dele porque precisavam pagar o aluguel, dividir todas as alegrias e despesas que tal compromisso acarretava. Para tanto, trabalharam muito, descansaram, festejaram e trabalharam mais um bocadinho. Muitas vezes dormiam no ET e acordavam com um novo espetáculo pronto. Começaram a perceber que esse "trem" de ser palhaço era coisa séria.

A Casa/Família: Espaço Trampulim Cultural

Naquele tempo, o Grupo Trampulim⁵ tinha como sede um galpão situado na Rua Professor Tavares Paes, n.106, no bairro Jardim América/BH. Eles estavam precisando de parceiros para dividir o espaço e o aluguel. Foi aí que os circunstâncias viram a oportunidade de retomar os trabalhos com o "pé direito". Como um presente, de repente eles tinham uma sede com escritório, depósito de material cênico, ateliê com ferramentas e, especialmente, tinham um espaço para ensaiar e treinar.

Foi um período de grande aprendizado e de muitas trocas de experiências entre as duas companhias de "risadaria". Juntos, as ideias pipocavam a todo o momento e mais uma vez, tinham um lugar para os encontros de artistas que possuíam o mesmo ideal, o fortalecimento da palhaçaria e a fruição da arte.

Lá, estavam juntos: o grupo Trampulim, o grupo de

5. Companhia de circo brasileira, com sede em Belo Horizonte/MG. Criado em 1994, especializou-se na linguagem do palhaço aliada à música e à improvisação cênica. Endereço eletrônico: <<http://www.trampulim.com.br/>>.



Espectáculo Palhaços à Vista, Parque Municipal, BH/MG, 2005.
Arquivo: Companhia Circunstância.

Maracatu Trovão das Minas, o grupo de percussão Frito na Hora, o grupo Circo Olímpico e a Cia. Circunstância. Dentro daquelas quatro paredes, na cadência da percussão, muita coisa acontecia por “debaixo” dos rubros narizes dos palhaços. Nesse ínterim, puderam trocar experiências com todos os artistas que ali passavam diariamente. O Espaço também se tornou um local de referência artística da cidade e recebeu oficinas de grandes mestres brasileiros e estrangeiros, dentro das mais diversas linguagens.

“Nozes que semu bobo, mar num semu besta, estávamos sempre sedentos para beber dessa mais pura fonte de sabedorinha. Crescemos e aparecemos na cena belorizontinha, minagerástica, brasiliana e quiçá do mundo” (Entrevista, 2015 grifos nossos), afirma Miguel Safe.

Nesse mesmo ano, criaram dois novos espetáculos: Pequeno Grande Encontro e o De Mudança; e reformularam

o Palhaços à Vista, que já existia desde os primórdios do grupo, mas naquele momento, com um espaço fértil e propício, foi possível realizar ensaios, pensar na dramaturgia, refazer o cenário, experimentar e estreiar dentro da própria casa, para assim, ganharem as ruas e praças do país ressignificados. Assim, os processos dos espetáculos foram acontecendo. De forma meio espontânea, levando para a cena uma pedra bruta, uma ideia inicial e colhendo elementos para desenvolver aos poucos, no tempo da criação, sem prazos muitos certos, mas vivendo cada processo intensamente. A cada encontro, fosse com o público, nas praças da vida ou na casa/sede nos ensaios, conversas e produções mirabolantes recheadas de sonhos.

O espetáculo Palhaços à Vista

“A roda gira, o tempo passa, passo-a-passo, praça a praça. Na volta que o mundo deu. Na volta que o mundo dá. O circo se mistura ao teatro e o espetáculo não pode parar (Trecho da canção de abertura do espetáculo Palhaço à Vista).”

O Palhaço à Vista foi, de certo, o primeiro espetáculo da Cia. Circunstância sendo concebido e construído desde o início da história dessa trupe por todas as experimentações vividas. Com o tempo, algumas rotinas foram se firmando, o jogo foi se tornando mais claro e a brincadeira começou a demonstrar sinais de que queria ganhar o mundo. Foi nesse processo de construção, no calor da cena, compondo e criando a partir do improviso as bases de um roteiro vivo, que ele foi se consolidando em muitos domingos no Parque Municipal e pelas praças de BH. Surgiu a partir do processo de reflexão sobre a prática nas ruas e se deu de forma autônoma e experimental.

O trabalho foi sendo construído de forma artesanal, em contato direto com os espectadores, em “passeios de palhaço” e apresentações em espaços públicos e privados. A partir destas experimentações, foram desenvolvidos estudos e treinamentos de técnicas como malabarismo, mímica, acrobacia, música e jogos de improvisação, aliados a oficinas e vivências com importantes mestres da arte da palhaçaria.

Primeiro, o cenário era composto por uma mala, dois guarda-chuvas abertos, formando uma pequena coxia, de onde saíam as traquitanas e onde ficava o roteiro para eventuais consultas de “o que é agora mesmo?”. Depois, veio o cenário construído pelo parceiro Itamar Bambaia, que possuía uma estrutura desmontável, feita de bambu e coberta com uma colcha de retalhos, confeccionada especialmente para este fim pelas estimadas Dona Maria e Vagna, mãe e prima da cantora Silvia Gommès, que posteriormente foi transformada, mas continua compondo a identidade visual do cenário.

Depois de um longo tempo trabalhando, eles começaram a sentir a necessidade de receber a opinião de um “olhar de fora”, diferente de uma direção, sentiam que faltava um olhar dramaturgicamente. A palhaçaria já estava impregnada nos seus fazeres, mas faltava um fio condutor. Foi quando convidaram um amigo ator, que também se aventurava na palhaçaria, para assistir alguns ensaios, para dar uns “pitacos” e ajudar a melhorar as amarras, as costuras que levavam de um número a outro, pois até ali, se tratava de um apanhado de números que se sucediam.

Conseguiram emprestado o espaço do TU/UFMG, quando ainda era no casarão da Rua Carangola. E foi nessa escola, carregada de energia teatral, junto com o amigo Eduardo Brumm (ator e professor de Arte), que fizeram



A estreia do Bambulino no espetáculo Palhaços à Vista, Conceição do Mato Dentro, MG, 2009.
Arquivo: Companhia Circunstância

os primeiros ensaios com esse “olhar de fora” que tanto buscavam. A coisa que já estava engrenada começou a ganhar mais velocidade. De certa forma, foi a partir daí começaram a participar dos festivais – coisa que lhes enchia de alegria e satisfação, porque viam que aquela brincadeira estava se tornando um trabalho respeitado.

Com a entrada do Miguel, ele foi ganhando espaço e colaborou muito para a produção. Dentre as contribuições e interações que fizeram o espetáculo amadurecer, ele trouxe a figura do velho, coisa que acabou dando mais coesão e clareza na dramaturgia. Porém, tiveram muito trabalho para chegar a um ponto satisfatório.

O Palhaços à Vista é um espetáculo formado por números de picadeiro e reprises, que vêm se transformando ao longo do tempo. Em síntese, o enredo conta a história de quatro palhaços herdeiros de um “cirquinho” que dão o melhor de si para manterem a tradição com alegria e dignidade. Buscando uma relação de aproximação com o público, cada palhaço

experimenta o prazer de estar no centro do picadeiro, no risco do agora, ser o rei da roda e, não raro, brincar com a ordem estabelecida com suas travessuras e confusões. É um espetáculo que perpetua a tradição das artes circenses na rua através do estado de graça do palhaço.

Em sua dissertação de mestrado, analisando as características cênicas do circo e do teatro, especialmente o trabalho da Cia. Circunstância, Fernandes (2012) descreve:

“O espetáculo “Palhaços à Vista” tem seu início com a entrada do palhaço Bambulino, já idoso, convidando a plateia a embarcar, juntamente com o grupo, em uma viagem ao passado, aos tempos áureos do circo. Como ele mesmo diz: “o circo diminuiu, mas a magia jamais há de morrer ou diminuir”. Ao lado da saída central da tenda estão alocados quatro banquinhos em que os palhaços que não estão participando da cena se sentam e fazem a parte musical do espetáculo (FERNANDES, 2012, p. 71, grifos da autora).

A autora expõe as suas impressões diante da dinâmica do espetáculo e a sintonia dos olhares dos artistas entre si em cena. Atitude construída ao longo dos anos no trabalho de parceria. Diante disso, ela explica que as cenas, apesar de apresentarem teor crítico sobre o comportamento social,

“é muito mais um número de repertório que provoca o riso em situações de inversão, em que esperamos um determinado comportamento e temos outro ou em que somos pegos de surpresa por uma atitude inesperada” (FERNANDES, 2012, p. 80).

Em 2010, o amigo e um dos responsáveis pela escolha dos circunstâncias em seguirem os caminhos da palhaçaria, Rodrigo Robleño, estava de volta ao Brasil,

depois de seis anos trabalhando no Cirque du Soleil. Foi quando eles o convidaram para dar mais “pitacos” nos trabalhos que vinham desenvolvendo.

“O mano “matou três coelhos com uma só cajadada”, dando consultoria aos três espetáculos. Trabalhar com o Rodrigo é sempre desafiador. O cara pensa muito rápido e zoa com a gente o tempo todo, sempre nos estimulando e nos desafiando a tentar, mesmo que não dê certo, afinal é no erro que encontramos a essência da palhaçaria (Diogo Dias, entrevista, 2015, grifos nossos).

Esse processo com o Rodrigo foi rápido, mas o resultado foi muito positivo. O Palhaços à Vista que já tinha certa maturidade de estrada ganhou acentos precisos, com espaços claros para improvisarmos e amarrações da dramaturgia que deram ainda mais sentido à história contada por meio dos números apresentados. O De Mudança e o Pequeno Grande Encontro que ainda eram espetáculos recém-nascidos começaram a engatinhar e logo deram seus primeiros passos.

Os espetáculos de dupla: De Mudança e Pequeno Grande Encontro

O espetáculo De mudanças é um brinde ao improviso, pois assim como o nome, guarda surpresas e momentos especiais diante dos olhos da plateia. Cada caixa aberta instiga a curiosidade dessa dupla excêntrica que, acompanhada pelo público, se diverte e se atrapalha ao descobrir que o espelho sacramentado por Dona Gertrudes - a senhora que contratou o serviço - se quebrou. Um espetáculo de poucas palavras e muitas palhaçadas que vai acontecendo ao som de uma selecionada trilha sonora.

O Pequeno Grande Encontro (PGE) por sua vez, foi concebido e roteirizado pelos artistas Luciano Antinarelli e



Espectáculo Pequeno Grande Encontro, Parque Aggeo Pio Sobrinho, BH/MG, 2013.
Foto: Rodrigo Marangon.



Espectáculo De Mudança no Quaquaraquá 2ª Edição em Mariana, MG, 2011.
Foto: Lincon Zarbiatti

Miguel Safe, que atuam no espetáculo com a participação do Diogo Dias, que faz a técnica do espetáculo e se intromete nas cenas fazendo as honras do mestre de cerimônias. É uma narrativa fundada nas aventuras de dois palhaços que fazem uma homenagem ao circo-teatro brasileiro, sobretudo às gags e reprises da palhaçaria inspiradas em números clássicos do picadeiro. O espetáculo com duração de cinquenta minutos apresenta releituras como: a Cidade de traz para frente, O caveirão de Cubatão, O namoro na praça, O atirador de facas, entre outras.

Assim, com mais dois espetáculos no portfólio, a Companhia Circunstância ganhou maior versatilidade e continuou o seu designo rumo aos circuitos artísticos de Minas Gerais e de outras partes do Brasil. Onde quer que fosse preciso ir, lá estavam os palhaços fazendo traquinagem e provocando muitas gargalhadas

Prêmio Funarte Artes Cênicas na Rua: Cia Circunstância - 5 anos em boa companhia

As leis de incentivo à cultura visam promover o fazer artístico e energizar os circuitos culturais de pequenas e grandes cidades por meio do estímulo à manifestação de diversas linguagens artísticas colaborando para a criação de espaços de reflexão e conexão de saberes. Potencialmente, eventos que acontecem com a finalidade de provocar, partilhar e discutir experiências que utilizam as visualidades do palhaço e outras linguagens artísticas correlatas geram possibilidades de acesso democrático à cultura por meio de espetáculos, oficinas e debates formais/informais. O objetivo principal de eventos dessa natureza é promover vivências colaborativas onde artistas e público partilhem opiniões e troquem afetos significativos por meio da boa e revigorante gargalhada.

Ainda antes da existência da Cia Circunstância, o Diogo já havia trabalhado com o Grupo Armatrix e também em parceria com o Grupo Trampulim e sempre viu nessas duas

companhias uma referência de produção cultural no estado de Minas Gerais. Espelhando-se nestas e outras referências, vinha desde então escrevendo projetos para concorrer às leis de incentivo à cultura até então sem nenhum sucesso. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura!

A partir de muita dedicação ao trabalho, em 2009 a Cia. teve o seu primeiro financiamento público - foi contemplada no Prêmio Funarte Artes Cênicas na Rua com o projeto Cia Circunstância – 5 anos em Boa companhia, executado em 2010. Esse edital da Funarte contemplava a circulação de grupos e artistas que investem na qualificação técnica e na busca de novos significados para a utilização do espaço público.

O objetivo principal desse projeto consistiu na circulação do espetáculo Palhaços à Vista na Região dos Inconfidentes em Minas Gerais. As funções aconteceram nas cidades de Belo Horizonte, Ouro Preto, Mariana, Santo Antônio do Leite e Cachoeira do Campo. As apresentações contaram ainda com a participação de diversos grupos e artistas parceiros como o Circovolante (Mariana), Palhaço Furreca (Mariana), Estandarte Cia de Teatro (Ouro Preto), Trupe FincaPé (Santo Antônio do Leite), Grupo Trampulim (BH), Baque Trovão(BH), Leo Brasil, Frito na Hora, Cia da Bobagem e Grupo Girau. A partir desse empreendimento a Companhia pôde comemorar em grande estilo os seus cinco anos de existência e traçar novas metas de trabalho. Entre tantas coisas, foi a primeira vez que tiveram oportunidade de investir numa assessoria de imprensa profissional, o que possibilitou uma boa clipagem e contribuiu muito na aprovação de outros mecanismos de fomento cultural.

A entrada da Dag: a energia feminina transformada em riso

A realização do projeto Cia. Circunstância – 5 anos em boa companhia foi um sucesso, a organização e logística da circulação do espetáculo nas cidades contempladas foram

cumpridas com êxito e para fechar as comemorações dessa festa de aniversário a trupe promoveu um cabaré no dia 03 de abril de 2010, com direito a muitas atrações artísticas e a congregação da comunidade e amigos. Dentre estes estava a artista Dagmar Bedê, chamada carinhosamente pelo codinome Dag, que nessa época já nutria grande interesse pelo mundo da palhaçaria.

De maneira meio inusitada, a convite de uma amiga, ela “caiu” no encerramento da turnê – um grande burburinho artístico que rodeava o Espaço Trampulim (ET). Uma festa animada que resultou em um dia e uma noite de atividades, apresentações das mais variadas artes e encontro de todo tipo de gente.

A penúltima atração da noite foi o espetáculo Palhaços à Vista, com a exibição de um pequeno vídeo/documentário sobre a turnê que os circunstancios fizeram na Região dos Inconfidentes, nos arredores de Ouro Preto/MG como prelúdio ao espetáculo. Ela conhecia poucas pessoas na festa – havia trocado poucas ideias com o Miguel nos treinos do Circo Olímpico e havia visto o Diogo uma vez ou outra – mas não fazia a menor ideia de onde aquele “cabeludo” tinha saído. Após ter um combo de gargalhadas por quase uma hora, quando terminou o espetáculo ela teve a certeza no coração que era aquilo que queria e buscava para a sua vida. A partir daí começou a revolução.

Com emoção, a artista rememora o acontecimento:

“ Não voltamos para casa aquela noite. Eu e Bela – Isabela Leite (atualmente percussionista e produtora do Grupo Trampulim), amiga querida



Palhaça Titica, Festival de Inverno de Milho Verde/MG, 2014. Arquivo: Companhia Circunstância.

que também começava a se aventurar naquele universo que era o ET – inebriadas por aquele dia de arte, fomos ficando, ficando, ficando... Até que estávamos nós e o Diogo no salão falando bobagens e filosofando sobre a vida... E o sol começava a entrar pelas frestas do telhado. Ironicamente, em meu primeiro contato com a Cia, estava eu, pela manhã, varrendo e arrumando o espaço da festança do dia anterior. E isso era deliciosamente mágico para mim (Dagmar Bedê, entrevista, 2015, grifos da autora).

Como proeza da vida, as “estradas” dela e do Diogo inevitavelmente se entrelaçaram. Depois de encontros no 2º Encontro Internacional de Palhaços do Circovolante⁶, em Mariana/MG e na 5ª Semana Interplanetária de Palhaços⁷, promovida pelo Coletivo de Palhaços em BH, eles se envolveram muito além de assuntos meramente profissionais e começaram um relacionamento amoroso por aquelas bandas das Gerais.

Ela recorda que quando concluiu a graduação de Jornalismo, em junho de 2010, o antigo grupo do qual fazia parte já havia ficado para trás e sentiu-se meio perdida sem saber o que fazer para se sustentar. Em tom de ironia ela declara: “como a Cia. Circunstância não é nada familiar... Seeeei! Comecei a trabalhar como produtora do grupo” (Entrevista, 2015, grifos da autora).

O seu parceiro de trabalho Miguel Safe reitera o acontecimento explicando:

6. Circovolante: 2º Encontro Internacional de Palhaços, 2010, Mariana/MG. In: < <http://www.circovolante.com.br/index/#>>. Acessado em Ago. 2015.

7. 5ª SIP é realizada pelo Coletivo de Palhaços de Belo Horizonte, com apoio da Funarte - Prêmio Carequinha.

“Lembro também, que no cabaré de encerramento desse mesmo Projeto, o nosso querido Palhaço Alegria Também (Diogo Dias) enamorou-se pela famosa, tão quanto desconhecida, Tica-tica do Fubá (Dagmar Bedê). A mesma ganhou espaço não apenas dentro do coração do referido palhaço, mas com sua garra e competência, ganhou espaço na Companhia, vindo a se tornar a nossa quinta integrante. A única e mais bela mulher de toda a Cia. Circunstância (Entrevista, 2015, grifos do autor).

Entretanto, ao mesmo tempo em que ela se envolvia e se dedicava ao trabalho de produção, a palhaçaria nunca deixou de pulsar. E toda oportunidade que surgia a Titica estava lá, gritando para sair. Em pouco tempo, ela se viu imersa no cenário da palhaçaria mineira e nacional, espaço que nunca imaginou alcançar tão cedo na vida artística. Era tudo muito novo que, muitas vezes, ela não acreditava no que estava acontecendo.

Ao mesmo tempo em que o burburinho e a novidade pipocavam do lado de fora, dentro dela, gritava o desejo de sentir, cotidianamente, aquele cheiro de pancake e aquele frio na barriga que invade o artista atrás da cortina. Aos poucos foi se movimentando, buscando compreender tantos sentimentos por meio dos ensinamentos de mestres como Advane Néia, Marcio Libar, Lume, Rodrigo Robleño e os companheiros da Cia.

Foi um período de fortes emoções e de muito aprendizado, pois as demandas burocráticas e artísticas a fizeram crescer profissionalmente. Sempre atenta às movimentações dos parceiros de equipe, ela se desdobrava entre a produção, as oficinas e os cursos sobre a arte do palhaço.

Encontros, Festivais e Coletivos

“[...] sentido pleno ao termo “ajuda mútua”. Ele não remete, apenas, às ações mecânicas, que são de boa vizinhança. Na verdade, a ajuda mútua [...] se inscreve numa perspectiva orgânica em que todos os elementos, por sua sinergia, fortificam o conjunto da vida. [...] É o ser/estar junto [...] que permite ressaltar [...] a preeminência do grupo, da tribo, que não se projeta na distância, ou no futuro, mas vive no concreto mais extremo que é o presente (MAFFESOLI, 1998, p. 37-38).

Em 2010, com a Dag, a sua mais nova integrante dando “gás” na produção, a Circunstância já ocupava um lugar de destaque entre as trupes de artistas circo-cênicos de Belo Horizonte, seu nome já era requisitado nos eventos culturais, sobretudo, da palhaçaria. A motivação e interesse dos artistas de continuar crescendo profissionalmente e com isso também, fortalecer o ramo, os levaram a se envolver ativamente em diversos encontros, festivais e na formação de Coletivos; num constante devir, acreditando no potencial da arte como estratégia política e bem estar social. Sentiam a necessidade de “por o pé na estrada e ganhar o mundo”.

Ainda em 2010, o grupo fez o seu primeiro espetáculo em um festival fora de Minas Gerais. Levaram o Palhaços à Vista para a programação do Litoral em Cena, mostra de circo, teatro de rua e bonecos em Caraguatatuba/SP. E as experiências pipocaram. Em 2011 voltaram ao litoral paulista para participar do Festival Santista de Teatro, onde conheceram os parceiros da Trupe Olho da Rua⁸, com os quais se reencontraram nas apresentações que fizeram no Festival Isnard Azevedo em Florianópolis. Além de outros festivais que participaram em Minas como o Festival Internacional

8. Endereço Eletrônico: <<http://trupeolhodarua.blogspot.com.br/>>.



Circo do seu Alegria, Esmeraldas, MG, 2014.
Foto: Naty Torres

de Teatro de Palco e Rua de Belo Horizonte – FIT. No ano de 2012, foram parar na programação do SESC Festclown, em Brasília e depois no Festival Internacional de Teatro de Londrina/FILO, no Paraná.

Nessa época a artista Mariana Carvalho (Integrante da trupe Circo em Cena – MG) também colaborou com a produção do grupo, principalmente na pesquisa, seleção e execução de editais de Encontros e festivais. Em 2010, aprovaram outro Prêmio Funarte Artes Cênicas na Rua, dessa vez para a realização de um projeto de ocupação artística de praças, a 2ª edição do Quaquaraquaquá, com a parceria do artista Bruno Tonelli⁹ (palhaço Arco-íris) e do Coletivo de Palhaços.

9. Palhaço, músico, produtor musical, professor particular de teoria musical e violão. É representante do Coletivo de Palhaços de Belo Horizonte desde 2008. Participou de 03 das 06 edições da Semana Interplanetária de Palhaços – Minas Gerais desde 2008. Um dos idealizadores do Projeto Quaquaraquaquá – Ocupação de espaços públicos de Minas Gerais através da Arte do Palhaço desde 2009. Desde 2008 apresenta seu espetáculo de palhaço em Festivais de Cultura alternativa no Brasil e no Mundo, como “Universo Paralelo” (BA), “AHO” (SP), “Fora do Tempo” (MA), “Life Festival” (Irlanda), “Life Celebration” (Croácia), nas praças e parques da Alemanha e da Holanda.



Projeto Quaquareaquá,
2ª Edição, Praça Duque de
Caxias, BH/MG.
Arquivo: Companhia
Circunstância

Bruno Tonelli, referindo-se a idealização do projeto e a sua relação com a Cia. Circunstância nos conta que:



“O projeto Quaquareaquá foi o início da minha parceria constante com esses palhaços. Nascido em 2008, dentro do Coletivo de Palhaços, na primeira reunião que participei. O Coletivo já tinha toda uma estrutura em desenvolvimento. Em essência se tratava do conceito real dos chamados “espaços públicos”, visando ocupá-los diretamente pelo e para o público, realizando, sem burocracia, espetáculos, encontros das famílias e da comunidade em diversas regiões da cidade, mas o projeto ainda

não tinha começado. Minha participação, logo na chegada, foi colocar muita energia na realização de um projeto dessa natureza. Propus para o Coletivo a ocupação de uma pracinha localizada no bairro Buritis, na região oeste de Belo Horizonte, onde moro. Na verdade, o espaço é um teatrinho de arena chamado Aroldo Tenuta, nome dado em homenagem a um artista que trabalhava com obras de arte em ferro. A escolha desse local foi motivada porque além de sua estrutura ser completamente favorável a ideia do projeto, quando éramos ainda mais jovens, os amigos e os vizinhos do bairro se encontravam lá. Era o local que servia como fonte de várias ideias, projetos, e principalmente, muitos

sonhos. Sonhávamos um dia realizar espetáculos ali. Queríamos ver àquela arquibancada ocupada por diversas famílias, vivendo e convivendo com arte e cultura. (Entrevista, 2015, grifos do autor).

O Coletivo de Palhaços começou os trabalhos e o que antes era sonho começou a despontar. Produziram a programação, os flyers, os cartazes e espalharam a novidade na região. No terceiro domingo de abril de 2009 deram início ao projeto. O primeiro ano foi muito significativo, pois toda a comunidade adorou e a mídia local espalhou ainda mais a ideia. Mas o sucesso veio na segunda edição em 2010. Além da praça natal o projeto se expandiu para o bairro Santa Tereza (Praça Duque de Caxias), para o bairro Santa Efigênia (Praça Floriano), para as cidades de Ouro Preto e Mariana/MG, realizando uma ação em nível Estadual.

Bruno Tonelli (Entrevista, 2015) ressalta que a generosidade da Cia. Circunstância foi tanta que dividiram a conquista e colocaram o Coletivo de Palhaços todo para trabalhar. Foi um estouro nas mídias e recorde de público. Nessa edição do projeto, com a lotação total da arquibancada do teatro Aroldo Tenuta, realizaram com muita energia o sonho antigo de reunir a comunidade do Buritis em uma ação cultural cheia de risos e alegria.

Nesse contexto, ocorreram dois fatos que contribuíram para o crescimento da Circunstância – a mudança para uma nova sede, pois o Grupo Trampulim, principal locatário do ET, precisou mudar-se para outro espaço; e, ao mesmo tempo, os Circunstâncias aprovaram sua primeira montagem, o espetáculo De Mala às Artes, no Fundo Municipal de Cultura, através da Lei de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Assim, a sede própria chegou no momento exato em que a Cia precisava concentrar toda sua energia no que resultou em mais um passo rumo crescimento profissional e artístico da Cia.

Criação e montagem do espetáculo De Mala às Artes

Em 2011, aproveitando as oportunidades do fértil momento que vivia, a trupe sentiu a necessidade de criar e montar de um novo espetáculo que pudesse ser considerado o “carro chefe” do seu repertório. Há algum tempo os circunstâncias idealizavam contar a história de um anti-herói nacional com muita graça e humor, sob as perspectivas literárias das narrativas orais e dos contos populares brasileiros. Após levantarem diversas possibilidades, chegaram ao nome do Pedro Malazartes, que é um personagem reconhecido nos contos populares brasileiros. O matuto Pedro chegou ao país na bagagem de histórias trazidas pelos povos da Península Ibérica, principalmente, de Portugal e Espanha. O nome “Malasartes” vem da expressão linguística espanhola “malas artes” (artes más), que significa travessuras ou malandragens e está imbricado ao termo anti-herói (ALBISSÚ, 2009).

Foi então que decidiram buscar a parceria profissional do Rodrigo Robleño como artista, pesquisador e diretor artístico – quesitos que agregaria aos planos a qualidade que tanto procuravam.

Concebido e roteirizado por Rodrigo Robleño e Cia Circunstância o De Mala às Artes é um espetáculo de palhaços inspirado nas histórias de Pedro Malasartes, o astuto e justiceiro personagem, conhecido no mundo inteiro por zombar dos poderosos, dos muquiranas e dos presunçosos. Os palhaços Alegria Também, Guimba, Bambulino, Repimboca e Titica se divertem contando as traquinagens desse matuto personagem por meio de performances que envolvem as quatro linguagens artísticas de maneira bem articulada e irreverente. Um espetáculo inspirado livre e matreiramente em pessoas e artistas que escreveram, poetizaram, cantaram, contaram (aumentaram um ponto), filmaram, e divulgaram a vida ou as muitas vidas de Pedro Malasartes.

A artista Dagmar Bedê, lembrando o acontecimento, relata dados significativos sobre a sua afirmação como palhaça no grupo nesse período:

“Aprovamos a nova montagem do grupo, o espetáculo *De Mala às Artes*. *Aí o bicho pegou! Tremi igual vara verde. Pensei: ou vai ou racha! Agora precisava mostrar não só para mim, mas para todos em volta, que eu não era apenas uma produtora e sim, que a palhaçaria pulsava em todos os meus sentidos. Fizemos uma reunião no “finado” ET e, do que me lembro, foi uma das primeiras vezes que me firmei mulher e coloquei a banca. Pois, constava na ficha técnica do projeto que eu era atriz e produtora daquela montagem. Então, derrotei o “chefão” – nada mais que os meus próprios medos e inseguranças – e passei da primeira fase (Entrevista, 2015, grifos da autora).*”

Assim, com a confirmação da palhaça Titica definitivamente na trupe, eles começaram os ensaios dirigidos pelo Robleño, no ginásio da Circo Escola Trupetralha, em BH, espaço onde também treinavam técnicas acrobáticas, pois nesse tempo, final do ano de 2012, eles ainda estavam sem espaço próprio. Mas entrou o ano de 2013 e com ele veio à ocupação de uma nova sede. Quando já não tinham para onde correr, o Cid, tio do Diogo, antigo locatário do ET Cultural, “cantou a pedra” de um galpão da Vania, sua esposa, localizado na Rua Junquinhos, nº 1220, no mesmo bairro do ET, que há tempos havia hospedado o Grupo de Teatro Armatrux e desde então estava vazio precisando de novas energias. Pronto, mais um sonho realizado, agora, a Cia. possuía sede própria e logo esse espaço passou a ser o ponto de encontro para os amantes da palhaçaria e congregação da comunidade vizinha.

Lá, o espetáculo *De Mala às Artes* começou a

tomar forma. Foram verdadeiras aulas de palhaçaria e experimentações; conflitos e reconciliações. O desafio estava lançado para todos e especialmente para a Dag, pois ela não buscava apenas entender o que era a sua palhaça no meio daquele universo. Muito além, o diretor os provocava dizendo: — Os palhaços brincando de fazer teatro, interpretando os personagens da história. Diogo, Luciano, Evandro, Miguel e Dag, sendo os palhaços, faziam os papéis de atores (pessoas que são palhaços, mas que no fim das contas eram eles mesmos). “Heim?” Uma grande confusão que no espetáculo tinha que dar tudo certo.

Sobre a concepção e direção do espetáculo, Rodrigo Robleño explica:



“Minha proposta inicial de direção era que cada um adaptaria uma das histórias (assim, teríamos cinco textos), cada um faria o Pedro Malasartes uma vez e que a linguagem se aproximaria aos desenhos animados: cenário e figurino seriam criados a partir dessa ideia, sendo que o cenário estava baseado numa antiga experiência minha com caixotes sobrepostos que, ajeitados de maneiras diferentes, criavam o cenário de cada história. Os figurinos viriam de brechós e seriam pintados a mão. Nem tudo saiu como planejado, foi difícil trabalhar com o grupo como é difícil domar um cavalo selvagem... Ou algo do tipo. Apesar da admiração que eu tinha pelo grupo e por acreditar na qualidade de palhaço de cada um, o processo se emperrava. Os ensaios atrasavam, os textos não eram concluídos, as cenas não aconteciam. Os ensaios dependiam muito de ‘se todos estavam dispostos a criar’. Os integrantes do Circunstância, nos momentos de ensaios, se mostravam ao mesmo tempo criativos e descompromissados. Já na parte de produção, no entanto, havia uma gana de trabalhar, uma



Montagem do espetáculo *De Mala às Artes*, Sede da Cia. BH/MG, 2013. Foto: Lina Mintz

crença de que tinham um grande espetáculo por estreiar. [...] Uma característica fundamental em “De mala às artes” é o ritmo das piadas, o público deve ser pego de surpresa, numa avalanche de situações e textos cômicos, pois é um espetáculo com muitos diálogos. Mesmo destacando essas dificuldades na criação do espetáculo, o que posso dizer é que foi e sempre será um prazer ter a Cia. Circunstância como parceira. É um orgulho ter dirigido um de seus espetáculos (Entrevista, 2015).

E os trabalhos continuaram. No meio tempo dos

ensaios e preparação para a estreia, receberam a notícia de outro projeto contemplado: uma turnê levando o novo espetáculo para o Norte do país, viagem que fariam duas semanas depois do fim das apresentações em BH.

Depois de tropeços, quedas, erros e acertos eles estrearam; isso se deu na mesma semana que aconteceram as manifestações políticas de 2013, no Parque Primeiro de Maio, bem ao lado de cerca 50 mil pessoas protestando na Avenida Presidente Antônio Carlos, tempos antes da polícia “abrir fogo” contra os manifestantes. Era levante para tudo quanto era lado, dentro e de fora do espetáculo. A emoção

tomou conta e como todo ato político e social, a palhaçaria deu o seu recado contando as aventuras de Pedro Malasartes.

Prêmio Myrian Muniz: Circunstância rumo ao Norte

Com o De Mala às Artes ainda em construção, a Cia. Circunstância de maneira visionária elaborou o projeto Cia. Circunstância Rumo ao Norte com a intenção de promover a circulação do espetáculo para além dos domínios de Minas Gerais. O empreendimento foi submetido à seleção e aprovado no Prêmio Funarte de Teatro Myrian Muniz em 2012 e executado em 2013, fomento de âmbito nacional a projetos que visem o desenvolvimento de atividades artísticas de teatro, nas modalidades Circulação, Montagem de Espetáculos e/ou Manutenção de Atividades Teatrais de Grupos e Companhias.

Foi a partir desse incentivo público à cultura que a trupe pode delinear as metas e realizar mais um grande feito na sua história. Nessa época, a turma contava com a parceria da Lorena Moreira¹⁰ na produção e o projeto despontou. Traçaram as rotas das andanças e sem demora embarcaram rumo ao Norte, chegando ao ponto extremo do país. Ao falar sobre a sua parceria com a Circunstância Lorena declara:



“Gratidão. Impossível falar dessa trupe sem começar por esse sentimento que é tão presente nessa relação. A Companhia Circunstância junto com seus membros e ideais “palhaçísticos” marcou e se fará sempre presente em minha vida, seja pelo pessoal ou pelo profissional. Com eles, ganhei uma família de palhaços e me descobri uma Paçoca, que virou pura Lorota. Em 2012, me receberam de braços abertos e abracei a missão de produzir o grupo. Juntos, aprendemos, rimos, choramos, enfim, vivemos altas aventuras. E uma das mais marcantes para todos nós,

10. Formada em comunicação social, é produtora cultural e palhaça nas horas vagas. Trabalhou em diversas agências de comunicação, foi produtora da Cia Circunstância e atualmente trabalha com o Circo em Cena



Turnê Rumo ao Norte,
Manaus/AM, 2013.
Foto: Lorena Moreira.



Espectáculo De Mala às Artes na circulação Rumo ao Norte, Manaus/AM, 2013. Arquivo: Companhia Circunstância

eu acredito que tenha sido a turnê "Circunstância rumo ao Norte". [...] Que venham mais 10 anos de muita palhaçada, e que vocês [nós] sigam sempre trilhando esse caminho de alegria, comunhão e muito suor. E mais uma vez, obrigada, principalmente por me apresentarem um mundo onde tudo é possível! (Entrevista, 2015, grifos da autora)."

Em uma viagem de 35 dias, eles conheceram cidades, pessoas e culturas que os encantaram, fizeram amigos e trocaram muitas experiências com artistas e produtores locais. O desafio era gigante, pela primeira vez eles iriam passar tanto tempo juntos em viagem, tinham um material de espetáculo volumoso e pesado, e, apesar de toda a pré-produção, ainda existia um friozinho na barriga de que algo podia dar errado.

Começaram a circulação por Manaus, onde fizeram duas lindas apresentações. Lá, conheceram o encontro das águas (Rio Negro e Rio Solimões) e uma cidade flutuante. Seguindo viagem para o Amapá, hospedaram-se na sede do Grupo Eureka, onde tiveram um contato bem próximo

com a funcionalidade e dificuldades encontradas pelos companheiros locais. Apresentaram-se em Macapá, Maruanum e Mazagão, dentro do cronograma da turnê. E no espaço Encanto dos Alagados, um palco sobre palafitas, em uma região conhecida geograficamente como área de ressaca, na periferia de Macapá, onde improvisaram uma apresentação que lembrava o Palhaços à Vista, mas bem diferente, inclusive com a participação da Titica. A alegria nos olhos e sorrisos dos moradores que assistiram foi tão grande, que a emoção tomou conta do lugar, principalmente após a roda, quando eles sentaram para conversar com a comunidade. Depois seguiram para o Pará onde se apresentaram em Belém, Maracanã, Ilha de Algodoal, Bragança, Santarém e Alter do Chão. Ao todo foram 14 apresentações, uma mais emocionante que a outra.

Outras notas sobre os 10 anos de caminhada

De volta a BH, após as aventuras vivenciadas na viagem ao Norte do país, a trupe retomou os afazeres, participaram de festivais e de encontros de palhaços, animaram eventos públicos e particulares em Minas e outros estados do país. Engajaram-se em causas sociais e arrancaram muitas gargalhadas por onde passaram. Ainda em 2013, arquitetaram e aprovaram mais um projeto de circulação de espetáculos: o Cia. Circunstância no Caminho das Águas – submetido à Lei Estadual de Incentivo à cultura de Minas Gerais, (LEIC), no qual realizaram uma turnê com seus espetáculos por Belo Horizonte e algumas cidades mineiras.

Nesse momento oportuno, reforçando as pelejas da vida de quem se atreve a viver de arte no Brasil, para homenagear a Cia. Circunstância o parceiro de caminhadas Gustavo Bartolozzi¹¹, compôs o seguinte caso:

11. Ator e produtor artístico, membro da Companhia Candongas, com sede na capital Belo Horizonte/MG. Endereço eletrônico: < <http://www.ciacandongas.com.br/>>.



"Se, quando eu conheci, tava pelejamente, politicando ou tava nas labuta de pesquisaria pras representagens das vida humana que nem nunca fui, eu num sei! O doutor num bote reparo. Mas se aquele homem que vagarmente passava na Santa Tereza tivesse aqui perto, ele pactuava comigo pro doutor: — Esses aí são tudo morador da lua/filho da rua! O Senhor num crê? Apois, quantas vez eu tava nas pinura artística e eles tavam lá? Era sentado, ou de dia ou de noite, nos banco das praça ou debaixo da lona do Alegria. É bafo? O senhor também pensa com a cabeça demais e quem muito assim vive menos vê. Qualquer coisa, o doutor pargunta lá nas berada do no Santa Cruz com Cachoeirinha! O povo lá não esquece de ninguém que presenteia eles não. Esses aí, lá, têm defesa muita. Vai nascer e morrer gente e as pessoa lá vão lembrar das bobage. Eles riram de chorar com os Palhaços à vista e choraram de rir com o De malas às artes. Lá é todo mundo candongueiro, num posso negar! Mas o doutor bote fé que felizes são os que têm o coração que pensa pra eles. Aqueles que no susto dum soluço já tão rindo de graça. Circunstâncias, né, doutor? Circunstâncias... (Entrevista, grifos do autor, 2015).

Nesses dez anos de caminhada muitos encontros fortaleceram amizades e parcerias honrosas. É justo deixar registrado nessas linhas retrospectivas, as considerações¹² de alguns companheiros de estrada sobre a Companhia Circunstância.

12. Entrevistas realizadas em 2015



53º Festival Santista de Teatro. Santos, SP, 2011. Arquivo: Companhia Circunstância.



"Pra mim, a CIA Circunstância é um exemplo de que não importa a circunstância, quando a circunstância é criada pelas melhores circunstâncias. Artistas talentosos, humanos, articulados, profissionais, batalhadores, guerreiros, pensadores, inquietos, múltiplos e únicos! Meus queridos, Circunstâncias [...] Até choro! Família não é sangue, família é palhaçaria. Era isso que Chico queria dizer! É algo de sintonia, que não se explica, se sente. Parte da emoção, da verdade, da simplicidade. Da indignação sem agressão ou violência. Do riso e do pensamento. Dos opostos que se revelam. Das dificuldades que alimentam. Dos fracassos que impulsionam. Vai entender, o porquê?! Me sinto abençoada! Em nome do palhaço, do riso e do espírito de porco: Amém!" (Adriana Morales).



"Apesar da distância física, nunca perdi o contato com esses palhaços do Circunstância, principalmente com o Evandro.

Além de vê-los em cena, tive a oportunidade de assistir alguns ensaios do Grupo. É instigante ver a forma como eles se dedicam à pesquisa dessa linguagem, dando frescor e reinventando a palhaçaria clássica. São dez anos de palhaçada levada a sério. Que venham 20, 30, 50 anos a mais. E que a gente possa se encontrar velhinhos nos picadeiros dessa vida. Vida longa à Cia Circunstância!" (Álvaro Lages).

"Só posso dizer... Amigos Circunstâncias, contem sempre comigo, o palhaço neném dessa companhia, o "Arco Bilis", uma "criança" muito feliz que os admira e estará sempre com vocês. Eu adoro estar na Companhia de vocês em todas as Circunstâncias! Drwlll! Obrigado por tudo, sempre! Antes de ir, só mais uma palavrinha... Ahhh... Pop's!" (Bruno Tonelli).



"A dedicação e o zelo empreendido por cada um dos artistas "circunstantes" os qualifica artisticamente e me encanta quando os vejo na arena. É de conhecimento deles o meu desejo e vontade de realizar um trabalho mais próximo da trupe, dirigir uma montagem, desenvolver um roteiro ou dramaturgia para a Companhia. Na minha percepção, esses dez anos de trajetória, são o resultado do empenho e dedicação de Diogo Dias, quem, no meu entender, é o legítimo responsável pelo caminho percorrido, por meio de seu empreendedorismo, persistência e impulso multiplicador. Sua paixão e vontade afirmativa nortearam o seu desejo e eles soube transformar sonhos em projetos. Agrega-se a isso o encontro de amigos, de artistas, de parceiros de sempre, o espírito circense de se tornar uma família e chegamos à fórmula do sucesso chamado Cia Circunstância. Repimboça, Guimba, Alegria Também,



Bambolino e Titica são diversidade e singularidade construindo uma unidade" (Cícero Silva).

"Admiro demais esse povo da Circunstância, vi a Cia. nascer. Ai meu Deus, tô parecendo (ou sendo?) uma tia velha! Vi também crescer, na garra, na luta, pelo caminho do teatro e na afirmação do teatro na vida, na rua, na cidade, no país, no mundo. Eita, mundo pequeno gente, tão pequeno que às vezes pode caber num fusca azul, não é mesmo gente?! Diogo e o circo. Lembro com nitidez do dia em que na varanda do TU antigo, lá na Rua Carangola, 300, no intervalo de uma aula, ele me disse: — Estou pensando em me dedicar somente ao circo. Então, eu falei: — vai sim! Tem tudo a ver com você. E não é que ele foi mesmo?! Lembro-me do Miguel e seu cuidado com a vida, as sementes germinando, os interesses pelo cultivo da terra, sua calma e generosa participação nas aulas de História do Teatro. Evandro, Evinha, e sua atenção dedicada e delicada, sua presença tranquila nas aulas e fora delas. A convivência harmônica com as pessoas, reafirmada na arte. Essa turma do barulho é, na verdade, muito da paz e sabe bem o que quer, bem, a ponto de não deixar passar o tempo sem fazer o que quer e também o que é preciso" (Denise Pedron¹³).



"As circunstâncias que me levaram ao encontro dessa Companhia são – se não peculiares, curiosas. Conheci primeiro o Diogo Dias, não me lembro quando e muito menos onde.

.....
13. Professora, artista e pesquisadora nas áreas de teatro, performance e literatura. Leciona no curso técnico em Artes Dramáticas do Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais (TU/EBAP/UFMG), É coordenadora geral do Festival de Verão da UFMG, promovido pela Diretoria de Ação Cultural. Tem experiência na área de Artes Cênicas, com ênfase em História e Teoria Teatral.

Mas em pouco tempo percebi que nossa recente amizade já possuía um quê de longa data. Sou natural de Belo Horizonte, mas vivo em Mariana desde 1994. Entre idas e vindas da nova para a antiga capital, sempre que possível, nos encontrávamos em festivais, cabarés e Quaquaraquás da vida. Assim nos aproximamos, dividindo sonhos, frustrações e medos. Das voltas que as nossas prosas davam, chegávamos sempre no mesmo ponto: como era difícil montar, criar, organizar, formar, um grupo de teatro, de palhaços então, nem se fala!" (Eduardo Dias Romagnoli).

"Acredito ter acompanhado a evolução do grupo em todos os aspectos, o engrandecimento artístico e profissional foi visível. A Cia. Circunstância conta com belíssimos espetáculos, produzidos e cuidadosamente pensados para elevar a figura do palhaço a um patamar de destaque nacional. Sem dúvidas a importância e o talento da Circunstância é merecedor de cada conquista neste grande Brasil! Faço meus votos de que venham mais uma, duas, três... Décadas de união, sucesso e encanto. Parabéns por nos fazer sonhar e nos lembrar do quanto ainda somos criança!" (George Rubadel).



"Para além da qualidade e capacitação dos integrantes da Cia. Circunstância o que mais me encanta é como se evidenciam a beleza e o poder transformador da arte feita com prazer e por amor. Seus espetáculos, para mim, são, antes, ritos de passagem para um mundo mais colorido, mais consciente e mais feliz. É como renascer na alegria de ser palhaço e ser criança. O que é sublime se dá na simplicidade de cada gesto,

cada proposta. Seu caráter mambembe aliado a isso é, sobretudo, um charme. Tamanho o meu apreço e gratidão, chego a ser suspeito pra falar. O que posso afirmar sem pestanejo é que a Cia. Circunstância é uma companhia muito articulada e generosa. Seus empreendimentos direcionam-se também a atender uma série de outros grupos artísticos, muitas vezes não contemplados por projetos aprovados em leis, como fizeram no Projeto Quaquaraquá, quando participamos com a nossa trupe. São essas as nossas afinidades mais profundas, a Arte no ambiente do respeito ao próximo e no prazer da convivência. O espírito de comunidade e de partilha. Sinto-nos com irmãos, como família, para muito além de um contato meramente profissional." (Itamar Bambaia).

"É um orgulho compartilhar cenas e projetos com essa trupe. Tenho certeza absoluta que eles já deixaram sua marca na palhaçaria mineira e brasileira, pela pesquisa que realizam, dando uma cara particular à palhaçaria tradicional, oferecendo sua amizade e contribuição a projetos coletivos que buscam levar a linguagem claunesca a todos os rincões de Minas e do Brasil. Essa trupe é "dez"! E que seja vinte, trinta e o que venha pela frente. Desejo, a esses queridos amigos e palhaços, bons caminhos em suas jornadas, e que me devolvam os figurinos que emprestei a cada um deles!" (Rodrigo Robleño).



Pelo Direito à Arte e à Cidade.

O aniversário de 10 anos da Cia. Circunstância foi comemorado durante os 41 dias da Mostra Tudo, projeto contemplado pela lei municipal de cultura que ofereceu ao público oficinas, espetáculos e rodas de conversa e ocupou praças, parques e ruas espalhadas por Belo Horizonte, entre 27 de abril a 6 de junho de 2015.

Uma festa que foi muito além das probabilidades, graças à garra e competência de pessoas como Yuri Pinto, grande amigo e parceiro, e da queridíssima Lorena Moreira, Lorota para os colegas de nariz vermelho, que com exemplar desenvoltura soube descascar o abacaxi burocrático deste projeto e magicamente fez o milagre da multiplicação acontecer para tornar real o sonho megalomaniaco desses palhaços apaixonados.

Os lugares escolhidos para a realização das atividades traçam um pouco da cartografia desta história coletiva, com seus 10 anos permeados de tantos afetos e partilhas, entre amigos alimentando sonhos comuns, descentralizando a cultura através da livre ocupação do espaço público, catalisando transformações nos espaços nos quais penetramos e fazendo da arte um ato político.

Ato que se torna ainda mais subversivo em lugares como BH, que como tantas outras cidades vêm sendo dominada pela exploração do estado-capital, que privatiza espaços públicos e cerceia as liberdades individuais, mas onde, porém nascem as insurgências que agregam forças na resistência, fazendo sentir que não estamos sozinhos.

Pela arte do encontro, coroamos a alegria destes 10 anos levando riso através dos espaços, de mãos dadas a homens e mulheres, crianças e crionços que contra o mal e a opressão, seguem sorrindo seu caminho de luta, afinados no bem comum, com humildade e dignidade.

A estes tantos, nossa eterna gratidão. Essa troca é o que nos alimenta. Festejemos nossa luta, lutemos por nossa festa!

Viva a arte! Viva a cidade!

Espetáculos da Mostra Tudo

Ao todo foram 12 dias de espetáculos com artistas de outros estados além das atrações locais. Do repertório da casa, a Cia. Circunstância mostrou tudo o que tinha pra mostrar, e mais um pouco: Palhaços à Vista, Antes solo que Malacompanhado, Pequeno Grande Encontro, De mudança e De Mala à Artes, além dos imprevisíveis Geleia Geral e 1, 2, 3... Testando..., que estão mais para dinâmicas espetaculares, do que para espetáculos propriamente ditos. Nas páginas anteriores, já tivemos oportunidade de conhecer um pouco sobre as cinco primeiras peças produzidas pela Cia. ao longo destes 10 anos. Logo neste capítulo teremos em foco os espetáculos convidados para a Mostra Tudo, bem como as performances experimentais da Cia. Circunstância. Contamos com sua imaginação para alcançar a magia destes momentos, que palavras jamais poderiam traduzir.

Desejamos a todos um ótimo espetáculo!



Cortejo de abertura da Mostra Tudo, BH, MG, 2015.
Foto: Thomaz Mueller.

Côcortejo de Abertura

Convidados: Coco da Gente, Bruno Tonelli, Circo em Cena, Lud Benquerer

“ Nas ruas, um cortejo de palhaços ganha status de parada festiva, soprando irreverência no ar sempre denso da cidade organizada, no meio do sempre útil “horário comercial” (SOUZA, 2011, grifos da autora).

Foi o dia mais doido do ano de 2015: dia 2 de maio. Reunidos no Garagem 1220, artistas – parceiros novos e antigos – vestiram seus narizes e vieram engrossar o caldo do Côcortejo de Abertura da Mostra tudo. Já era quase três da

tarde quando os palhaços saíram portão a fora, fazendo escarcéu pela Rua Junquinhos. De longe se ouvia a cantoria: Oh raia o sol suspende a lua, olha o palhaço no meio da rua.

Na missão, puxando o batoque de responsa, dando liga no coro pra geral não se perder, estava o pessoal do Côco da Gente¹⁴, parceiros fortes desde seu primeiro encontro com a Cia. Circunstância, no Festival de Inverno de Milho Verde, em julho de 2014.

14. Coco da Gente: idealizado pelo percussionista Pedro Campolina, é formado por artistas de diversas áreas que se dedicam à pesquisa e manifestação da cultura popular brasileira, mesclando a musicalidade afro-indígena do samba-de-coco com o sapateado, teatro, ciranda, capoeira, samba-de-roda.

Naquela ocasião cada grupo teve oportunidade de assistir o trabalho do outro. Foi amor à primeira vista e dali em diante o coco contaminou a vida dos palhaços e vice versa. Dessa parceria nasceu o projeto Cocalhaço, que oferecia oficinas na sede da Circunstância, abertas a todos os públicos, para o estudo da cultura popular – principalmente o coco – e a pesquisa da arte da palhaçaria. Atualmente os encontros estão fechados para o público, pois os dois grupos estão concentrados na construção de um novo espetáculo.

Naquele dia doido demais, como sempre afinados na mesma sintonia saíram a cortejar a rua no sentido literal do verbo: com a clara intenção de conquistá-la. A missão era agregar o maior número possível de pessoas na Praça da Saúde, logo ali pertinho, onde o espetáculo Geleia Geral, mistura de números convidados e marmotas afins, abriria oficialmente a série de apresentações, adentrando com pé direito a Mostra Tudo.

Geleia Geral - palco aberto e horizontal

Convidados: Coco da Gente, Bruno Tonelli, Circo em Cena, Ronnie Nakapa

Enquanto isso na Praça da Saúde... Guimba fazia às vezes de anfitrião, entretendo a plateia enquanto os outros palhaços não chegavam. Em volta, barraquinhas vendendo comida, bebida, balões de gás e algodão doce. Seria a produção da dupla dinâmica Yuri Pinto e Marcela Bergamini (amigo e então produtor da Cia. e sua companheira, também amiga) se não fosse a feirinha da Avenida Silva Lobo, que como todo o sábado estava por ali, agitando aquele espaço que para alguns circunstâncias é tão familiar quanto o quintal de casa, meio às ruas e paisagens que se entrecortam nas redondezas do Garagem 1220, onde funciona a sede da Cia.

Quando o cortejo atracou, a criançada já havia tomado da praça. Além dos convidados descritos, o espetáculo Geleia Geral também contou com a presença vibrante de outros palhaços e palhaças, a maioria deles recém iniciados na arte da palhaçaria, que tiveram oportunidade de desenvolver e aprimorar suas experimentações diante do público. Como o malabarista Ronnie Nakapa, capixaba que viajando pelo Brasil veio cair de paraquedas na oficina Palhaçarias, a primeira atividade oferecida pela mostra, já no fim de abril.



“ E que incrível, logo depois da primeira oficina eu tive a oportunidade de estar juntinho dessa turma boa em um cortejo pelas ruas do Bairro e fui surpreendido pelo convite de estar também junto na apresentação na praça da saúde... Gratidão! (Ronnie Nakapa, palhaço Finito).

Quem também entrou no palco pela primeira vez com nariz vermelho foi o pequeno Bento, primogênito do casal



Geleia Geral, Praça da Saúde, BH/MG, 2015
Foto de Thomaz Mueller.

Miguel (palhaço Bambulino) e Gabriela Costa, então com sete meses de idade, mal sabendo que já nasceu palhaço. Nota-se então um certo grau de abertura e flexibilidade em espetáculos como este que não só confere diversidade de entretenimento, como também é essencial para continuidade da formação dos alunos das oficinas, permitindo que novos talentos floresçam e amadureçam.

Que som é esse?

Palhassadamuzikada... Uma Sinfonia engrassada!
Turma do Biribinha (Arapiraca/AL)
No Parque Renne Gianetti

A programação do dia 3 de maio garantia um domingo no parque para celebrar os anos nascentes do repertório da Circunstância e brindar com novas inspirações o ofício dos palhaços. Na parte da manhã foi apresentado o Palhaços à Vista, revivendo os saudosos tempos de ocupação artística do parque municipal, quando a Cia.

ainda dava seus primeiros passos.

À tarde era a vez das aventuras do palhaço Biribinha¹⁵ ao lado de sua comparsa, Palhaça Pipoca, que entre muitas traquitanas e instrumentos musicais inusitados, mostraram seus talentos e envolveram o público numa sinfonia inesperada, no intrépido espetáculo A Palhassadamuzikada... Uma sinfonia engrassada!

Marcado por uma musicalidade reinventada permeando todas as cenas, o espetáculo se expressa na linguagem de um mestre, herdeiro legítimo das tradições do circo, as quais ele ao mesmo tempo toma para si e reinventa, habilidosa e livremente.

“Atualmente, como continuidade e reinvenção da trajetória familiar, a Cia. Teatral

15. Teófanos da Silveira, palhaço Biribinha, referência da palhaçaria tradicional brasileira, fundador da Cia. de Teatro Turma do Biribinha.

Turma do Biribinha herdou e trabalha um repertório já consolidado e universal dos palhaços excêntricos musicais, mas adaptando-o a suas necessidades, seu regionalismo e seus anseios criativos. Fazem parte desse grupo as paródias, as canções cômicas, os números inusitados, a música tanto como acompanhamento cênico quanto parte do enredo das cenas (SILVA; MELO FILHO, 2004).

Para um grupo como a Circunstância foi um presente indescritível contar com a presença de um mestre como Teófanos da Silveira. Mais que isso, testemunhar a jornada deste palhaço cuja arte nascida no picadeiro hoje ganha as ruas e praças, transpondo os limites da lona e fazendo do mundo todo um grande circo em potencial. Poderíamos dedicar um livro inteiro só pra falar da riqueza do material e do tamanho do aprendizado que vibra deste encontro... Mas são 10 anos a serem celebrados e ainda há muito o que contar. No entanto, acalmem-se! Não há razão para alarde. Aguardem as cenas dos próximos capítulos da Mostra Tudo, que ainda vem mais Biribinha por aí.

Um Elogio à Solicitude

Solo Para Uma Palhaça Sola – Palhaça Luba e Antes Solo do que Malacompanhado – Cia Circunstância
No Parque Aggeo Pio Sobrinho – bairro Buritis

No final de semana seguinte os palhaços e demais adoradores do riso esperavam ansiosos pra ver a dobradinha que apresentava o espetáculo Solo Para Uma Palhaça Sola, estrelado pela palhaça Luba¹⁶, seguido pelo circunstancio Alegria Também, palhaço velho de guerra que dispensa apresentações. Apresentando: Antes Solo do que Malacompanhado, espetáculo que também já nos

16. Luciene de Souza Oliveira, palhaça Luba.



Solo para uma Palhaça Solo, Parque Aggeo Pio Sobrinho, BH/MG, 2015
Foto de Thomaz Mueller.

é bastante familiar.

Antes Solo, vale lembrar, é fruto da primeira vez que Diogo se divorciou de Luciano numa das muitas crises que reverberam no dia-a-dia de um grupo. Palhaça Sola por sua vez, traduz a saudade de uma presença que se faz ausente, como um ente querido que já se foi. Inquietudes e emoções expressas pela arte de quem busca inspiração na própria vida.

Indagado sobre o caráter autobiográfico do espetáculo Solo Para Uma Palhaça Sola, Rodrigo Robleño, responsável pela direção de arte da peça, respondeu:

“A vida é cheia de despedidas, de encruzilhadas, de dúvidas e de momentos decisivos. Isso tudo poderia deixar a vida de qualquer um mais difícil, mas não é o que acontece com Luba nesse espetáculo. Com humor e poesia, ela mostra que esses momentos são parte da história de todos nós e, por isso mesmo, a vida é linda e merece ser

A Palhassadamuzikada,
Uma Sinfonia Engrassada,
Parque Municipal, BH/MG, 2015.
Foto: Lina Mintz





Antes Solo do que Malacompanhado, Parque Aggeo Pio Sobrinho, BH/MG, 2015
Foto de Thomaz Mueller.

Espectáculo 1, 2, 3... Testando!

vivida com plenitude e alegria. Todo o espetáculo é um misto de fantasia e realidade, a arte da palhaça misturada com a vida da artista que carrega, no palco, o mesmo nome com o qual a vida lhe brindou: Luba. Sua avó partiu, sem tempo para despedidas. Suas dificuldades para decidir, suas dificuldades para seguir seus caminhos artísticos, o desejo de ganhar o mundo, de ser aceita como é. A sua verdade, posta em cena, nos faz rir e pensar sobre a condição humana (Rodrigo Robleño).

A hora da vez da experimentação
Cia. Circunstância, Grupo Maria Cutia e Circo em Cena
No parque Roberto Burle Max (Parque das Águas)
– região do Barreiro

Domingo, 10 de maio. Levando adiante a missão de descentralizar o acesso à cultura a Cia. Circunstância foi passar aquele dia das mães no parque Roberto Burle Marx, também conhecido como Parque das Águas, no bairro Barreiro, região metropolitana de Belo Horizonte.

Quem deu início à festa que abria o espetáculo 1, 2, 3... Testando! foram os parceiros Mariana Arruda e Leonardo Rocha do grupo Maria Cutia¹⁷, bons e velhos companheiros

17. Criado em 2006, na cidade de Belo Horizonte o Grupo Maria

de teatro de rua. No espetáculo como o próprio nome já indica, a Cia. Circunstância apresenta na cara e na coragem, um compilado de números inéditos, propondo diante da plateia uma espécie de laboratório performático, propício à criação e experimentação prática das várias formas de comicidade pesquisadas pelo grupo.

O espetáculo nasceu da inquietação desses palhaços em busca de formas efetivas de aprofundar o intercâmbio e a fusão entre as diversas linguagens, e reconhecer na prática novas conexões possíveis entre palhaço, público e espaço. Nele os palhaços se jogam na cena abertos ao que der e o que vier, improvisando com a situação presente, metabolizando o jogo a partir de um eixo condutor. Nesta apresentação, valeram-se estruturalmente de alguns números repassados pelo palhaço Biribinha, que dias antes havia ministrado a oficina O Palhaço Tradicional.

Uma coisa peculiar inerente a este espetáculo é a singularidade de cada situação em que ele acontece, jamais voltando a assumir os mesmos contornos. De certo modo é como se ele estivesse fadado a ser um espetáculo eternamente inacabado, pois, na medida em que os números vão ficando bem resolvidos, não havendo mais necessidade de teste, deixam de ser interessantes para esta proposta. E isso estimula uma necessidade de testar novos números na próxima apresentação. Então, o que foi construído passa então a ser desconstruído e reconstruído, agregando novos elementos, subtraindo outros, mudando tudo de lugar.

Ao se jogarem em cena dividindo com a plateia suas pesquisas corpóreas e poéticas, os palhaços se aventuram por experiências, e quando erram deixam sem cerimônias que a realidade transpareça. Tal relação de cumplicidade é algo que fortalece o vínculo afetivo entre artista e receptor,

o passar dos anos, foi estruturando-se como uma companhia de teatro que mistura gêneros, linguagens, cultivando pesquisa própria, a qual denomina de música-em-cena.



1, 2, 3, Testando! – Parque das Águas, BH/MG, 2015
Foto de Thomaz Mueller.

Dobradinha temporã

Cia. Circunstância em...
De Mudança e Pequeno Grande Encontro

Pedimos licença ao sair um pouco do foco nos espetáculos convidados, para falar de duas produções da Cia. Circunstância que integraram a programação da Mostra Tudo e contaram com a presença de ilustres palhaços na abertura dos espetáculos.

A começar pelo De Mudança, que no dia 16 de maio subiu o morro pra se apresentar na região da barragem Santa Lucia, em frente à Casa do Beco¹⁸, local cuja escolha se justifica no respeito que a Cia. Circunstância nutre à luta e resistência deste movimento, que entre trancos e barrancos, faz a diferença numa região marcada pelas

18. Organização comunitária localizada aos pés do Morro do Papagaio/Aglomerado Santa Lúcia, na região Centro Sul de Belo Horizonte, que desde 2003 desenvolve teatro e cidadania.



De Mudança, Barragem Santa Lúcia, BH/MG, 2015
Foto de Tomaz Mueller.



Pequeno Grande Encontro, Centro Cultural Pampulha, BH/MG, 2015.
Foto de Thomaz Mueller.

desigualdades sociais, em meio aos contrastes da aproximação entre o bairro nobre e a favela.

A abertura do espetáculo contou com a irreverência dos palhaços Pindaíba e Titetê, ordinariamente conhecidos como Thiago Araújo e Cícero Silva, velhos amigos companheiros de militância.

Algo que marcou nesse dia foi a divulgação feita pelos palhaços Alegria e Pindaíba, a bordo do fuscazul, que serviu de carro de som. Dois paspalhos, sentados no bagageiro de um fusca, com microfone e um pandeiro na mão, cantando a programação e convidando a comunidade para o espetáculo.



“As apresentações nos aglomerados são um estímulo à formação de público. à arte da atuação presencial perdida com a saturação das imagens foto luminosas. Há um pequeno suspiro quando o atuante vai ao público e afirma a existência do teatro, como uma das bases da aventura humana. (Thiago Araújo, palhaço Pindaíba)

No dia 24 foi a vez de Rodrigo Robleño, palhaço Vira-lata, responsável por uma significativa contribuição na formação de palhaços de Belo Horizonte, nos presentear com sua presença abrindo o espetáculo o Pequeno Grande Encontro, no Centro Cultural da Pampulha.

Feito o registro, voltamos ao foco, felizes por não deixar passar batido estes dois encontros que como todos os outros aqui relatados, celebraram os passos desta trilha percorrida entre amigos, tempos

e espaços.

Ocupando, resistindo e construindo.

Bufonarias II – Trupe Olho da Rua (Santos/SP) De Mala às Artes – Cia. Circunstância Ocupações de moradia da Izidora

A Trupe Olho da Rua surgiu em 2002 na cidade de Santos- SP, com o intuito de desenvolver, pesquisar e estudar as inúmeras técnicas de teatro de rua e suas possíveis estéticas, buscando um novo público, ausente das salas de espetáculos (Blog da Trupe Olho da Rua¹⁹).

Além do objetivo de distribuir de forma mais democrática as possibilidades de acesso à produção de arte, o trabalho da Trupe Olho da Rua sempre foi fortemente motivado por seus anseios políticos e sua ideologia libertária. O grupo tem como sede em Santos um prédio ocupado desde 2012, e que hoje serve também como ponto de apoio a outros movimentos sociais da cidade, ligados a causas humanitárias não especificamente artísticas.

A relação da trupe com estes movimentos se aprofundou na medida em que a militância por melhores políticas públicas para a cultura os levou a perceber quão mais urgentes eram as pautas de certos movimentos sociais perseguidos, que lutam por condições mínimas de sobrevivência, como é o caso das ocupações de moradia. E hoje, muitas lutas se hibridizam no interior da militância política e na produção artística do grupo.

Por estas e outras razões, o grupo foi convidado a se apresentar na região da Mata da Izidora, onde estão as ocupações urbanas de moradia Esperança, Vitória e Rosa Leão, comunidades como tantas outras em Belo

19. Endereço eletrônico: <<http://trupeolhodarua.blogspot.com.br/>>. Acesso em set. 2005.

Horizonte que lutam pelo direito à moradia, ocupando terrenos públicos ou de grandes empresas, cujos donos não dão à terra a destinação social que é exigida por lei.



“Ao sair de nossa cidade rumo à comemoração de 10 anos da Cia. Circunstância de Belo Horizonte, imaginávamos conhecer e fazer parte de um momento marcante e que com certeza ficará na memória de todos nós, e foi realmente inesquecível... Tivemos a honra de nos apresentar na Ocupação Esperança e logo depois acompanhar a apresentação maravilhosa dos companheiros na Ocupação Vitória e participar de um debate na Ocupação Estrela. Viver aquele momento onde o teatro descobre um espaço e o palhaço um sorriso nos faz seguir a diante, levar um pouco de alegria ao poder conviver com aquelas famílias, e isso reforça a nossa luta de viver diariamente em busca de uma valorização do nosso trabalho e levar um pouco mais de poesia às famílias e às muitas, muitas crianças que por ali vivem e sobrevivem... Conhecemos pessoas deslumbrantes que fazem com que, mesmo na dificuldade, seja necessário seguir enfrentando, ocupando de forma corajosa, assim como resistem as famílias das ocupações por onde passamos.” A importância desses momentos de troca para o desenvolvimento do trabalho local de cada grupo é primordial para a construção que cada grupo realiza. Tivemos também a grata oportunidade de compartilhar um momento de aprendizado na sede da Cia. Circunstância junto ao grupo de coco e pesquisa da cultura popular, que só nos faz ter a certeza de que mesmo sem apoio constante, sem uma política de fomento efetiva, grupos que conseguem manter uma sede, um ponto de referência na cidade, de onde distribuem o conhecimento acumulado, são fundamentais para



Bufonarias II, Ocupação Esperança, BH/MG, 2015.
Foto de Thomaz Mueller.

continuidade do teatro na nossa sociedade, uma realidade que só potencializa a nossa força para lutar por reais condições de trabalho para todos os envolvidos no processo de construção de uma arte pública, arte essa fundamental para os tempos de hoje, tão fundamental quanto uma saúde pública, uma educação pública, transporte público. Que derrubemos todas as catracas que fazem aumentar o clamor por uma segurança pública em detrimento de todos os outros direitos que a civilização deve almejar. Só temos a agradecer aos integrantes da Cia. Circunstância que nos receberam de braços abertos e nos proporcionaram essa experiência linda. Vida longa a Cia. Circunstância, vida longa ao teatro de rua, vida longa às ocupações de moradia! "Se morar é um direito, ocupar é um dever." (Raquel Rollo – Trupe Olho da Rua).

Coincidentemente na ocasião da Mostra Tudo, as ocupações do Izidora enfrentavam mais um momento de tensão sob a ameaça de nova ação de despejo a ser empreendida pelas autoridades militares.

Quem convive minimamente com essas comunidades pode imaginar o efeito alcançado ao penetrar tais contextos com a arte da palhaçaria, renovando nelas a esperança e a autoestima. Elas que tanto sofrem os efeitos da discriminação e do preconceito classistas, que são invisíveis para as políticas públicas e oprimidas pelo estado, carentes do apoio de toda uma sociedade indiferente, encontram no olhar do palhaço o reconhecimento e o respeito que os fazem iguais, apesar das diferenças. Dignos merecedores de arte e cultura.

Além destas apresentações, a Trupe Olho da Rua participou também da roda de conversa O comum nas políticas públicas de cultura, que aconteceu no Espaço Comum Luiz Estrela²⁰, sobre a qual falaremos mais adiante.

“Conhecemos a Trupe Olho da Rua quando fomos nos apresentar no 53º Festival Santista de Teatro - Festa (2011). Raquel Rollo e Caio Martins eram os coordenadores da Mostra de Rua, e tivemos um contato muito gostoso desde então. Eu e Diogo reencontramos com

20. Ocupação urbana existente em Belo Horizonte desde 26 de outubro de 2013, destinada à produção e difusão de bens culturais, com foco na formação política e social dos cidadãos. Organiza-se a partir de uma gestão coletiva baseada nos princípios da autogestão, da horizontalidade, do anticapitalismo e da liberdade individual.

os meninos durante o Encontro da Rede Brasileira de Teatro de Rua e Mostra de Teatro de Rua da Trupe Olho da Rua em Santos, em 2012 - estreitando ainda mais nossa relação. Sempre quisemos trazê-los, e na Mostra foi a primeira oportunidade. Admiramos muito sua arte e sua militância (Dagmar Bedê).

De volta à terrinha... Álvaro Lages em...

Era uma casa muito engraçada
Parque Lagoa do Nado

Levados na espiral da descentralização, no dia 23 de maio de 2015 era a vez dos palhaços invadirem o parque Lagoa do Nado, no bairro Itapoã na região da Pampulha. O convidado era o velho amigo de Strada e eterno poeta trouxa²¹ Álvaro Lages, a apresentar seu espetáculo solo Era Uma Casa Muito Engraçada.

Naquele sábado à tarde a plateia estava lotada de rostos familiares, cerca de quarenta membros de sua família, tios e primos a perder de vista, que pela primeira vez tinham oportunidade de assistir um espetáculo do parente artista. Desde que fora morar em São Paulo, Álvaro ansiava ter uma oportunidade de reunir a família e os amigos na mesma plateia.

“Pra mim foi muito legal, primeiro por ver a galera... Porque a gente começou nisso junto, nos encantamos pelo palhaço junto. É como

21. Referência aos coletivos artísticos Grupo Strada e Poetas Trouxas, descritos no primeiro capítulo desta publicação.



Era Uma Casa Muito Engraçada, Parque Lagoa do Nado, BH/MG, 2015.
Foto de Thomaz Mueller.

um reencontro entre bebês que se separaram na maternidade. A sensação que dá é essa: os irmãos gêmeos separados na maternidade se reencontram. Neste meio tempo muita água rolou (Álvaro Lages).

Depois de idas e vindas, Álvaro Lages hoje entende que uma casa verdadeiramente engraçada é onde o palhaço se sente à vontade, onde ele é livre para improvisar e jogar com os elementos que surgem, por mais imprevistos que sejam. Com a naturalidade de quem faz da cena o seu espaço tempo, um recorte de sua vida, não como o ator que atua, mas como o ser vivente que vive um momento após o outro.

Vivendo e aprendendo a jogar

Futebol na Perna De Pau
Estandarte Cia. de Teatro e a Cia. Circunstância.
Praça Duque de Caxias



Futebol na Perna de Pau,
Praça Duque de Caxias,
BH/MG, 2015
Foto de Thomaz Mueller.



A Farsa do Advogado Pathelin,
Praça Floriano Peixoto, BH/MG, 2015
Foto de Thomaz Mueller.

Não era só pelo fato de ser na Praça do Santa Tereza, bairro boêmio da cidade, onde se concentram e trabalham boa parte dos artistas de Belo Horizonte. Além da referência cultural, a praça foi escolhida, sobretudo pelas condições físicas compatíveis às demandas técnicas do espetáculo Futebol na Perna de Pau. E mesmo não sendo nenhum Mineirão, o campo delimitado pela cenografia era mais que suficiente para receber o jogo dos palhaços.

Rafael Protzner e Maria Bonome, respectivamente palhaço Alfinete e palhaça Pãozinho, abriram o espetáculo fazendo as vezes de equipe médica, chamando ao campo os jogadores do alto de suas longas pernas de pau, exceto os goleiros Guimba e Repimboca, o juiz Bambulino e a Titica, que é a massagista oficial.

O próprio Futebol Na Perna de Pau foi concebido pela Estandarte já prevendo a participação ativa dos circunstâncios. Uma parceria profissional nascida da amizade entre os dois grupos. Ambos os grupos têm praticamente o mesmo tempo de formação, e desde os primeiros passos somaram forças na hora de botar a mão na massa, apoiando-se uns aos outros diante dos desafios que se colocam no caminho de seus anseios criadores.

Dessa caminhada em comum preservam a sorte de muitas memórias e experiências vividas, cruzando limites e fronteiras, levando sua arte pelo mundo afora.

Através do tempo

Grupo Rosa dos Ventos apresenta:
A Farsa do Advogado Pathelin
Praça Floriano Peixoto

Dia 31 de maio. Era uma vez... Um domingo aparentemente comum na rotina da Praça Floriano Peixoto, no bairro Santa Efigênia, região leste de Belo Horizonte. Exceto pelo anúncio de que aquele era dia de teatro na praça. De manhã a Cia. Circunstância foi de De mala às Artes no meio da praça lotada, meninada e vizinhança marcando presença. Próxima ao Espaço Comum Luiz Estrela, a praça vem se tornando cada vez mais um espaço de referência cultural na cidade.

À tarde foi a vez da Cia. de Teatro Rosa dos Ventos, vinda lá de Presidente Prudente, SP, que viajou treze horas de van pra chegar à Mostra Tudo e apresentar sua peça A Farsa do Advogado Panthelin. O espetáculo começou antes mesmo de a farsa começar, entretendo a plateia entre risos e provocações já durante a maquiagem e a montagem de palco.

Partindo de um texto clássico de autoria desconhecida, os palhaços seguindo o estilo grotesco remontam no espetáculo um quadro que embora antigo, sempre se repete através dos tempos, desde o nascimento do capitalismo: o dinheiro corrompendo as relações, o político querendo ser rico, o rico explorando pobre, o de cima subindo e o de baixo descendo.

Mais de quinhentos anos se passaram desde a Idade Média... Os trajes mudaram, os costumes mudaram, mas pouco muda na relação do ser humano com o poder. Pra sobreviver nessa selva, quem está do lado mais fraco aprende andar de mãos dadas com os irmãos. Melhor acompanhado do que só, pra aprender sorrindo a driblar as opressões do dia a dia. Assim como era no princípio, agora e sempre, cada vez mais.

“Desde quando nos apresentamos no Festival Santista de Teatro, os meninos do Olho da Rua comentavam sobre o Rosa dos Ventos, e nós nunca tínhamos conhecido. Diogo e eu fomos conhecê-los no encontro da Rede Brasileira de Teatro de Rua - por artimanha do Olho da Rua, nos colocaram no quarto vizinho dos meninos - o encontro era batata! No mesmo ano eu estava na produção da Semana Interplanetária e fiz questão que eles participassem da programação - sucesso na certa. Assim, como a Trupe, sempre ansiávamos em trazê-los para algum projeto do grupo, e conseguimos para a Mostra! (Dagmar Bedê).

Nem só de palco vive o palhaço - Oficinas da Mostra Tudo

Pra chegar a merecer os aplausos do público todo palhaço precisa estudar, tanto para desenvolver novas habilidades quanto para aprimorar as que ele já tem. Livros ajudam, mas não substituem a importância dos exercícios práticos que se veem em cursos e oficinas de palhaçaria. São nestas ocasiões que o palhaço pode levar a teoria da arte ao nível do corpo, longe dos olhos do público, o que lhe permite errar quantas vezes forem necessárias até aprender.

Todas as oficinas da Mostra Tudo aconteceram na sede da Cia. Três delas foram ministradas por profissionais locais e outras duas por convidados de outros estados. O convite feito a essas pessoas é de singular importância na formação de todas as eternas crianças da família Circunstância, gratas pela oportunidade de trazerem diretamente para sua sede mestres com os quais elas sempre quiseram aprender, trocar figurinhas. Além da possibilidade de oferecer mais um espaço de formação aos tantos colegas de palhaçaria, de dentro e de fora de BH.



Oficina Palhaçarias, Sede
da Cia.Circunstância, BH/MG, 2015
Foto de Lina Mintz.

Palhaçarias

Ministrante: Cia. Circunstância

É claro que os próprios circunstâncias reconhecem que como bons palhaços que são - ou pelo menos desejam ser - é preciso estudar sempre e de preferência, com os feras. Mas o que essa moçada quer mesmo é contribuir para que mais e mais pessoas se descubram crianças e assim, sempre cada vez mais palhaços e palhaças despertem pelo mundo afora, pra fazer a gente rir.

Mesmo tendo uma boa experiência em ministrar oficinas, os circunstâncias Miguel e Evandro não deixaram de ficar um pouco ansiosos antes de a oficina Palhaçarias começar. Isto porque aquela não só era a primeira oficina da mostra, como a primeira dentre todas as atividades, antes mesmo da abertura oficial que só aconteceria na semana seguinte com o espetáculo Geleia Geral.

Toda a tensão se dissipou, porém, com a chegada dos alunos que desde o primeiro momento demonstraram total disponibilidade e entregando-se ao jogo, essencial para a fluência e o rendimento de um processo como este. Desde o início, a cada exercício por mais simples que fosse, ficava claro que mesmo para os alunos já experientes no estudo da palhaçaria, muita coisa passava a fazer sentido, objetiva e subjetivamente. Nem que fosse o sentido de ser insensato.

“Quando se faz uma oficina dessa arte, é mister que o aluno se coloque no lugar de iniciante, como um copo vazio, que embora esteja cheio de ar, ele está pronto para receber o que der e vier a tomar esse lugar do vazio que é cheio de possibilidades (Evandro Heringer, palhaço Repimboca).”

Tal entrega é sintoma de um vínculo de humildade e confiança entre aluno e professor. Nestas condições tudo flui e o que acontece é um pleno compartilhamento de saberes e experiências, sem qualquer disputa ou hierarquia. A troca entre quem fala e quem ouve, quem ensina e quem observa, torna-se uma via de mão dupla.

Aos poucos, conforme se vai percebendo os efeitos que cada gag e brincadeira têm, não só sobre quem assiste, mas, sobretudo dentro do próprio palhaço, torna-se possível começar a dimensionar quão nobre e importante é a missão à qual esta arte se dedica. Muito mais que provocar o riso, ela busca ativar emoções.

Nesta descoberta é comum o sentimento de surpresa e gratidão diante do mundo que se apresenta. Coisa que vibra através dos olhares luminosos, sobretudo de quem pisa pela primeira vez o mundo da palhaçaria. Pois é realmente muito libertador dar-se conta de si mesmo falando asneiras e fazendo tolices, e ao mirar em volta

perceber que todo mundo ali leva tudo aquilo muito a sério. É assim, como um alívio... Um sopro fresco de esperança ao ver possível o exercício de modos alternativos de vida, que fujam aos padrões de comportamento quadrado careta que vigoram por aí.

“Minha intenção ao ministrar uma oficina de palhaços é proporcionar aos alunos uma experiência de descoberta de um mundo novo. Um mundo onde o sujeito não tem medo de mostrar quem realmente ele é. E por mais que essas pessoas ainda não se dão conta deste fato, algum brilho aparece e surpreende. Assim como uma porta que se abre para o lugar aonde ela deseja ir, ela se descobre junto com quem assiste a descoberta (Evandro Heringer, palhaço Repimboca).”

Quando esta conexão acontece, a satisfação é tamanha, que aquilo tudo começa a parecer um caminho sem volta. Como aconteceu com a Laís Ciolette, de 18 anos, moça com olhar brilhante de menina, que participou da oficina Palhaçarias e dali em diante colou feito carrapato na Mostra Tudo.



“Então... Foi super especial. Eu acho que foi assim meio um divisor de águas, na impressão que eu já andava tendo sobre a palhaçaria, já meio que apaixonada, querendo me envolver... Esta oficina foi assim... A picada do mosquito. Porque os meninos são super sensíveis na forma de condução deles (Laís Azzi Ciolette, participante da oficina).”

Por fim, o resultado da oficina foi surpreendente por mostrar mais uma vez que a palhaçaria é uma arte que não morrerá jamais... Ela persiste em sua nobre missão enquanto existirem pessoas com corações generosos e almas prontas para compartilhar suas alegrias, seus medos e fracassos.



Oficina O Palhaço Tradicional, Sede da Cia. Circunstância, BH/MG, 2015
Foto de Lina Mintz.

Pessoas com coragem o bastante pra olhar para todos estes sentimentos e compartilhá-los com muito amor, entendendo que todos eles são inerentes à natureza de qualquer ser humano, por mais duro que isso nos possa parecer.

O Palhaço Tradicional

Ministrante: Teófanos Silveira
(Palhaço Biribinha)



“Ele deu uma aula de tudo: de palhaçaria, de cultura e de sobrevivência...
(Jessica Tamietti, Palhaça Espiga).

As primeiras aproximações entre os palhaços da Circunstância e o mestre Biribinha se deram em edições do Encontro de Palhaços de Mariana²², nos breves momentos partilhados nos bastidores do festival, em intervalos e horários de almoço. Antes disso, alguns deles tiveram a oportunidade de assistir A Turma do Biribinha quando a trupe se apresentou no 8º FIT - Festival Internacional de Teatro de Belo Horizonte, em 2006.

“Vi um espetáculo da Turma do Birinha durante a programação de um FIT BH, onde eles apresentaram O

22. Encontro Internacional de Palhaços, produzido pelo grupo Circovolante na cidade de Mariana, MG.

Reencontro de Palhaços na Rua é a Alegria do Sol com a Lua, onde me apaixonei pelo trabalho de toda a trupe, a dramaturgia e a experiência em cativar a plateia! Desde então sempre que tinha oportunidade de ver ou acompanhar mesmo que de longe o mestre eu estava atento (Diogo Dias, Palhaço Alegria Também).

Depois, quando iniciaram seus estudos na ESLIPA²³, no Rio de Janeiro, Dag e Diogo tiveram a oportunidade de tê-lo como professor pela primeira vez, quando ministrou o módulo inicial do ano escolar. No entanto, os circunstâncias não sentiram que beberam, tanto quanto gostariam, daquela fonte aparentemente inesgotável de conhecimento.

O projeto de comemoração dos 10 anos caiu então como uma luva para saciar a sede. Além disso, possibilitava o contato de Biribinha com vários outros artistas de BH que até então nunca tinham tido tal oportunidade e ali estariam frente a frente com um autêntico palhaço, profundo conhecedor das técnicas e filosofias do picadeiro, das artes do riso e da vida.

Ao longo da oficina, Biribinha ensinou diversas reprises clássicas da palhaçaria tradicional, e orientou os alunos nas encenações sem qualquer cerimônia ao revelar os segredos e pormenores de sua dramaturgia. Revelou-se um professor minucioso e exigente, sem deixar de ser flexível e aberto às singularidades dos alunos e ao que cada um deles tinha a acrescentar a cada cena. Flexibilidade sentida na serenidade de sua fala e na generosidade de suas palavras.

“O modo com que o palhaço brasileiro absorveu toda essa cultura do circo e da arte que veio pro Brasil, a maneira como ele foi adaptando,

23. Escola Livre de Palhaços, no Rio de Janeiro, onde Diogo e Dagmar estudaram durante o ano de 2014.

talvez pela falta de estrutura ou por ser brasileiro e ter outra relação com o mundo. Como Biribinha mesmo exemplificou: que a partir de um simples jornal ele teve como criar vários números (Jessica Tamietti, participante da oficina).

Em suas demonstrações Biribinha nos permitiu dimensionar não apenas o modo como o conhecimento circense foi passado de geração em geração, mas também como se deram as adaptações feitas pelos palhaços brasileiros em busca de adequar as técnicas aprendidas às possibilidades de sua realidade. Tirando leite de pedra, sob condições obviamente mais precárias que as dos circos europeus, eles acabaram por constituir uma identidade própria, genuinamente brasileira.

Em contato com os vários alunos de estéticas e níveis de experiência diversos, ele soube respeitar as especificidades e encontrar a palavra certa para cada um, fazendo-se compreender. Sábio e versátil ao se reinventar diante de cada contexto, algo que não apenas viabiliza o ofício do palhaço como também corresponde a uma demanda latente da própria sobrevivência.

“Biribinha e sua turma promovem seus conhecimentos, suas habilidades, sua tradição familiar e seus anseios poéticos adaptando-os à realidade da qual dispõem, de maneira orgânica articulam o universo circense e teatral com o mercado artístico contemporâneo e suas demandas. Suas produções artísticas são uma festiva e carnavalesca celebração de sua arte que reconhecem como complexa, sem perder toda a espontaneidade e potência de comunicação com seu público por todos os espaços, palco e ruas que aprenderam a transitar (SILVA; MELO FILHO, P. 88, 2014).

Ao fim da oficina, o material trabalhado dava tanta liga que mereceu até um cabaré de amostra grátis, extraordinariamente aberto ao público, apresentando uma sequencia de 11 reprises ensaiadas durante a oficina. Um resultado que surpreendeu a todos, principalmente os alunos, dos quais muitos nunca tinham pisado um palco e jamais imaginariam fazê-lo ali, dentro da Mostra Tudo na presença de ninguém mais, ninguém menos que o palhaço Biribinha.

Foram cinco dias de genuíno aprendizado. Dias intensos que moldaram novos contornos em cada pessoa ali presente. Mudanças que vieram de dentro pra fora, de fora pra dentro, fluindo espontaneamente por caminhos que o Biribinha, com maestria e delicadeza, ajudou a abrir.

No início era toda uma confusão de ânsias de desejos... Todo mundo querendo fazer tudo o tempo todo, e o que se via era um deus nos acuda excessivo e ruidoso. Com o passar dos dias, entre erros e acertos, colhendo frutos e fracassos, os tombos foram deixando calos, os desafios foram deixando marcas na superfície e no interior de cada um. Depois de tanto esforço e cansaço era grata a consciência de poder sorrir e provocar o riso calmamente, executando ações uma após a outra, aproximando-se cada vez mais da exata medida de energia que cada uma delas precisa para acontecer.

Gestão Cultural: Um faz tudo da Cultura

Ministrante: Flávia Leão

O que é? Serve pra que? Quanto é que vai custar? Quem quer comprar?

Que artista nunca se viu diante destes dilemas na hora de formalizar a própria produção e inseri-la dentro do



Oficina Gestão Cultural: Um faz-tudo da Cultura, Sede da Cia.Circunstância, BH/MG, 2015
Foto de Lina Mintz.

circuito de arte? Muitas ideias na cabeça, pouco dinheiro no bolso . E até pela própria natureza subjetiva da arte fica difícil saber por onde começar, pra fazer com que tanta criatividade se torne tangível no mundo e chegue ao fruir das multidões.

Um grande passo a ser dado é compreender que para se viver de arte, não adianta só ter boas ideias e ressignificar o mundo com suas inspirações poéticas. É preciso ter também um olhar empreendedor. Pois pra fazer parte de qualquer mercado é necessário aprimorar habilidades administrativas, aprender a reconhecer e manusear as ferramentas de produção disponíveis em cada contexto.

Familiarizar-se com as possibilidades oferecidas pelas políticas públicas destinadas à cultura, as condições dos editais e leis de incentivo, ou mesmo as articulações possíveis nos circuitos não institucionalizados, torna-se caro ao processo criativo de todo artista, mesmo quando

Pensando em possibilitar mais um espaço de formação e capacitar artistas a transporem estas barreiras, a Cia. Circunstância convidou a bailarina Flávia Leão, que também é gestora, produtora e advogada especialista na área cultural, para ministrar a oficina Gestão Cultural: um faz tudo da Cultura.



“ Para mim, a maior dificuldade como artista-gestora é realmente ter múltiplas funções. Chega um momento em que fica inviável aprofundar ou melhorar a própria produção de acordo com o almejado porque você é uma pessoa só e não domina, obviamente, todas as ferramentas ao mesmo tempo (Priscila Patta, bailarina e participante da oficina).

A ideia de ficar sentado na frente do computador preenchendo planilhas e resolvendo questões burocráticas pode até parecer uma tortura. Mas quando se vai além deste aspecto superficial da vida de um gestor cultural, pode-se compreender quão determinante pode ser sua influência na carreira dos artistas, não apenas no que diz respeito ao seu papel de autor, mas também como um fomentador do circuito artístico, capaz de gerar as condições de trabalho para si e para demais colegas de profissão, os quais as políticas públicas não tendem a contemplar.

Cocalhaço

Ministrantes: Cia. Circunstância e Coco da Gente

“ Mas vai dar o que falar É os coco com os palhaço Causando um estardalhaço Mas não param de brincar Mas não param de brincar

Causando um estardalhaço
É os coco com palhaço
Que vai dar o que falar”.

Esta é a letra do coco oficial que canta o casamento bem sucedido entre a Cia. Circunstância e o pessoal do Coco da Gente. Ela foi escrita meio às tantas confabulações do Cocalhaço, projeto em comum entre os dois grupos, que propicia tanto a eles quanto a outros artistas, um espaço para pesquisa e experimentação das conexões possíveis entre técnicas circenses e expressões rítmicas da cultura popular.



“ O Cocalhaço começou com uma troca de conhecimento. Eles nos ensinando palhaçaria e a gente ensinando coco pra eles. E cada vez mais vimos o tanto de similaridade que existe na palhaçaria, no coco e na cultura popular como um todo. Daí em diante seguimos estudando, demos oficinas abertas de “Cocalhaço” e seguimos nos estudos (Pedro Campolina, fundador do grupo Coco da Gente).



Cocalhaço,
Sede da Cia. Circunstância,
BH/MG, 2015
Foto de Lina Mintz.

Obviamente não poderia faltar na programação da Mostra Tudo a reabertura deste espaço que com tanta alegria, descontração e simplicidade, tem apoiado muitos artistas no amadurecimento do próprio trabalho, tanto ao aprimorar quanto ao descobrirem em si novas habilidades.

O Jogo do Palhaço

Ministrante: Grupo Trampulim

“Um processo de oficina é uma transformação. E esta foi uma semana intensa que não acabou. Depois da oficina a gente vai embora e aquilo fica reverberando ainda. Reverberam todos os encontros, todas as histórias. Histórias pessoais que são divididas e reconhecidas. Cada oficina é peculiar mas essa oficina aqui dentro da Mostra Tudo da Circunstância foi um processo, uma experiência muito especial. Como dizem os deuses: presentes que a gente recebe (Adriana Morales, Grupo Trampulim).

Os palhaços Adriana Morales (Palhaça Benedita) e Tiago Mafra (Palhaço Sabonete), do Grupo Trampulim, tem uma longa trajetória de influência na formação de vários artistas, em Belo Horizonte e pelo Brasil afora. A cada ocasião em que ministram a oficina O Jogo do Palhaço, as aulas vão assumindo novos contornos, renovam-se os métodos e as sensações, à medida que o campo da palhaçaria se alarga e se aprofunda diante dos olhos destes oficinairos pesquisadores. Só o que não muda, além do nome da oficina, é o desejo de encontro com a verdade de cada um, de aproximar conscientemente cada pessoa ao seu próprio Eu em estado de graça.

Ao decorrer dos cinco dias foram trabalhadas práticas que conectam corpo e mente mexendo fundo com as emoções dos participantes, trazendo-os a experimentar a simples existência do momento presente. Tempo este em que o palhaço vive, brinca e se comunica com o mundo.



“Eu sempre quis fazer essa oficina. Ela é foda! Ri, chorei, sofri, brinquei, odiei, perdoei. Tudo muito, demais... Sentir, ir sentindo e as coisas acontecendo. A coisa da entrega, como tudo flui quando a gente larga de mão as expectativas. Difícil explicar. Mas se eu fosse escolher uma palavra pra falar dessa semana, seria... Energia! (Tita Marçal, participante da oficina).

Corpo cômico, quedas, cascatas e tropeços

Ministrante: Ronaldo Aguiar

Dagmar foi quem fez o primeiro contato com o bailarino, palhaço e ator recifense, Ronaldo Aguiar, a quem foi apresentada numa das aulas complementares da ESLIPA, e a seu convite veio ministrar a oficina Corpo cômico, quedas, cascatas e tropeços durante a Mostra Tudo. Ela que era a principal entusiasta do processo, pouco tempo antes havia tomado ciência de que estava gravidíssima da silva e que necessitava ter obviamente um cuidado redobrado nos exercícios. Tudo para não prejudicar o serzinho que crescia dentro dela, que naquele momento não devia passar de um punhado de células. Durante a oficina o casal circunstâncio guardou segredo de estado sobre a gravidez. Só o professor ficou sabendo... Deve ter se mordido de vontade de contar pra geral.

Cuidados merecidamente observados, naquela que foi uma oficina intensa, com muito trabalho corporal, e que exigiu de todo mundo muita persistência e disposição física. Treinos dinâmicos com muita queda, cambalhota, torções, tropeços, clacks bem e mal sucedidas, que foram deixando ao longo da semana muita gente com marcas e dores pelo corpo. Felizmente, sem maiores sequelas além das que todos já tinham antes da oficina começar.



Oficina O Jogo do Palhaço, Sede da Cia.Circunstância, BH/MG, 2015
Foto de Lina Mintz.

Pois é gente, palhaçaria é doce... Mas não é mole.

Entre uma explicação e outra vinda do professor foi possível experimentar no próprio corpo as noções de física e anatomia aplicadas à execução de cada movimento. Foram trabalhados tanto movimentos individuais quanto em trios e em duplas. A decomposição do gesto de modo a aprofundar a pesquisa sobre as possíveis variáveis de efeito que cada um pode agregar à estética e à dramaturgia do palhaço.

“[...] quando um bate o outro apanha, mas alguém deve ter as mãos livres para fazer

o clack... Afinal quando um suspende o outro e o outro se equilibra de forma que os dois não caiam, se descobre essa cumplicidade e entende-se melhor sobre generosidade (Ronnie Nakapa, participante da oficina).

Claro que uma semana de oficina não torna ninguém especialista. Ali foi lançada só uma semente. As ferramentas foram disponibilizadas pra que cada palhaço a partir dali fosse capaz, com paciência e dedicação, de dar continuidade à sua pesquisa pessoal, descobrindo por si mesmo as possibilidades cômicas peculiares de seu próprio corpo.

E por falar em corpo, o da Dag vai bem, obrigado! E



Oficina Corpo Cômico, Sede da Cia. Circunstância, BH/MG, 2015
Foto de Lina Mintz.

o bebê que vem se formando dentro dela também. Não se sabe ainda se é menino ou se é menina... Só se sabe que seja como for, há de trazer acesa a pureza no olhar, e muitas lições para ensinar a estes velhos brincantes sobre as ciências da meninice.

Rodas de conversa - Notas e observações sobre um contexto experimentado.

A programação da Mostra Tudo também contou com três rodas de conversas onde artistas e produtores culturais convidados puderam debater abertamente sobre temas comuns, que atravessam não só o cotidiano dos palhaços, como também o de todos os trabalhadores militantes da cultura. A riqueza do conteúdo de cada um destes encontros mereceria sem dúvida uma publicação à parte. Enquanto a oportunidade não vem, apresentamos um relato do que nos parece ter sido o cerne das discussões.

A clássica realidade do tradicional palhaço contemporâneo.

Apresentando... Teófanos da Silveira, especialíssimo



Com a morte de seu pai e o fim do Circo Mágico Nelson, o acesso a novos públicos se tornou uma necessidade vital, e mesmo contrariando as opiniões dos palhaços mais conservadores ele foi aos poucos se adaptando a uma nova lógica de fazer circo-teatro, levando para a rua o que antes era privilégio das lonas do circo.

convidado Palhaço Biribinha, e, como provocador, o amado mestre Rodrigo Robleño. O encontro aconteceu no dia 6 de maio, no Teatro Universitário da UFMG. Quem nos recebeu foi Fernando Limoeiro, professor da casa, velho conhecido da turma. Depois de receber as boas vindas, Biribinha contou um pouco sobre sua vida no Circo Mágico Nelson, de propriedade de seu pai e mestre, falecido mestre Biriba, com quem se formou palhaço no “exercício do ver e do ouvir”. Nascido e criado sob a lona, suas memórias remontam de forma minuciosa à própria história da arte circense no Brasil, e com frescor faziam sentir até o cheiro de serragem no ar.

“Esta é mais ou menos a história do palhaço Biribinha, que às vezes perguntam se ele é contemporâneo, se ele é tradicional... Ou então, ninguém acha que eu sou contemporâneo, acha que eu sou só tradicional... porque eu comecei a 57 anos atrás. Mas esquece que naquela época eu era contemporâneo, né? (Teófanos Silveira, Palhaço Biribinha).

“Eu tive a visão que eu era um gigante. Eu era o gigante e aqui do meu lado tinha um circo armado que era meu. Eu me abaixava e pegava a lona do circo jogava fora. Quando eu jogava a lona e ficava uma multidão e uma clareira aberta, e vi umas pessoas trabalhando, eu me abaixei pra olhar... Era eu e meus filhos,

fazendo espetáculo, na rua. Quando eu me abaixava uma voz falava aqui, neste ouvido esquerdo aqui: o que tu faz embaixo da lona do circo tu pode fazer em qualquer lugar aonde chegar... É o que eu tô fazendo agora (Teófanos Silveira, Palhaço Biribinha).

Além dos espetáculos apresentados pela trupe Turma do Biribinha, ele hoje também se dedica a ministrar oficinas, como um meio de compartilhar seu vasto repertório de palhaço, herança dos tempos de picadeiro. “E o que seria de todo aquele conhecimento após a morte do palhaço?” Reconhecendo que não há como ensinar ninguém a ser engraçado, Biribinha entendeu que como mestre cabia a ele repassar aos mais jovens o que lhe fora repassado por seu mestre. E assim ele se alegra ao ver que esta “meninada” não deixará morrer a arte para a qual dedicou e segue dedicando toda sua vida.

Por fim, foram feitas considerações sobre a realidade atual em que “os artistas estão entrando no mercado já acostumados com lei de incentivo”²⁴, num país em que a maior parte do escasso recurso revertido pra cultura não chega aos fazedores de arte, detidos nas mãos dos captadores e empresários.

“Antes quando pessoas iam montar um grupo era: vamos fazer um estatuto! Agora é: qual edital que tá aberto? Até pra ver se vai ser grupo de palhaço, de circo, de dança...” (Rodrigo Robleño).

Concluindo que é tão necessário quanto possível aos artistas retomarem as rédeas do mercado, a exemplo do próprio Biribinha, que garante: “Se dependesse de dinheiro do governo eu estava

24. Transcrição de uma das falas do provocador da roda conversa Rodrigo Robleño.

ferrado.” Hoje aos 62 anos de idade, 57 destes dedicados à arte da palhaçaria, ele agradece e atribui ao público o mérito de todas as suas conquistas, estímulo que o leva a seguir fazendo e a buscar fazer cada vez melhor.

“Editais e governos jamais me serviram. Foram vocês que sempre me apoiaram...” (Teófanos Silveira, Palhaço Biribinha).

O comum nas políticas públicas na cultura: Davi e Golias

As pessoas, as políticas, a vida e a arte. O tempo, o espaço, o dinheiro. O valor do que é útil, o valor do que é inútil. Acima de qualquer dúvida, o acesso à cultura é um direito básico de qualquer cidadão, assim como saúde, educação e segurança. Porém o que se evidencia no Brasil é a falência do sistema político como um todo, e a inexistência de políticas públicas que atendam à demanda da produção artística, assim como a tantas outras demandas de fundamental importância.



Roda de Conversa: O Palhaço Contemporâneo, Teatro Universitário, BH/MG, 2015
Foto de Lina Mintz.

Neste contexto torna-se fundamental identificar o lugar do artista popular submetido às margens junto às imensas minorias, e compreender o seu papel social enquanto propositor de políticas públicas, como quando assume ministério o Senhor Juca Ferreira anunciando a abertura de um amplo debate entre Estado e sociedade, para discutir os rumos da cultura no Brasil.

Tal foi a provocação feita por Marcelo Bones, fundador do Teatro Andante e ex-diretor de Artes Cênicas da Funarte, com larga trajetória de arte e militância, que mediou o debate O Comum e as Políticas Públicas para a Cultura, em 19 de maio de 2015, no Espaço Comum Luiz Estrela. Um casarão centenário que após 19 anos de abandono foi ocupado por ativistas para o desenvolvimento de um projeto comunitário, e vem se tornando referência em produção e difusão cultural independente em Belo Horizonte, nascido sob o signo da desobediência civil.



"A lei Rouanet é única no mundo em sofisticação da ingerência do privado no que é público. É que nem uma jabuticaba... Só existe no Brasil" (Marcelo Bones).

Ao mesmo tempo, vários colegas de trabalho e de luta protestavam diante da sede do grupo Direcional, construtora responsável pelo projeto do Minha Casa Minha Vida que ameaça as ocupações urbanas e a mata do Isidoro; e somavam forças ao Resiste Izidora, uma das diversas frentes que se articulam em Belo Horizonte - sobretudo desde o levante de junho de 2013 - contra a expropriação dos bens comuns pela política neoliberal, em que recursos públicos são destinados para benefício de grandes empresários, e no caso da cultura, das grandes produtoras e atravessadores que nutrem a produção de cultura de massa.

Insurgências políticas como estas têm irrompido em meios às multidões através de inúmeras redes colaborativas formadas por pessoas comuns que trabalham meios

de produção independentes dos circuitos oficiais. Um tipo de "produção cidadã", que segundo a arquiteta e pesquisadora Natasha Rena caracteriza a crise da Sociedade do Império²⁵, descrita pelos autores Antônio Negri e Michael Hardt num quadro de economia globalizada em que o estado passa a ser pautado pelo mercado, submetendo-se aos interesses do capital.



"O estado tem pavor da autonomia do cidadão! Qualquer estado, de esquerda ou de direita. Como é que estes processos de produção do comum, que tem muito mais haver com uma produção autônoma, podem pautar a política pública do estado pra dar autonomia pro cidadão? (Natasha Rena).

É comum que movimentos culturais bem construídos caíam nas graças dos gerentes de marketing das empresas, sendo por elas cooptados. Daí a necessidade apontada pelo ex-candidato ao governo de Minas Gerais, o ativista Fidelis Alcântara, que reafirmou a necessidade de subverter o sistema a partir do próprio sistema, adotando posturas estratégicas na negociação com o Estado.

Enquanto alguns pensam estratégias de negociação com o Estado, outros mais desiludidos acreditam que já não há o que negociar com um governo claramente manipulado pelos interesses do capital, que já deu provas suficientes do nível de perversão ao qual chegou a administração pública brasileira. Abaixo, o relato do ator e militante Caio Martinez, da Trupe Teatro Olho da Rua, de Santos, São Paulo, que participou do debate, expressa o sentimento de muitos artistas e militantes das artes.

25. Referência às teorias dos filósofos Antônio Negri e Michael Hardt, cuja análise da sociedade contemporânea caracterizada pela aproximação entre estado e mercado deduz a supremacia da política neoliberal.



Roda de Conversa: O Comum nas Políticas Públicas na Cultura, Teatro Universitário, BH/MG, 2015. Foto de Lina Mintz.

Testemunho de um apaixonado:



"[...] quando te apresentam a possibilidade da Lei Rouanet de incentivo a cultura como se fosse um pote de ouro... Aí você faz o processo e de novo se encontra sentado numa mesa, diante do balcão, só que agora com um gerente de marketing pautando seu projeto, com poder de escolher se você vai passar fome e ficar frustrado no próximo ano ou não. E isso nos últimos 20 anos deixou uma marca totalmente perversa na cultura brasileira que acessa este tipo de incentivo, porque uma grande parte dos companheiros começaram, ao longo dos anos por necessidade

ou por osmose ou por querer viabilizar o seu objeto cultural, a pautar na criação elementos que possam ser aprovados pelas empresas. E com isso a gente vai esvaziando o nosso projeto, o nosso pensamento. Vai esvaziando as nossas ações. A rua apresenta pra quem trabalha nela, com teatro, música, com artes plásticas; a possibilidade de romper a primeira barreira comercial que é colocada em forma de bilheteria. Você vai pra um lugar público, de princípio você ganha um fôlego muito grande, cara. Sente que está fazendo algo que as pessoas gostam, as pessoas querem, as pessoas estão sedentas por esta troca e que isto faça parte da vida delas. Mas de novo o fôlego do artista vai ate a página dois ou

três, porque não dá pra você fazer um projeto ao longo de 10 anos. E o jovem que tá numa idade bem difícil, porque tem a pressão familiar sobre o que você vai fazer da sua vida. E aí, quanto mais você acha tesão em caminhos libertários, mais o mercado te coloca como um louco né? Você é um retardado!...Vai fazer sua família passar fome, vai ser sozinho e vai morrer na rua. Vê se ao menos, fuma crack e morre sem consciência. Então assim, aí você começa a se politizar. — Peraí, alguma coisa tá errada. Tem que entender mais sobre esse troço aí, porque estes caras estão me fazendo de trouxa! Aí você começa a achar pares, como a gente achou na rede brasileira de teatro de rua, como a gente acha nas relações em rede dos grupos dentro do Brasil e começa a trocar informação. Você começa a participar de momentos de formação política como este e aí você se prepara pra poder pautar o estado. A gente cria uma esperança de reformar este estado que tá aí... E você perde anos tentando fazer isso, você perde muita energia tentando fazer isso. Porque já existem fóruns específicos para que as pessoas insatisfeitas possam estar lá para perder tempo. Porque você vai pra uma discussão que vai parar numa gaveta... né? Ah! Então, democracia, Ok! Conselhos populares... Eu participo do conselho lá de Santos há oito anos. Sabe... É só aborrecimento! Assim, gastrite, entendeu? Porque você se articula, você vai lá, propõe, faz mobilização, fica lá de plantão e a estrutura é feita pra não dar certo! A organização é feita pra não dar certo! (Trecho da Roda de conversa, Caio Martins, Trupe Teatro Olho da Rua, 2015).

Por experiência, muitos artistas assim como Caio Martins andam bem desesperançados em relação ao que se pode esperar das ações governamentais no sentido de atender as demandas da classe artística. Diante dessa sinuca de bico, eles cada vez mais são levados a compreender que

não será pela ação de outros, senão pelas micro ações que eles mesmos são capazes de propor, que a cultura poderá ser potencializada, tendo reconhecido e valor que lhe é justo.

Vai ter que rebolar... Encontros e Festivais

A história da arte sempre andou integrada a história da própria humanidade e através dos séculos, viver do seu trabalho autoral sempre significou um desafio aos próprios artistas. A desvalorização da cultura popular sufocada pela cultura de massa leva-os a organizarem-se entre eles para desenvolver por si mesmos a função social que o governo não dá conta de cumprir.



“ O artista tem uma função nata de ser educador. Não é que a gente vai chegar lá e vai dar aula, não é isso. É que a obra de arte, a arte em si, ela abre caminhos para as pessoas repensarem muitos conceitos, repensarem a vida, repensarem as formas. Aos políticos isso não é muito interessante (Xisto Siman, do grupo Circovolante).

Neste contexto, os artistas precisam desenvolver habilidades para além das suas inclinações artísticas de modo a potencializar sua capacidade de produção. Na prática vão entendendo que pra viver de arte no Brasil é preciso tirar leite de pedra e rebolar pra fazer com pouco ou nenhum fomento governamental que seus projetos aconteçam.

Experiências como a da própria Mostra Tudo, cujo projeto contemplado com incentivo da lei municipal de cultura, jamais teria sido possível do modo como aconteceu, com seus 41 dias de atividades apresentando artistas locais e de outros estados, se a Cia. Circunstância não tivesse lançado mão de todas as articulações possíveis dentro de sua rede de colaboradores, buscado soluções fora dos padrões de mercado, investindo até dinheiro do próprio bolso para que a coisa se realizasse.



“ Artista não é só o ser criativo que olha o mundo, reflete, se inspira, cria, brinca com o tempo, inova, provoca. Artista é propositor de políticas públicas. A Mostra Tudo é uma proposta de artistas, de teatro de grupo que se vale de recurso público com o poder de potencializar esses recursos fazendo valer até três vezes mais. Isso não tem nada a ver com investimentos, juro altos, ou qualquer administração financeira. Neste caso a verba pública está aplicada em afeto, em militância e na relação de grupos artísticos, proponentes de projetos de interesse público que cumprem o papel que o Estado não dá conta, e que flui naturalmente dentro das ações desses coletivos (Thiago Munhoz, da Cia de Teatro Rosa dos Ventos).

Buscando reconhecer alternativas de gestão e

produção cultural independentes do mercado e do estado, foi proposta a roda de conversa com o tema Encontros e Festivais, que aconteceu no Galpão Cine Horto, espaço do Grupo Galpão. A roda contou com a participação dos grupos Cia. Teatral Rosa dos Ventos, de presidente Prudente, SP; dos grupos mineiros Estandarte Cia. de Teatro, Picadeiro Ambulante, Circovolante, além dos artistas Thiago Araújo, de Belo Horizonte, e do recifense radicado em São Paulo, Ronaldo Aguiar.

Durante a conversa todos tiveram oportunidades para expor seus pontos de vista, compartilhando um pouco de suas experiências na gestão de seus próprios festivais e eventos culturais. Um recorte técnico da produção de arte tão caro ao processo criativo, e que para muitos artistas pode ainda parecer um bicho de sete cabeças.

Pudemos perceber nos relatos destes profissionais que entre eles há em comum a paixão pelo fazer artístico



Roda de Conversa: Encontros e Festivais, Galpão CineHorto, BH/MG, 2015
Foto de Lina Mintz

e uma incondicional disposição para aprender na marra os meios de construir seu próprio campo de trabalho, apesar da concorrência com os grandes produtores e atravessadores da cultura, do utilitarismo dos espaços de difusão, do cerceamento às liberdades individuais e até da discriminação de grande parte da população que não reconhece o valor do artista popular, a menos que ele esteja no elenco da novela. Pessoas que fazem da arte um ato político.

Pois a arte na qual se acredita vai de encontro às pessoas comuns, independente de classe social, independente de circuito, onde quer que elas estejam. E é justamente neste encontro onde nascem os afetos que geram as possibilidades e impulsionam o empoderamento dos grupos enquanto propositores de políticas públicas, que geram não só campo para o próprio trabalho como também permitem a circulação de outros artistas ao mesmo tempo em que formam público além dos circuitos convencionais, descentralizando a distribuição, levando arte aonde o poder público não chega.

Tudo isto é possível graças à articulação entre empreendedores culturais, artistas e público, sem o oneroso intermédio de grandes produtoras, numa rede de doações e troca de serviços, em prol de uma produção de arte acessível a todos. Exemplos como o do Festival Pocar, realizado na cidade de Conceição da Barra/ES, pela Estandarte Cia. de Teatro. Com o orçamento apertado seria necessário tirar dinheiro do bolso e gerar dívidas para arcar com as despesas do transporte dos artistas. Até que a própria população da cidade os socorreu. As dívidas mesmo assim aconteceram, mas podia ter sido bem pior.



“A gente tinha que bancar aquilo tudo. Pesado. E aí uma amiga, chegou e falou assim: - “Ah? vocês vão dar o espetáculo... vocês ainda vão bancar isto? Aí ela tirou cem reais do bolso e começou a ligar pro povo. E aí era isso e isso e isso... e a galera tá vindo de Ouro Preto.

E a população começou a dar dez, quinze, vinte reais. Então parte deste gasto foi a população que bancou. Alimentação... o pai de um amigo de infância, que por acaso é vereador, falou: _ “Se eu bancar toda a alimentação ajuda? E eu disse, ajuda demais... Ô! (Benedicto Camilo, da Estandarte Cia. de Teatro).

Muitas vezes iniciativas como estas, além de não contarem com qualquer apoio da prefeitura das cidades onde acontecem, tem por vezes que lidar com o boicote da mesma à viabilização de seus projetos. Apesar disso, tais experiências comprovam que com um olhar empreendedor aliado à criatividade e ao carisma destes artistas é possível subverter as barreiras burocráticas e encurtar as distâncias entre a arte e o público. E o melhor de tudo, preservar a autenticidade da expressão artística, uma vez que não cabe aqui submeter sua criação aos interesses de qualquer governo ou de qualquer empresário. O que talvez possa ser difícil para algumas pessoas entender, é como pode ser possível trabalhar por esta via de financiamento, uma vez que dificilmente se obterá um bom lucro a partir daí. Verdade. Mas por fim o que faz com que todo este trabalho valha a pena é o mesmo que movimenta a engrenagem: o retorno do público, a esperança de transformação, de despertar das emoções. Eis a verdadeira paga do artista popular.

“Então na hora que você perde este tino de ter a rede de contato de serviços, de pessoas que dão ali no pires, e que pra muitos assoberbados pode parecer uma esmola, mas que é o atributo máximo que permite a arte ter a capilaridade e vínculo que ela precisa pra poder se desdobrar e surgirem novos artistas, enfim... nesta hora você corre o risco de ficar sozinho deprimido fazendo o que a gente faz. Eu estou redescobrando a moeda do meu povo.

Eu tentei cunhar moedas e fui crucificado. Não há como cunhar moedas, as moedas vêm do suor do trabalho do povo. E é dessa moeda que a gente gosta de viver. Mais do que dos editais (Thiago Araújo, palhaço Pindaíba).

Atividades Extras

Cabaré cabaré cabaré...

Parará... Tim bum!

Cabaré Amostra Grátis

Apresentando alunos da oficina O Palhaço Tradicional e seu mestre, Biribinha.

Um momento muito especial que mesmo não estando previsto na programação da Mostra Tudo aconteceu, excepcionalmente, na noite de sexta feira, dia 8 de maio, no último dia da oficina O Palhaço Tradicional. Como a oficina havia sido muito produtiva, o pessoal resolveu oferecer à comunidade um extraordinário cabaré, apresentando todas as reprises trabalhadas e retrabalhadas pelos alunos, sob a tutela do mestre Biribinha.

Ao todo foram 11 números de palhaçaria clássica, o que permitiu com que todos os alunos da oficina tivessem, cada um à sua vez, oportunidade de pisar no palco e tirar a prova diante da plateia. Coroando o fim do cabaré, o mestre Biribinha se uniu aos demais para realizar a solene e emocionante cerimônia do Batismo dos Palhaços, e quem já tinha nome, teve o seu abençoado, enquanto quem ainda não tinha, dali em diante passou a ter.

Como aconteceu com pintora e atriz Tita Marçal, uma das participantes da oficina, cuja palhaça ainda não tinha nome até que dois dias antes, durante a roda de conversa com Biribinha, virou alvo de piadas após se referir aos palhaços como enzimas catalisadoras. A zombaria foi tanta que ela escolheu o nome pra chamar de seu. Mesmo hoje, após ter sido batizada, ainda não sabe bem se sua

palhaça se chama Enzima ou Tinta, ou quem sabe as duas coisas. O que ela garante é que depois da Mostra Tudo, sua palhaça tem muito mais identidade.

Assim como tantos outros que despertaram para o riso, cada qual com seu nariz vermelho, cada qual com seus sonhos e anseios. Ao dividir o mesmo palco com um palhaço como Biribinha, descubrem em si o poder da palhaçaria que atravessa os tempos e sempre se renova para que a alegria nunca saia de moda.

“Vamos lá: não vá pensando que vai ouvir de mim palavras bonitas, corretamente gramaticais, e tal e coisa e coisa tal. Falo pouco, com medo de errar, nunca polemizo um assunto, com receio de não convencer. Falo o que sinto e o que vem da alma, falo com a voz do meu coração que me impulsiona a dizer o que penso. Por isso estou aqui diante de você, pra falar da admiração que tenho por esses meninos e por aquela menina, que agora está à espera de uma criança... Que só vem a enriquecer ainda mais este grupo incansável, que faz de tudo para manter viva essa chama, essa pureza da infância, não só em si, mas no mundo. Falar da Cia. Circunstância, não é muito difícil. Jamais me envergonharia dizer que o amor que tenho por cada um deles é grande ao ponto de me convencer que o que faço nunca vai se acabar, uma vez que existe gente assim como eles, que estão aí pra dar continuidade, levar a missão do palhaço adiante. Alegres beijos e divertidos abraços nestes tontos que tanto admiro (Teófanos Silveira, palhaço Biribinha).

Cabaré Mostra Tudo

Convidados: Ronaldo Aguiar, Grupo Trampulim, Circo em Cena, Luba, Rafael Protzner, Lud Benquerer e Jessica Tamietti

No dia 6 de junho depois de 40 dias de intenso trabalho, entre espetáculos e atividades formativas que levaram graça e conhecimento a vários lugares espalhados por BH, foi a hora de fechar com chave de ouro a programação da Mostra Tudo com um grande cabaré de variedades. Desde cedo o Garagem 1220 foi recebendo os preparativos para a grande noite e ao fim da tarde o pessoal começou a se aproximar. Num ambiente preparado especialmente para a ocasião as pessoas podiam desfrutar comidinhas e bebidinhas enquanto o show não começava.

E lá estava novamente a Tita Marçal, dessa vez de cima da escada mandando Tinta Enzima da maloca da Circunstância, executava a pintura de um grande painel na parede externa da sede. Através da vibração das cores, a artista buscou expressar sua alegria por fazer parte deste momento tão especial, de celebração e homenagem aos 10 anos de aventuras destes quatro amigos e uma amiga, e de toda esta família que só cresce em torno deles.

O povo veio chegando, em grande parte pessoas que haviam participado de alguma atividade da mostra, diversos artistas entre profissionais e iniciantes de todos os níveis e estilos de humor, até os que sequer sabiam que eram palhaços, mas que tanto gostaram, que voltaram. Voltaram para assistir e prestigiar o trabalho dos mestres, artistas generosos em repassar conhecimento, de quem receberam valiosas lições, dentro e fora das oficinas da mostra. Depois de tanto trabalho e tanto estudo era chegada a hora do bálsamo, de ver sob as luzes, em forma de comédia e poesia uma boa dose daquilo que se pesquisou.

A banda de música executou ao vivo a trilha de todo espetáculo e contou com as graciosas presenças de alto nível de Jessica Tamietti, palhaça Espiga com sua flauta, e Lud Benquerer, palhaça Provisória e sua sanfona, além dos tocadores da casa Guimba na guitarra e Repimboca ao piano. Depois do show dos palhaços, um reencontro entre Os Plantas, que renasceu das cinzas para dar uma merecida palhinha, seguidos do show da banda Som do Caroço, que fez tremer as paredes do Garagem 1220 nesta noite especialíssima, que entrou para os anais da história da palhaçaria da rua Junquinhos e de todo bairro Jardim América. Entre artistas e grupos parceiros que independente de serem velhos amigos ou recém encontrados, estão todos integrados até o último fio de cabelo à história destes 10 anos, e sem dúvida alguma fazem parte do caminho de riso e poesia que estes palhaços escolheram trilhar.

Com alegria seguimos... Juntos e misturados!





**RESPEITÁVEL PÚBLICO, COM VOCÊS...
CINCO BIOGRAFIAS EM CONSTRUÇÃO**

“Esse nosso personagem imaginário sobreviveu a todas as catástrofes naturais, inclusive às construídas pelos homens. Esteve presente nas batalhas, nas festas e nos rituais mais sagrados, sempre cumprindo o mesmo papel: provocar o riso. [...] O palhaço é o sacerdote da besteira, das inutilidades, da bobeira... Tudo o que não tem importância lhe interessa (CASTRO, 2005, 12).

O que é e quando nasce o palhaço? Como ele se constrói? Quais são as fronteiras que distinguem o artista do personagem? Como são os “amores e os desamores” dessa arte? Qual o papel do palhaço na arte e na sociedade? Essas e outras questões permeiam o imaginário daqueles que se dedicam a conhecer a arte da palhaçaria e seus múltiplos, híbridos e ressignificados modos de produção ao longo da história.

A tentativa de responder a essas perguntas, sem a mínima pretensão de encerrar a discussão, nos possibilitou contar as histórias de vida de cada um dos “circunstâncios” sob a perspectiva dos interesses e das motivações que os tornam palhaços e os encantam nessa nobre profissão. Cada qual com suas particularidades e afinidades guardadas entre si, compartilham suas trajetórias pessoais e coletivas confluídas no curso destes dez anos de história da Companhia Circunstância. A seguir, discorreremos brevemente sobre os principais momentos da vida dos cinco artistas que integram esse coletivo.



Diogo Dias, o palhaço Alegria Também

Diogo Dias de Araújo Porto, o artista que dá vida ao palhaço Alegria Também, tem 35 anos de idade, é casado com a Dag, também integrante da Cia. Circunstância. Na adolescência foi expulso de três escolas, demonstrando, desde cedo, sinais de “inadequação social”. cursou a escola técnica de processamento de dados e fez estágio na empresa de um dos seus tios. Este mesmo tio lhe convidou para conhecer a escola de circo onde seus filhos estudavam. Ali, o Diogo descobriu um mundo de possibilidades. Começou fazendo um curso de acrobacia aérea e depois se matriculou no curso de formação circense, onde estudou por três anos. Simultaneamente, entrou para a Escola de Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais – TU/UFMG. Nesse ínterim descobriu-se palhaço, ou pelo menos achava que era. Experimentou outros campos profissionais como oficineiro, recriador e performer prestando serviço para entidades públicas e privadas.

Entrou no mundo da palhaçaria pela escola de circo, onde praticava malabares, acrobacias e pela convivência com os amigos da área. Foi nesse meio que o seu palhaço foi batizado pela primeira vez. Quando ele chegava à escola, costumava cumprimentar as pessoas com a frase: “Alegria, alegria!” E o povo respondia da mesma forma: “Alegria, Alegria!” No começo, era apenas Alegria, mas por causa da brincadeira com a palavra dobrada, recebeu o sobre nome Também, ou seja, o nome Alegria e o sobrenome Também.

Nas suas idas e vindas, descobrindo-se como artista, buscando construir conceitos, fundamentos e qualificação estética, fez uma

oficina de palhaçaria ministrada por Adelvane Néia, onde pôde “mergulhar” em questões que contribuíram significativamente para a construção da personalidade do palhaço Alegria. Nesse estudo, descobriu que possuía muitas características de um homem da roça, com malandragem e esperteza nata e foi batizado pelo nome de Gumercindo. A partir daí, Diogo passou a experimentar mais essas características na sua atuação, apesar de não ser fixo e definitivo, pois costuma jogar com as demandas que se apresentam em cada função.

Com grande eloquência e domínio de cena o palhaço Alegria Também, ou Gumercindo, evidencia no seu trabalho a influência dos ensinamentos circenses como as acrobacias de solo, o malabarismo e o espírito dos mestres de cerimônia do picadeiro, aliados ao jogo cômico em sua performance. Assume com frequência as características psicológicas do palhaço conhecido como “branco”, àquele que geralmente inicia o jogo por sua força expressiva, excentricidade e domínio de palco se contrapondo ao outro tipo conhecido como “augusto”. Sua atuação é muito importante porque no jogo, generosamente, é ele quem faz a ponte (escada) para a atuação do Augusto, dinamizando a cena.

De acordo com o autor Demian Reis (2013, p. 28, grifos do autor):

“*Existe uma tradição clássica de relacionamento entre duplas de palhaços em que o chamado “augusto assume uma postura mais boba, ingênua e desengonçada que se contrapõe ao identificado como branco”, que tem uma postura mais elegante, pretensamente inteligente e autoritária, tanto em sua relação com o Augusto quanto com a plateia.*

Procura construir suas ideias e estilo de vida pelo viés

da militância e defesa daquilo que acredita em comunhão e solidariedade com os outros na vida em sociedade. A palhaçaria é uma “bandeira” que ostenta porque nela encontra as respostas para muitas questões sobre a vida. É muito otimista com relação ao solo fecundo dessa arte que existe e resiste a milênios de anos e que se perpetua sem deixar de ser contemporânea. Reconhece a dificuldade de exercer a profissão por questões políticas, econômicas e sociais, mas ao mesmo tempo a elege como forte aliada para a promoção de mudança significativa de combate às injustiças, apostando nos elementos agregadores, sensíveis e solidários característicos dessa arte.

Ao longo de sua carreira têm acumulado muitos exemplos de vida no ramo profissional com artistas nacionais e internacionais (grupos, coletivos e solos) com os quais mantém proximidade ou não, mas que lhes servem de inspiração como: Os Parlapatões (SP), Teatro de Anônimo (RJ), La Mínima (SP), a Intrépida Trupe (RJ), o Circovolante (MG), o Grupo Trampulim (MG), o Lume Teatro (SP), Rosa dos Ventos (SP), Casa de palhaços (PA), Grupo Eureka (AP), entre outros. Aliam-se a esses os encontros nos festivais, oficinas e cursos, assim como: Marcio Libar (RJ), Adelvane Néia (SP), Teófanos Silveira (AL), Rodrigo Robleño (MG), Juliana Jardim (SP), Sue Morrison (Canadá), Tortell Poltrona (Barcelona) e Leris Colombaioni (Itália).

Em entrevista, concedida em 2015, o artista Itamar Bambaia²⁶ fala da parceria com o Diogo no início da carreira:

“*Conheci o Alegria (Diogo Dias) em 1997 no TU (Teatro Universitário) onde estudamos teatro juntos, além de estendermos, é claro, nossas relações para além do curso indo às ruas rodar chapéu e viver de arte. Foi uma grande escola. Fazíamos pequenos espetáculos,*

.....

26. Arte/educador, diretor e produtor cultural na empresa Trupe Fincapé, Ouro Preto/MG.

mas pequenos mesmo, de apenas 5 minutos. Como uma invasão de palhaços, entrávamos em cena nos restaurantes, lanchonetes, pizzarias, sorveterias das cidades e no fim de um dia de trabalho, estava lá no chapéu o valor concreto do empenho de cada um. Uns dias bons, outros nem tanto, mas sempre grandes experiências e momentos compartilhados no desejo tirar o nosso sustento das Artes. Se bem me lembro a Cia. Circunstância nasce nesse momento, no processo das chapeladas e no sonho de viver de Arte.

Para Diogo, “Ser palhaço é mergulhar na surpresa.” Ele fala com brilho no olhar que nessa profissão os “amores”, as alegrias e satisfações são superiores aos “desamores”, momentos de dificuldades e intemperes que encontra no caminho, por isso continua. As suas andanças e experiências contribuem decisivamente para o trabalho que desenvolve na Cia. Circunstância, onde há dez anos tem dedicado tempo e muito esforço para a existência da companhia, desde a sua origem.

Luciano Antinarelli, o palhaço Guimba

O artista Luciano Braga Antinarelli nasceu e foi criado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, onde reside atualmente. É o palhaço Guimba, mas antes da palhaçaria, trilhou outros caminhos recheados de aventuras no campo artístico e em outras áreas até como chefe de estoque numa revendedora de cigarros, um dos motivos que o levaram a escolher o nome do seu palhaço, Guimba

O início foi tocando em bares, restaurantes, festas juninas de igrejas e até em padarias. Tocava onde fosse preciso. Chegava a trocar seus serviços por umas cervejas, só pelo prazer de tocar violão e cantar umas canções. Desde a infância alimentava o sonho de viver de música. Autodidata,

aprendeu a tocar ouvindo os rocks do irmão e pegando escondido o violão de seu pai. Sua guitarra, um de seus maiores xodós, foi comprada com o dinheiro da venda de chup-chup, economizada por cerca de três anos durante sua infância.

Estava plantada a semente. Nesse momento descobriu o que realmente queria para a sua vida – as luzes do palco (mesmo em botecos), o calor dos aplausos... A busca pelo reconhecimento da sua arte. Decidiu que iria fazer o possível para viver desse trabalho, mas sabia que não seria fácil. Desde então, vieram bandas, mais bares pra tocar e muitas experimentações.

Dessas experiências, por volta do ano de 1998, surgiu o “Dendalei”, um grupo musical formado por ele e mais três amigos (Evandro Heringer, Álvaro Lages²⁷ e Cristiano Siman), cujo nome fazia referência a uma música do conjunto musical humorístico brasileiro “Baianos e Novos Caetanos” e tinha como dinâmica artística apresentar no palco viagens performáticas em dois atos nos quais encenavam palhaços psicodélicos e bruxos harmônicos.

O Dendalei durou aproximadamente quatro anos. E foi a partir daí, que nasceu a sua paixão pelo palhaço. Ele não tinha experiência alguma com a palhaçaria. O pouco que sabia veio dos ensinamentos do Cris Siman, o palhaço Mussarela, na época. Assim como confirmam as palavras de um dos integrantes do grupo:

.....
27. É Músico desde 1994 e palhaço improvisador desde 1999. Estudou com Márcio Ballas (Jogando no Quintal), Cris Siman (Barcelona), Omar Medina (México), Sérgio Dominguez (Chile), Rodrigo Robleño (Cirque du Soleil), Alberto Gaus (Solar da Mímica). Foi vencedor do III Festival de Cenas Cômicas dos Parlapatões. Atualmente faz parte do elenco do “Jogando no Quintal” e é assistente de direção do “Caleidoscópio”, espetáculo de improvisação dirigido por Márcio Ballas.



“ A formação original era composta pelo Evandro, o Lu e eu. A gente se conheceu em 1994, no extinto Hook Bar, um boteco de rock’n’roll bem sórdido, na Savassi/BH. O Luciano tocava nesse bar e no intervalo das apresentações dele, o Evandro e eu aproveitávamos para dar uma canja. Nessa, a amizade foi crescendo e começamos a tocar juntos. Na sequência entrou o Cris Siman, que era palhaço e cuspiam fogo. Foi ele quem trouxe a linguagem do palhaço para o grupo (Álvaro Lages, entrevista, 2015).

A sua iniciação na arte da palhaçaria e o nascimento do seu palhaço aconteceram de fato no ano 2001, incentivado pela pegada do Dendalei e graças às oficinas que fez com o Rodrigo Robleño e a Advane Néia, dois grandes palhaços, os quais considera pai e mãe do Guimba.

Ele costuma dizer que o palhaço é o avesso do artista e ao longo dos seus quarenta anos de idade, vem construindo a originalidade do seu palhaço, que mesmo antes de se manifestar, cerca de quatorze anos atrás, já colhia informações no laboratório da vida. Sua personalidade tem sido construída dia-após-dia, mas são nos estudos, nas oficinas de palhaçaria, como a que fez com o Marcio Libar²⁸ (A nobre arte do palhaço) que vai encontrando algumas respostas, resgatando aquilo que já estava ali, dentro do artista. “O

.....
28. Ator, diretor e palhaço brasileiro. É autor do livro: A nobre arte do palhaço. Suas ações se estendem para o campo pedagógico ministrando oficinas e produzindo bens culturais.

palhaço apresenta o nosso ridículo e o espectador ri porque reconhece naquele ridículo encenado pelo palhaço algo que lhe é próprio”, diz o artista.

Seu figurino e maquiagem também já passaram por algumas transformações e apesar de gostar da mudança se sente muito confortável com a estética que mantém hoje. É um palhaço vagabundo, também conhecido como tramp, “àquele que apresentava Charles Chaplin, de uma graça suave e lírica, pensativo e atrapalhado, quase sempre sozinho. A maquiagem do vagabundo, geralmente, apresenta uma barba por fazer, boca e olhos contornados com branco” (ROBLEÑO, 2009).

Segundo Luciano, ser palhaço e viver de palhaçaria é um desafio diário, no entanto, o amor e as satisfações da profissão sempre sobressaem. Ao falar das suas referências artísticas, Luciano ressalta a admiração que tem por seu amigo, colega de profissão e sócio, o Diogo Dias – reconhecendo nele um valor humano muito grande por sua garra, persistência e senso de justiça; reconhece no artista Rodrigo Robleño a importância da constante qualificação profissional. Destaca também como referência o Krusty, o palhaço – personagem animado da série de televisão The Simpsons – por seu mau humor, porque o Guimba, em alguns momentos, também é ranzinza.

Nas idas e vindas da vida, em 2002 mudou-se para a cidade de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro, onde morou cerca de dois anos e meio, numa aventura que lhe rendeu muitos aprendizados, e a formação de outro trabalho musical, a Donadeusa, que misturava samba de côco com rock e psicodelia. Foi logo após o seu retorno a Belo Horizonte, que assumiu definitivamente a profissão de palhaço.

“O meu trabalho é a minha vida. A vida

é dura, mas é doce. A Companhia Circunstância é a minha casa. A arte alimenta o meu corpo e a minha alma, literalmente” (Luciano Antinarelli, entrevista, 2015).

São frases que ele repete com frequência porque são os efeitos delas que constituem o seu cotidiano. São esses os motivos que o faz almejar um futuro cada vez mais próspero, regado à maturidade e a crescimento profissional para continuar vivendo com dignidade. E quem sabe um dia poder realizar o sonho de ter uma lona de circo e uma carreta para sair pelas estradas em caravana com a Companhia Circunstância provocando risos por onde passar.

Evandro Heringer, o palhaço Repimboca

“*Posso dizer que o Repimboca nasceu da minha rebeldia contra o sistema, da minha juventude transgressora. Não me conformava com a vida burocrática que eu levava porque o que eu queria mesmo era ser artista e viver de arte (Evandro Heringer, entrevista, 2015).*

O pensamento acima epigrafado descreve brevemente a gênese da personalidade do palhaço Repimboca que o artista Evandro Heringer²⁹ vem construindo ao longo da vida, mas que se materializou acerca de 15 anos atrás.

Sua vida artística começou com a fase mais boêmia da juventude em um bar chamado Sambatório Geral – BH/MG. Ele brinca dizendo que a palavra bar era apelido para

29. Palhaço, músico e sócio atuante da Cia. Circunstância desde 2005. Graduou-se em Licenciatura em Letras/Português na Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Estudou palhaçaria com importantes mestres como: Rodrigo Robleño (MG), Sue Morrison (Canadá), Advane Néia (SP), Marcio Libar (RJ), Ézio Magalhães (Campinas), Tortell Poltrona (Espanha), Phillipe Gaulier (França), Raquel Socolowics (Argentina) entre outros.

aquele “inferninho” que mudou os rumos das vidas de muitas pessoas na época. Ele e seus amigos Álvaro Lages e Luciano Antinarelli sempre marcavam presença no local, tanto que fizeram amizade com todos que trabalhavam lá.

Toda noite criavam uma forma de convencer o porteiro que eram pessoas legais e mereciam entrar no bar sem pagar. Às vezes, ofereciam bananas, outras, poesias no lugar dos ingressos. Aliás, poesia era o que ofereciam para arrumar dinheiro da cerveja. Ficavam com um bloquinho de papel e uma caneta nas mãos, chegavam junto às moças e pediam um tema qualquer para criar uma poesia a três mãos. Depois liam para ver se ela tinha gostado. Não falhava. Vendiam por um real. Assim iam a noite inteira, bebendo, escrevendo poesia e paquerando as mulheres. Toda noite era a mesma coisa. Resolveram fundar então, o Movimento Trouxista Mineiro, porque escreviam as poesias e queriam entregá-las em forma de trouxa – de um trouxa para outro trouxa – porque às vezes não entendiam como as pessoas compravam aqueles escritos. Pensando em como essa brincadeira era produtiva, o Evandro e o Álvaro criaram uma dupla performática chamada de Os Poetas Trouxas que mais tarde colaborou com sustento de suas famílias.

Foi no Sambatório Geral que surgiu a ideia de formar a banda Dendalei. Levavam um violão para o bar, ficavam tocando na varanda da casa (o bar era uma casa, diga-se de passagem), faziam muito sucesso com as gatinhas e com toda a malucada que frequentava lá. Até que foram convidados para tocar em um evento em uma faculdade da cidade. O show foi um sucesso. O Álvaro e o Luciano tocando o que ensaiaram e ele muito louco em cima da caixa de som tocando outras músicas. Então perceberam que mesmo sendo toscos, impressionavam o público. Talvez pela cara de pau de se considerarem uma banda. Depois de muitos experimentos em trio, o Cris Siman entra para a banda e promove a narrativa dos palhaços psicodélicos. Doidos eles já eram. Só faltava o selo de qualidade técnica



da arte do clown para abençoar aquela loucura toda.

Evandro recorda que quando o grupo decidiu fazer uma viagem pra Trancoso/BA, ele largou o emprego de telefonista do banco para ir se divertir com os amigos na Bahia. Nessa viagem ajudaram a fundar a Estação Canjerê, um teatro a céu aberto no meio do mato, que o Ronaldo Lampi e o Jeremias comandavam.

Quem abriu as portas do universo do nariz vermelho pra o Evandro foi o Cris Siman que colocava o nariz vermelho nos outros integrantes da banda e gritava: respeite o clown! E por um bom tempo ele achava que o nariz vermelho era o clown. Mais tarde, em uma oficina de palhaço que fez com o Rodrigo Robleño, no Grupo Strada³⁰, descobriu outra coisa. Como ele era considerado o mais “bobão” do grupo, na oficina, isso fazia as pessoas rirem. Em um jogo, com o Cris de estrangeiro e ele de interprete, percebeu que as pessoas riam das suas bobagens. Ali ele entendeu que o palhaço pode dar a volta por cima sendo idiota. E depois que a porta para esse mundo se abriu, entrou e ficou lá, experimentando no parque municipal, nos encontros de palhaços que o Rodrigo promovia.

A construção do seu palhaço tem sido feita a partir de algumas premissas que o artista idealiza e considera muito importante como: o exercício de entrar “vazio” em cena, da busca pela neutralidade a fim de encontrar uma presença cênica, um estado extra cotidiano. Mesmo que isso seja apenas uma tentativa, é algo que ele almeja, porém nem sempre alcança; e, a busca pela naturalidade da ação infantil, do olhar que facilmente se surpreende com as coisas com que se depara porque lhes parecem novidades e que se lança no novo com curiosidade, encontrando prazer no brincar com o público e os outros artistas.

.....

30. Casa de Espetáculos do Grupo Strada (2000-2002): projeto cultural criando por Leonardo Silva e Cris Siman, na cidade de Belo Horizonte/MG.

A curiosidade, o hábito da leitura e o gosto pelos estudos são características cultivadas por ele, o que o torna um dedicado pesquisador, principalmente, no que diz respeito à sua carreira artística. Já teve a oportunidade de aprender com grandes mestres nacionais e internacionais em oficinas singulares como: Cris Siman (2000), Rodrigo Robleño (2001), Adelvande Néia (2001), Alberto Gaus (2004), Ricardo Pucetti (2007), Sue Morrison (Canadá/2007), Doutores da Alegria (2007), Bete Dorgan (2008), Tortell Poltrona (Espanha/2008), Ézio Magalhães (2009), Marcio Libar (2010), Lu Lopes (2010), Wendy Ramos (Peru/2012), Phillipe Gaulier (França/2014), Raquel Socolowics³¹(Argentina/2015) e os circunstâncios ao longo da caminhada.

“*É nas oficinas que concebemos um palhaço, mas é na praça que ele se materializa. Pois de todos os mestres que visitei, sempre foi o público, o melhor de todos, pois é a razão de nossa existência, é ele quem nos ensina a apenas estar e reagir. É na reação que mora o nosso palhaço (entrevista, 2015).*”

Ao refletir e avaliar o percurso que fez até agora, ele ratifica que apesar das dificuldades é possível viver dessa arte, mesmo que ainda tenha que contar com incentivos governamentais para isso. Mas ao mesmo tempo reconhece que é jovem demais pra saber o que é o palhaço em sua magnitude e como viver disso profissionalmente. Entende que a viagem é longa e esse momento parece ser a apenas a primeira parada para olhar para trás e se deliciar com as histórias que o tornaram artista. Resta-lhe saber o que fazer com esse artista para os próximos dez, vinte e trinta anos que ainda estão por vir. Os sonhos e planos estão o tempo todo sendo fabricados.

.....

31. Atriz, palhaça, diretora e professora de nacionalidade Argentina.



Miguel Safe, o palhaço Bambulino

Nascido em 1982, na cidade de Ipatinga, interior de Minas Gerais, aos dez anos de idade mudou-se para a capital Belo Horizonte/MG, onde reside atualmente. É casado com Gabriela da Costa, com quem tem um filho, nascido em setembro de 2014.

Ele considera a família uma entidade muito importante e procura sempre fortalecer esses laços baseado no amor e no respeito. Desde cedo, se enveredou pelos caminhos da arte levado pelos encantos das suas primeiras experiências artísticas como espectador/apreciador, mas foi no início de seus 20 anos, pelas influências recebidas nos ambientes acadêmicos que frequentou que começou a trabalhar na área.

Para melhor compreender a sua trajetória de vida no campo artístico, começou compondo e declamando versos poéticos nos corredores e festas do Campus da UFMG, depois sentiu a necessidade de levar o seu trabalho para outros lugares como praças, abrigos, escolas, etc. Ao experimentar a figura do palhaço nos saraus poéticos e em abrigos de crianças percebeu o quanto tal linguagem tinha a capacidade de despertar afetos. Desde então, o amor pela palhaçaria foi só aumentando, passou a estudar esse campo artístico e há doze anos, a partir desse estudo, nasceu o Bambulino, palhaço vivido por ele.

Seu nome deriva da palavra bambu, fazendo referência à flexibilidade e resistência de tal planta. Segundo o artista, o seu palhaço tem como pai o Teatro e como mãe a Capoeira Angola. A ideia

foi aliar sua necessidade expressiva à ginga, flexibilidade e espontaneidade do jogo da capoeira.

O artista é militante político em defesa de uma vida sustentável a partir de hábitos saudáveis em harmonia com a natureza. Esses valores também permeiam o seu processo criativo, pois acredita que o seu trabalho possui grande potencial para discutir questões sociais e construir conhecimentos. Seu traço ativista é reforçado pelas parcerias de trabalho que escolhe como o Instituto Ecovida São Miguel/MG, que lida com o processo da permacultura, as associações onde atua como arte/educador e o grupo de capoeira Eu sou angoleiro/MG, entre outros.

Para ele a palhaçaria é um ato político. Brincar com o cotidiano, transformá-lo em algo extra cotidiano e por meio do riso, gerar reflexões, por si só, já é um ato virtuoso. Segundo ele, o que mais recompensa em seu trabalho é ser um agente de construção de conhecimento e de afetos em uma sociedade anestesiada. Além disso, lhe apraz, estar em cena e mesmo que por instantes transformar e ser transformado ao se apresentar para um público distinto.

Antes de se dedicar a carreira artística trabalhou em outras áreas. Primeiro fez aquilo que não queria como vender de cartões de crédito e roupas em um brechó; depois percebeu que podia trabalhar com a sua arte de forma autônoma e com muita dignidade, mesmo sendo uma luta diária e árdua por causa dos problemas políticos, econômicos e sociais que afligem o país.

Em 2006 passou a integrar o grupo mineiro de teatro infantil: Os Queridinhos do Palhaço Pelanca, onde atuava como palhaço, músico e bonequeiro; quase concomitantemente a esse trabalho, fez parte de uma banda chamada Circus de Rock e Blues. E mais tarde, passou a integrar outra banda musical e performática chamada Os Plantas, da qual também faziam parte os artistas Luciano Antinarelli e Evandro Heringer.

Na sociedade junto à Companhia Circunstância (iniciada em 2009) aprende constantemente em parceria com os outros sócios, principalmente nas relações de convivência, trabalho e amizade que são desafios diários, pois segundo ele, é muito importante saber respeitar as qualidades e os defeitos de cada um. Compreende isso, como uma troca valorosa, porque cada um doa e recebe da Companhia recompensas que ultrapassam a ordem material e devido a isso, continuam juntos. Entende que o lema desse coletivo é se adaptar às várias circunstâncias e procuram fazer isso de maneira muito prazerosa.

Além do trabalho como artista se sente muito a vontade desempenhando outras funções, como na criação artística de roteiros, cenas, figurinos e adereços. Também contribui no desenvolvimento de projetos de fomentos públicos, encontros e festivais. Costuma trabalhar nos setores educativos (ministrando oficinas e cursos), de divulgação e promoção da imagem da Companhia, fazendo propaganda, seja nos meios de comunicação (rádio, televisão e Internet) ou indo pessoalmente às comunidades acessando escolas, praças, associações, etc.

Miguel acredita que o palhaço mora na ação e reação do público. Por isso, trata-o com imenso respeito. Por isso se preocupa muito com a qualidade do seu ofício e procura estar em constante processo de aprendizado participando de cursos e oficinas com representantes da palhaçaria em âmbito nacional e internacional visando à qualidade do seu trabalho tanto como artista, quanto empresário autônomo. Já Teve como mestres na arte de palhaços: Rodrigo Robleño (B.H), Esio Magalhães e Alberto Gaus (S.P), Gabriel Chamé (Espanha), Johnny Melville (Holanda), Tortell Poltrona e Pablo Ibarluzea (Espanha), Philippe Goudard (França), Victor Avalos (Argentina), entre outros.

“ Em uma tentativa de definição de arte, vida e palhaçaria, o artista afirma que “a arte é

revolução. A vida é construída passo-a-passo e a palhaçaria é vida e revolução ao mesmo tempo” (Miguel Safe, entrevista, 2015).

Está pesquisando e amadurecendo a ideia de um projeto solo para o seu palhaço Bambulino. Alimenta a vontade de morar em regime de comunidade e em contato direto com a natureza, pois quer que seu filho, o Bento, tenha uma vida que ele julga mais saudável. Tem o sonho que a palhaçaria, um de seus maiores amores, cresça cada vez mais e alcance espaços antes não imaginados e que ele possa, por meio do seu trabalho, ter e proporcionar mais qualidade de vida para todos em sua volta com toda a dignidade que essa arte possui.

Dagmar Bedê, a palhaça Tica Tica do Fubá

“ Hoje tem espetáculo? Tem sim, senhor! Hoje tem marmelada? Tem sim, senhor! E o palhaço o que é? É ladrão de mulher! E a palhaça o que é? Ela é o que quiser! (Canções de palhaços, grifos nossos).³²

A citação acima epigrafada nos ajuda a tecer inferências a respeito da presença da mulher na palhaçaria. Uma conquista que acompanha as transformações históricas da vida em sociedade, principalmente, marcadas pelas lutas dos movimentos sociais.

No estudo Mulheres Palhaças – percursos históricos da palhaçaria feminina no Brasil, a pesquisadora Sarah Santos elucida que:

“ A constituição da mulher palhaça está referendada em elaborações e implicações sociais, políticas e estéticas sobre as diversas

32. Trecho adaptado da música: Canções de Palhaço da Companhia Carroça de Mamulengos.

atuações femininas na sociedade. Assim, até o início do século XX, esta construção cênica específica nos circos ainda era voltada para o homem e muitas mulheres para atuar nesta linguagem, apareceram escondidas sob as roupas do palhaço (SANTOS, 2014, p. 20).

Diante desta referência, destacamos o papel da artista Dagmar Bedê, a palhaça Tica Tica do Fubá, mais conhecida por seu codinome Titica, na sociedade, especialmente, no contexto da palhaçaria mineira, que tem ganhado cada vez mais destaque nesse campo artístico.

Firmar-se palhaça é um projeto de vida para Dagmar. Muito além de metas profissionais, sucesso na carreira ou qualquer coisa assim. É um construir-se diariamente. Significa “domar” os seus anseios, se expor ao seu ridículo e brincar com ele como se fossem melhores amigos. Tornar-se de fato, amigos. Poder ir do riso ao choro, da angústia a esperança, do medo ao amor e vice versa.

Em suas palavras, expressa os sentidos que dá ao seu ofício:

“ Vi na palhaçaria minha possibilidade de errar e ainda ser amada por isso. No começo, não tinha muita noção disso. Já trabalhava há dois anos na Trupe Gaia³³, em Belo Horizonte, mas comecei a querer ir além – entender minimamente aquela arte que me catou e me jogou no mundo. Não importava, se quando criança, me “cagava” de medo daqueles “monstros” com olhos e bocas gigantes que tentavam – sem sucesso – algum tipo de comunicação comigo. Sempre tive medo de

33. Grupo de artistas de Belo Horizonte/MG, fundada em 2007, que tem como proposta a prática e a difusão da consciência ambiental por meio das artes circenses e do teatro.

palhaço e nunca imaginei ser uma um dia. E agora, não me imagino não sendo porque é algo que traz muitos significados para a minha vida e me faz um ser humano melhor (Dagmar Bedê, entrevista, 2015, grifos da autora).

Antes de conceber e praticar profissionalmente esse ofício, a artista estudou e exerceu atividades em outras áreas como a comunicação social e o jornalismo. Em 2007, trabalhando em um projeto social multidisciplinar promovido pela universidade na cidade Dores de Guanhães /MG, participou de um cortejo que anunciava a chegada, da equipe do projeto na cidade, onde saiu pelas ruas brincando com adultos e crianças. A partir daquele dia, ela sempre buscava alguma divulgação para fazer, algum motivo para pintar a cara.

Para ela a palhaça Titica sempre existiu, mas foi em 2008 que apareceu de fato, que se mostrou em cena intencionalmente. Chegou a desenvolver algumas ações em conjunto com a Trupe Gaia e outros parceiros, porém ainda era tudo muito novo. Compreende isso como parte de um processo em que o tempo se encarrega de dizer o quanto ainda é preciso aprender, pois é assim que se vê, como uma aprendiz. Nesse intento, já fez oficinas, cursos e parcerias com mestres nacionais e internacionais, aos quais dedica grande admiração. Em 2014 teve a oportunidade de cursar a ESLIPA/RJ, espaço de qualificação de artistas que atuam com a linguagem do palhaço em diversos espaços cênicos, onde fortaleceu laços profissionais e de amizade.

A Titica é uma palhaça muito motivada, desajeitada e meio histórica em alguns momentos, que busca superar seus próprios limites na atuação.



No processo do jogo cênico, tem percebido que desenvolve um “status baixo”, agregando e explorando a personalidade de augusta, mais que também se torna branca, quando incorpora majestosamente esse estado psicológico de ser do palhaço. Seus gestos, olhares e movimentos em cena são espontâneos, carregados de expressividade, ginga, molejo e versatilidade.

Gosta das esquetes que envolvem malabarismo, acrobacias de solo, tombos e cascatas (técnicas de quedas). Costuma dizer que ama “cair” e “apanhar” na apresentação, fazendo referência ao jogo do corpo cômico. Procura manter muita franqueza na interação com o público, pois percebe o quanto ele pode ser generoso ou não, dependendo do que se oferece a ele, pois é sempre um mundo novo a desvendar. É por causa dele que o artista existe, em uma relação de reciprocidade, por isso, preza pela qualidade na sua atuação dentro e fora dos espetáculos.

O processo de criação do figurino da palhaça Titica também acompanha as transformações pelas quais tem passado desde o seu início nessa arte, prezando sempre pelas visualidades que se contrastam com a imagem ordinária da artista, em uma brincadeira de mostrar o seu oposto, caricaturando os discursos que fabricam modos de feminilidade.

A artista declara em tom filosófico que ser palhaça é aprender a viver a humanidade em sua maior potência, pois é um exercício de se aceitar e acolher o outro independentemente dos estereótipos que muitas vezes nos cegam. É um desafio diário, diante do contexto social em que vivemos. Por isso, faz da palhaçaria uma das suas bandeiras de luta política.

Em 2013, juntamente com outras artistas, fundou o Coletivo Calcinha de palhaça³⁴ com a intenção de promover

34. Endereço eletrônico: <<https://www.facebook.com/CalcinhaDePalhaca/timeline>>.

a palhaçaria feminina em Minas Gerais. É ativista das causas sociais, sobretudo das lutas por igualdade de direitos de gêneros. Especialmente, possui grande apreço e admiração pelas palhaças que têm como referência da arte: Adriana Morales (Grupo Trampulim), Luciene Oliveira (Luba), Mariana Carvalho (Circo em Cena), Adelvane Néia (Margarida), Maku Jarrak (Argentina), Karla Conká (As Marias das Graças), Gardi Hutter, entre outras.

O fato de ser, oficialmente, a única mulher integrante da “casa”, acarreta grandes responsabilidades, principalmente, nos momentos em que precisa lidar com situações em que a força feminina precisa sobressair. Mas, quando há amor, tudo se torna mais fácil, porque acima de tudo a união do grupo é baseada na amizade.





“O riso é a menor distância entre duas pessoas.”

Victor Borge

**PARA CONCLUIR...
“EU VOU ALI E VOLTO JÁ...”**

Começamos, mas não terminamos. É com esse sentimento que chegamos à conclusão dos relatos que contam os dez anos de existência da Companhia Circunstância. Um sonho que começou sendo sonhado por um e depois foi contagiando os outros. Se propagando e se expandindo a cada riso provocado nas ruas, praças, palcos ou demais espaços alternativos.

Diante da rigidez social que envolve a natureza do riso, eis que surgem cinco “paspalhos” para quebrar as regras e burlar a dinâmica dos desencantos de viver em um mundo cada vez mais concentrado na ordem do poder. Mas que uma simples forma de organização empresarial que se constituiu a partir da valorização do desvio moral e físico do ser humano – o ser palhaço. Essa trupe representa a associação de ideais a favor de uma arte com força e militância política, pois acreditam no poder transformador intrínseco a palhaçaria. Esse modo de viver, agir e modificar o mundo que muitos não conseguem compreender devido à força dos estereótipos que formam as suas visualidades.

Os circunstâncias compreenderam, ainda nos primeiros anos da trajetória dessa trupe, que uma vez tendo escolhido a linguagem do palhaço como elemento principal de seu repertório, estavam aceitando como condição deste trabalho a responsabilidade de ser agente de transformação pessoal e social inerente a natureza deste ofício. Uma responsabilidade sem peso, pelo contrário, que impulsiona e motiva esses artistas e os preenche de paixão e ideologia. Coisas que se leem em livros, mas que só se aprende e assimila - assim, a nível celular e corpóreo, na lida cotidiana do fazer, no “têti a têti” com o respeitável público, nas lições transmitidas através do espaço, no ir e vir das energias invisíveis que se fazem sentir nas sutilezas dos olhares em volta, no ritmo das respirações.

O palhaço sabe, sem qualquer necessidade de palavras ou outras comunicações objetivas, quando o público está com ele. Sabe quando a atenção deste se dispersa, sabe quando ganha ou perde o jogo. Tudo isso se faz perceptível no espaço energético do encontro. Ali, na relação mais essencial, o simples olhar, onde nenhum engano existe, onde de nada adianta mentir, onde tudo se manifesta exatamente como é, doa a quem doer. O que vale é a capacidade do artista de decifrar do que sua plateia precisa para tornar-se capaz de embarcar com ele na sua viagem.

Refletindo em torno destas questões a Cia Circunstância se conscientiza a cada momento sobre a real importância de se cuidar com especial atenção da clareza do conteúdo que leva pra cena e seu poder de alcance diante de cada público. É necessário estar sensível para perceber as sutilezas de cada situação, de cada espetáculo, pois em cada tempo e espaço, pode ser imprevisível e absolutamente novo o clima estabelecido com a plateia. Muitas vezes, o que deu certo, o que gerou afeto uma vez, pode ser completamente indiferente ao público em outra circunstância. Com tanta margem de erro, acertar a linguagem equivale encontrar e eleger os códigos capazes de cruzar fronteiras ocasionadas por razões diversas, até afetar e estabelecer contato.

Os palhaços Alegria Também, Guimba, Repimboca, Bambulino e Titica, cada um, a seu modo, são partes fundamentais das fantasias que permeiam o imaginário da palhaçaria brasileira e abraçam a causa construindo essa história. Mesmo nos momentos mais difíceis eles seguem agarrando os sonhos e buscando novas estratégias para continuar tratando com dignidade os seus rubros narizes.

V. REFERÊNCIAS

ALBISSÚ Nelson. Aventuras de Pedro Malasartes (reconto). São Paulo: Editora Cortez, 2009.

BERGSON, Henri. O riso: ensaio sobre a significação da comicidade. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

CASTRO, Alice Viveiros de. O Elogio da Bobagem – palhaços no Brasil e no mundo / Alice Viveiros de Castro – Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

FERNANDES, Fernanda Moreto. Levando a sério a palhaçada: um estudo da natureza ambivalente do riso. Dissertação apresenta ao curso de Mestrado em

Antropologia Social. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012, p. 93.

GROTOWSKI, Jerzy. Em busca de um teatro pobre. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

HOLMGREN, David. Permacultura, Princípios e caminhos além da sustentabilidade, Via Sapiens (Brasil) 2013.

MAFFESOLI, Michel, O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

REIS, Demian Moreira. Caçadores de risos: o maravilhoso mundo da palhaçaria / Demian Moreira Reis. - Salvador, EDUFBA, 2013. 394 p. Il.

ROBLEÑO, Rodrigo. E o palhaço o que é? In. Circonteudo: O portal da diversidade circense. 2009. Disponível em: <<http://www.circonteudo.com.br/>>. Acesso em junho de 2015.

SANTOS, Sarah Monteath dos. Mulheres Palhaças: percursos históricos da palhaçaria feminina no Brasil. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2014. 180 f.

SILVA, Erminia; ABREU, Luís Alberto de. Respeitável público... O circo em cena. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

_____, Erminia; MELO FILHO, Celso Amâncio de. Palhaços excêntricos musicais. Rio de Janeiro: Grupo Off-Sina, 2014.

SOUZA, Cláudia Funchal Valente. O Corpo Cômico Em Jogo: Um Estudo Acerca da Improvisação do Palhaço. Dissertação de Mestrado em Arte. Instituto de Arte/UEP. São Paulo, 2011.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. Dicionário de Teatro. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Nota sobre as organizadoras:



Clícia Tatiana Alberto Coelho

Possui Licenciatura Plena em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá/UNIFAP (2003), Especialização em Metodologia do Ensino da Arte com Complementação ao Magistério Superior (2005) e mestrado pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. É professora na Universidade Federal do Amapá/UNIFAP, tem experiência na área de educação com ênfase no Ensino de Arte e outros temas conexos.



Maria Letícia Marçal

É pintora formada em Artes Visuais pela UFMG. Atriz autodidata e palhaça. Diretora e fundadora da Trupe Teatro Aversa. Arte-ativista no Espaço Comum Luiz Estrela e outros coletivos político culturais autônomos. Trabalha na fronteira entre artes visuais e cênicas, pesquisando linguagens e meios de aproximação entre arte e cotidiano. Já atuou em produções da Fabulosa Cia de Bonecos, Giramundo Teatro de Bonecos, Lume Teatro e Cia de Teatro Zecora Ura.

